

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

PAOLA GOMES PEREIRA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
CONTINENTE AFRICANO PARA SUJEITOS ALUNOS**

PORTO ALEGRE

2012

Paola Gomes Pereira

O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
CONTINENTE AFRICANO PARA SUJEITOS ALUNOS

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Geografia da Universidade Federal do Rio
grande do Sul para a obtenção do grau de
Mestre em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni

Porto Alegre

2012

CIP - Catalogação na Publicação

Pereira, Paola Gomes

O ensino de Geografia e as representações sociais do continente africano para sujeitos alunos / Paola Gomes Pereira. -- 2012.

157 f.

Orientador: Antonio Carlos Castrogiovanni.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Ensino de Geografia. 2. Representações Sociais. 3. África. I. Castrogiovanni, Antonio Carlos, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PAOLA GOMES PEREIRA

O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO
CONTINENTE AFRICANO PARA SUJEITOS ALUNOS

Dissertação de mestrado aprovada como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Geografia, da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, pela
seguinte banca:

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni
Programa de pós-graduação em Geografia, UFRGS

Prof^a. Dra. Ivaine Maria Tonini
Programa de pós-graduação em Geografia, UFRGS

Prof. Dra. Roselane Zordan Costella
Programa de pós-graduação em Geografia, UFRGS

Prof. Dra. Ana Regina de Moraes Soster
Departamento de Geografia, PUC-RS

Porto Alegre, 20 de agosto de 2012

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que me oportunizou excelentes aulas durante os cursos de graduação e pós-graduação.

Aos professores do Departamento de Geografia e do Programa de pós-graduação que contribuíram para minha formação acadêmica.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por oferecer bolsas de estudo que incentivam a pesquisa.

Ao grupo PET/Geografia da UFRGS que logo no início do meu percurso acadêmico possibilitou compreender um pouco melhor a organização da universidade. Aos colegas petianos que através do diálogo permitiram um crescimento pessoal e intelectual de todos. Aos tutores do grupo PET/Geografia Prof^a. Rosa Medeiros e Prof. Nelson Gruber.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo oferecimento de bolsa de mestrado e por incentivar a cooperação internacional e através de suas ações oferecer a oportunidade de realização de intercâmbio acadêmico.

Aos professoras participantes da banca de avaliação da dissertação de mestrado Prof^a. Ivaine Tonini, Prof^a. Roselane Costella e Prof^a. Ana Soster que devido as suas contribuições teóricas me fizeram considerar importante sua participação nesse momento.

Ao meu orientador de pesquisa desde a graduação, Prof. Antonio Carlos Castrogiovanni, que foi incansável em contribuir para meu crescimento enquanto professora e pesquisadora. E aceitou o desafio de mudanças de prazos.

Aos colegas de curso de graduação e de pós-graduação que participaram de trabalhos, eventos, discussões, conversas e que buscaram o amadurecimento de maneira conjunta.

À coordenação do programa de pós-graduação que através da Prof^a. Nina Moura forneceu auxílio nos momentos necessários.

Aos colegas profissionais que me receberam na escola para realização das entrevistas. Aos sujeitos alunos que dialogaram comigo e contribuíram de maneira imensurável para o trabalho.

Aos colegas de orientação Marcos, Carlos Geovani, Juliane, Karen, Fábio, Bruno e Kinsey que compartilharam momentos de crescimento pessoal e intelectual.

E novamente ao nosso orientador Antonio Carlos Castrogiovanni por incentivar esses momentos de comunicação.

Às minhas amigas queridas Jeanine, Luana, Caroline e Ana Paula que sempre me possibilitaram momentos de alegria em tempos de aflição.

À minha família. Minha irmã Laura, que me tornou mais hu(mana). Meu pai Paulo, que sempre me instigou a querer conhecer outros lugares. Minha mãe Débora, incansável em todos os momentos. Eles são os grandes responsáveis por minha vontade de estudar e conhecer o mundo. E agradeço principalmente o fato de viver em uma casa onde nos ajudamos e crescemos juntos.

E era como se naquele imenso mar se desenrolassem os fios da história, novelos antigos onde nossos sangues se haviam misturado. Eis a razão por que demorávamos na adoração do mar: estavam ali nossos comuns antepassados, flutuando sem fronteiras. Essa era a raiz daquela paixão.

(Mia Couto – Terra Sonâmbula)

RESUMO

No seguinte trabalho buscamos identificar as representações sociais do continente Africano presentes para os sujeitos alunos. Em dois momentos: antes de depois de trabalharem esse continente nas aulas de Geografia. Ao longo da pesquisa foram pensados trajetos metodológicos que consideramos adequados para nos ajudar a responder, ainda que provisoriamente, nossos objetivos. Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa que trabalhou com duas técnicas na busca por atender os objetivos propostos. Foram aplicados dezessete grupos focais com alunos de sétima série (oitavo ano) do Ensino Fundamental e primeiro ano do Ensino Médio. Em seguida foi realizada uma análise de conteúdo do jornal Zero Hora, na qual foram selecionadas as matérias que citavam algum país do continente Africano durante o mês de outubro de dois mil e nove, dois mil e dez e dois mil e onze. No total foram analisadas noventa e três edições do jornal. Ao longo da caminhada de pesquisa procuramos enxergar o projeto através do paradigma da complexidade, dessa maneira, trabalhamos com três princípios para ver o problema de pesquisa: a *Dialógica*, o *Holográfico* e a *Recursão Organizacional*. Nossa busca por pensar essas representações sociais fez com que nos questionássemos se as representações são valorativas, ou não? Se a maneira como elas estão colocadas faz com que se sejam estabelecidas relações de dominação? Se nós, enquanto professores de Geografia, podemos repensá-las e transformá-las? Nos resultados percebemos, através da leitura dos grupos focais, que a África parece ser representada pelos sujeitos alunos de maneira muito próxima a como é representada pelos veículos de mídia. O continente africano é mostrado a partir de ínfimas temáticas e constantemente com atribuições negativas. Ressaltamos a nossa importância enquanto professores de Geografia na possível mudança dessas representações.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Representações Sociais. África.

ABSTRACT

In the following study we aimed to understand the social representations of the African continent, the representations that were present for students. In two moments: before and after working with this continent in geography lessons. Throughout this study were thought methodological paths that we considered appropriate to help us to respond, even though temporarily, our goals. We develop a qualitative study that worked with two techniques as an effort to attend the proposed objectives. We applied seventeen focus groups with elementary school students and high school freshmen. Then we performed an analysis of the content of a local newspaper called *Zero Hora*, in which we selected news that cited a country situated on the African continent. During the month of October in the years: two thousand and nine, two thousand and ten and two thousand and eleven. In total we analyzed ninety-three editions of the newspaper. Along the way of the research we tried to see the project through the paradigm of complexity, this way, we worked with three principles to understand the research problem: the Dialogic, the holographic and the recursivity. Reflecting about these representations made us question ourselves if the representations were evaluative, or not? If the way they are placed made them as established relations of domination? If we as geography teachers could stimulate the students for rethinking and transforming them? After analyzing the focus groups, we realized that Africa seems to be represented by the students really similar to the media's representation. The African continent is shown with tiny thematic assignments and constantly in a negative perspective. We emphasize our importance as Geography teachers to give the possibility of changing these representations.

Keywords: Geography Teaching. Social Representations. Africa.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Incidência de palavras nas entrevistas.....	52
Gráfico 2 - Agrupamento das palavras de acordo com o seu significado.....	53
Gráfico 3 - Incidência de palavras nas entrevistas.....	61

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Organograma	28
Imagem 2 - A representação cartográfica no jornal.....	41
Imagem 3 - Fotografia presente na reportagem da Imagem 2	42
Imagem 4 - Fotografias das vencedoras do Prêmio Nobel da Paz de dois mil e onze	43
Imagem 5 - A representação das milícias no continente.....	44
Imagem 6 - Demonstração da influência externa do Brasil na África, caracterizada como “apoio social”	45
Imagem 7 - Contorno do continente Africano com associação de palavras.....	48
Imagem 8 - Palavras escolhidas pelos alunos para representar o continente Africano	49
Imagem 9 - Matéria do jornal Zero Hora que apresenta os países com nota mais alta (Noruega) e baixa (Níger) no Índice de Desenvolvimento Humano contabilizado pela Organização das Nações Unidas.	65
Imagem 10 - Notícia no jornal Zero Hora sobre website que disponibiliza fotos de eventos históricos.....	66
Imagem 11 - Representação de problemas sociais nos países do leste africano por notícia do jornal Zero Hora	68
Imagem 12 - Notícia que relata brevemente o processo eleitoral em Moçambique ..	69
Imagem 13 - Relato sobre piratas da Somália	70
Imagem 14 - A questão da fome	71
Imagem 15 - Presença de Nelson Mandela	73
Imagem 16 - Questões negativas em país africano	74
Imagem 17 - Ação dos piratas Somalis. Trecho do jornal Zero Hora do dia 25 de outubro de 2010.	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Orientações iniciais da pesquisa.....	19
Quadro 2 - Ideias apresentadas pelos sujeitos categorizadas de acordo com a leitura da autora.....	49
Quadro 3 - Palavras destacadas de acordo com os grupos.....	52
Quadro 4 - Ideias mais presentes para os alunos.....	54
Quadro 5 - Palavras destacadas de acordo com os grupos.....	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 NOSSAS (IN)QUIETUDES QUE (DES)ORIENTAM	15
3 CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	20
3.1 Busca por um Pensamento Complexo	20
3.2 Pesquisa Qualitativa	23
3.2.1 Grupos Focais	24
3.2.2 Análise de Conteúdo	24
3.3 Caminhos.....	25
4 AS LENTES QUE ORIENTAM OS CAMINHOS.....	29
4.1 Representações Sociais	29
4.2 Espaço Geográfico e Globalização.....	33
4.3 Ensino de Geografia	35
5 CAMINHOS JÁ PERCORRIDOS - ENSAIOS METODOLÓGICOS - POR ENTRE MARES COMUNICACIONAIS/DESCOMUNICACIONAIS ENTRE-LUGAR A SEPARAÇÃO, NEM TUDO QUE UNE AGREGA	38
5.1 O Jornal e o Retrato Continental	38
5.2 Grupo Focal Piloto	46
6 CONVERSAS GEOGRÁFICAS.....	51
6.1 Conversas Pré-Africanas.....	51
6.2 Conversas Pós-Africanas.....	57
7 A PERIODICIDADE DO JORNAL	63
7.1 Outubro 2009	64
7.2 Outubro 2010	72
8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES MOMENTÂNEAS	78
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA	86

1 INTRODUÇÃO

Aprender sobre um continente, não significa apenas possuir informações a respeito daquele espaço. Implica em um envolvimento na busca por descobrir facetas da Geografia de um lugar que não está presente materialmente. Transpor-se para o desconhecido através de um exercício mental. É a partir deste desafio, presente no fazer diário da maioria dos professores de Geografia, que nos propusemos a desenvolver a dissertação de mestrado a seguir.

Enxergando nossa pesquisa através da ótica de um pensamento complexo. Pensando que *complexus* é aquilo que se tece junto. Ao tecermos nossa dissertação procuramos estabelecer um diálogo entre o professor/pesquisador e os alunos. Buscamos compreender como nossos alunos constituem-se enquanto sujeitos.

Na procura por essa compreensão, investigamos quais as representações sociais de espaços são construídas por esses sujeitos alunos. A África surge no percurso, pois, em nossa leitura de mundo enquanto professores comprometidos com o ensino de Geografia, esse é o continente que aparentemente possui as representações sociais mais cristalizadas sobre o seu espaço, representações sociais que aparentam ser valorativas. Questionamos sua influência na construção de conhecimento realizada pelos sujeitos alunos.

Desse modo, ensinar Geografia é fundamentalmente perceber que o sujeito que utiliza o espaço geográfico não é um ser passivo, mas alguém que interfere na constituição do significado do ato comunicativo. De forma alguma, podemos ser compreendidos como meros apresentadores de espaços com representações sociais cristalizadas; ou como reprodutores de uma forma de dominação formativa espacial; ou ainda, como meros usuários de instrumentos impostos por outras formas de comunicação.

Ensinar Geografia deveria exigir-nos a oportunidade de oferecer aos alunos sujeitos amadurecer e ampliar o domínio que eles já têm das práticas espaciais. E tornarem-se autônomos e autores na construção do mundo em que vivem. Em nossa leitura, entendemos que a escola, nunca deveria partir do zero, pois os sujeitos alunos são complexos e trazem em si significados que os constituíram ao longo de sua formação. Parece-nos que os veículos midiáticos são, atualmente, construtores de significados. Assim para complementar a ótica de nossa pesquisa, investigaremos também uma das formas de comunicação de tais veículos.

A introdução de um texto mostra-se como uma tentativa de apresentá-lo para o leitor e instigá-lo à continuidade da leitura. Esperamos que o tema atraia nossos colegas professores de Geografia e possa gerar reflexões que busquem qualificar nossas atividades docentes.

Para nós a busca por desenvolver um trabalho em uma escala que normalmente não é beneficiada nos trabalhos acadêmicos da Geografia mostrou-se instigante. E simultaneamente um importante exercício em nossa leitura do espaço geográfico. Ao trabalhar com o olhar para outras escalas e visualizar questões que primeiramente poderiam parecer distantes.

O trabalho não busca respostas definitivas uma vez que a complexidade nos orienta a perceber que mesmo que encontremos algumas respostas, elas podem ser provisórias e mutáveis. Sem repostas definitivas. Propomo-nos, então, a estar eternamente em processo de nos (des)fazermos sujeitos pesquisadores.

2 NOSSAS (IN)QUIETUDES QUE (DES)ORIENTAM

Ao refletirmos sobre o ensino de Geografia no Brasil percebemos que as práticas docentes em muitos momentos são orientadas por conteúdos propostos pelos documentos oficiais do país. Entre eles os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN's), a Matriz de Referência do *Exame Nacional do Ensino Médio* (ENEM) e no âmbito estadual o Referencial Curricular da Secretária de Educação do estado do Rio Grande do Sul, *Lições do Rio Grande: ciências humanas e suas tecnologias*. Constatamos também a larga utilização do livro didático enquanto norteador desses fazeres docentes. No entanto, torna-se imprescindível que sejam consideradas outras questões para compreender um pouco melhor os processos de ensino e aprendizagem que acontecem na escola.

Consideramos que os sujeitos constituem-se com representações sociais e refletimos sobre a possibilidade de influência dessas representações na maneira como eles aprendem. Assim deparamo-nos com verdades provisórias e questionamentos instigantes e que irão orientar a nossa pesquisa. Ao pensarmos as diferentes regiões continentais enquanto espaço geográfico entendemos que cada uma delas será constituída de diferentes representações sociais. E nos questionamos como as aulas de Geografia têm contribuído para a transformação dessas representações. Buscamos repensar o continente Africano e as representações dos alunos sobre esse espaço geográfico. Como elas se apresentam anteriores e posteriores a esse tema ser trabalhado nas aulas de Geografia. Algumas indagações momentâneas que nos (des)orientam são: As aulas de Geografia questionam refletir sobre essas representações, ou não? Elas têm sido eficientes nesse sentido? A dificuldade em transformar essas representações torna a construção da noção do espaço geográfico enquanto totalidade menos significativa e representativa, ou não¹? De acordo com Morin (2002a, p. 21) “a educação precisa se dedicar à identificação da origem de erros, ilusões e cegueiras”. Em nossa pesquisa investigamos como a presença dessas representações pode interferir no desenvolvimento de competências e habilidades essenciais à uma melhor compreensão do espaço.

¹ A utilização da expressão “ou não” no final dos questionamentos é uma proposta do método de repensar a própria pergunta e mesmo que pareça repetitiva em alguns momentos consideremos importante sua utilização.

Enquanto caminho científico temos o apoio de um pensamento complexo baseado principalmente em Morin (1999, 2002a, 2002b, 2010). Para orientar nossas reflexões sobre as representações sociais dialogaremos com Moscovici (2003), e Guareshi (2005, 2011). Ao trabalharmos com temas relacionados à Geografia e ao Ensino de Geografia nos apoiamos em Milton Santos (2004), Doreen Massey (2009), Lana Cavalcanti (2002, 2007) e Antonio Carlos Castrogiovanni (2007a, 2007b, 2011). Para pensar esses conceitos de maneira complexa, consideramos que:

Os processos cognitivos são produtores e produtos de atividade hipercomplexa de um aparelho que computa/cogita e modo informacional/representacional/ideal,digital/analógica, quantitativo/qualitativo, lógico/alógico, preciso/impreciso, analítico/sintético, classificador/ desclassificador, formalista/ concreto, imaginativo/verificador, racional/mitológico. Todos esses processos tendem a construir traduções perceptivas, discursivas ou teóricas dos acontecimentos, fenômenos, objetivos, articulações, estruturas, leis do mundo exterior; dessa maneira, o conhecimento tende a duplicar o universo exterior num universo mental que coloca o espírito em correspondência com o que ele quer conhecer. (MORIN, 2002b, p. 225).

A partir dessas observações e referenciais são pensados diferentes caminhos metodológicos que permitam trabalhar com tais representações e fazer com que os alunos saiam de seu local de conforto e repensem ideias cristalizadas. Analisamos o quão significativo é o conhecimento geográfico construído a partir da utilização da metodologia que procura desconstruir algumas dessas representações e proporcionar novas visões. Pensamos compreender a influência da comunicação escrita, no caso jornais, na construção dessas representações e analisaremos diferentes canais de comunicação presentes no dia-a-dia dos sujeitos².

A educação de maneira geral encontra inúmeras questões que necessitam ser repensadas e discutidas, na procura de envolver os alunos na vida escolar. Por vivermos em um mundo complexo, nos tornamos um produto de várias relações estabelecidas anteriormente e as representações sociais que possuímos são determinantes na maneira como iremos desenvolver novos conhecimentos e é imprescindível que isso seja considerado ao pensarmos práticas pedagógicas. Assim, nos parece essencial que seja analisado e pensado como essas

² Consideramos a noção de sujeito a partir de Edgar Morin (2010), apresentada no capítulo seguinte. Para facilitar a leitura do texto não insistiremos na repetição do termo e alguns momentos utilizaremos outras expressões, mas sempre nos vendo enquanto sujeitos.

representações influenciam a maneira como o aluno irá aprender Geografia. E procurar desenvolver métodos que permitam lidar com essas representações para tornar a construção de conceitos mais significativos.

As representações sociais já são um tema decorrente na Geografia há certo tempo, no entanto, as pesquisas que relacionam essas representações, a maneira como os alunos desenvolvem novas competências parecem-nos poucas, tendo em vista os caminhos que podem ser tecidos ao relacionarmos essas duas áreas. Podemos citar com exemplo Cavalcanti (2007) em livro escrito a partir de sua tese de doutorado, uma tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo (PAULO, 2007), e tese, artigos e capítulos de livros de Kozel (2001, 2002, 2008). Algumas vezes o conceito aparece relacionado a outras áreas, que não a educação. Quando aparece ligado à educação normalmente acaba sendo abordado em relação às representações sociais dos professores e não as dos alunos. Dessa maneira esse projeto procura responder a tais questões e pensar novas perspectivas para o ensino de Geografia.

Apesar do reconhecimento da importância de práticas que envolvam essas duas áreas do conhecimento a sua utilização no Brasil parece-nos incipiente. Nosso estudo busca dessa maneira desenvolver práticas que incluam essa relação, ensino de Geografia e representações sociais, para criar novas possibilidades de construção de conhecimento. A identificação e posterior análise das representações sociais subsidiará a construção de competências que permitam ao aluno realizar o exercício da leitura do espaço geográfico. Assim, acreditamos nesse momento que está presente a possibilidade do aluno desenvolver uma compreensão de mundo mais abrangente, o que poderá proporcionar sua participação efetiva na sociedade.

Sob nosso olhar o problema da pesquisa demonstra-se pertinente e com possibilidades de contribuições efetivas para pensar o ensino de Geografia. Na busca por uma melhor compreensão desse problema (questão) temos os seguintes objetivos:

- a) referenciar conceitos e temas relacionados à complexidade, representações sociais, ensino de Geografia e espaço geográfico;
- b) identificar representações sociais presentes em alunos do ensino fundamental;

- c) analisar as representações sociais do continente africano na mídia impressa;
- d) caracterizar a presença dessas representações sociais em diferentes momentos da vida escolar do aluno;
- e) avaliar a efetividade das aulas de Geografia na transformação das representações sociais.

A partir dos objetivos apresentamos no quadro 1 a possibilidade de observar algumas perguntas que fazemos sobre a pesquisa e possíveis caminhos. Pensando “O que” queremos saber? “Por quê” queremos saber isso? e “Como” podemos responder os nossos objetivos, mesmo que provisoriamente?

Quadro 1 - Orientações iniciais da pesquisa.

O que?	Por quê?	Como?
- Referenciar conceitos e temas relacionados à complexidade, representações sociais, ensino de geografia e globalização	- importância da retomada teórica para mostrar de onde partimos e quais conceitos e noções nos baseamos para desenvolver nossa pesquisa.	- Leitura de livros, artigos, periódicos e outras fontes relacionadas aos temas e conceitos escolhidos e elaboração de referencial teórico;
- Identificar representações sociais presentes para os sujeitos alunos;	A identificação das Representações Sociais é parte essencial do trabalho, pois, a partir das representações observadas será possível pensar como elas são construídas. Por que elas são construídas? Quais os interesses para que essas representações estejam presentes. Através de quais meios elas são construídas.	- Aplicação de questionários de entrevistas grupais com os alunos, através de grupos focais;
- Caracterizar a presença dessas representações sociais em diferentes momentos da vida escolar do aluno;	A busca por perceber se essas representações são influenciadas pelas aulas de Geografia apresenta-se, pois, é importante que nos questionemos enquanto professores e busquemos analisar a efetividade das nossas práticas para proporcionar aos alunos autonomia em seu pensamento. Nossas aulas estão perpetuando idéias já cristalizadas ou as questionamos e buscamos novas lógicas?	- Com a aplicação de atividades anteriores em turmas de diferentes momentos escolares, nos quais, o continente africano já tenha ou não, sido trabalhado nas aulas de Geografia;
- analisar a construção das representações sociais do continente africano na mídia impressa;	Os veículos midiáticos influenciam como construtores de significados. Pensamos ser importante buscar como é apresentado esse espaço no jornal.	- Realização de análise de conteúdo temática;
- Avaliar a efetividade das aulas de Geografia na transformação das representações sociais;	Após desenvolvermos nosso trabalho é imprescindível a reflexão sobre as situações encontradas naquele momento e as possibilidades de encaminhamento a partir delas.	- Através da avaliação de atividades anteriores e posteriores à participação dos pesquisadores nos grupos focais e nas análises;

Fonte: Elaborado pela autora

3 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Um exercício de pesquisa pressupõe que façamos escolhas, sejam teóricas, sejam metodológicas. Neste capítulo exporemos nossas escolhas metodológicas, que orientaram os caminhos trilhados neste processo.

3.1 Busca por um Pensamento Complexo

Ao entendermos esta dissertação enquanto um exercício de pesquisa nos propomos a refletir sobre os caminhos metodológicos possíveis. Com as escolhas feitas utilizamos, neste momento, para orientar este percurso o Paradigma da Complexidade.

Optamos por desenvolver a pesquisa na lente moriniana, com a presença de incertezas e na procura de contextualizar e unir. Para evitar como apresentado por Morin (2003) os problemas na organização do conhecimento que acabam proporcionando a separação, a disjunção e a redução no que o autor denomina o Paradigma da Simplificação. É a partir desse questionamento que tal maneira de pensar, utilizada durante um longo período enfraqueceu a comunicação entre o conhecimento científico e a reflexão filosófica. Tendo a redução do complexo ao simples como a única maneira de atender as necessidades criadas por essa situação. Gerando a hiperespecialização que rasga e retalha o tecido complexo das realidades e que faz pensar que o corte arbitrário realizado sobre o real era o próprio real.

Procurando ir além da simplificação buscamos através do diálogo com o referencial trabalhar metodologicamente na procura de enxergar o nosso objeto no pensamento complexo. Que Morin (1999, p. 31-32). nos apresenta como:

Complexus significa originariamente o que se tece junto O pensamento complexo, portanto, busca distinguir (mas não separar) e ligar. Ao mesmo tempo, impõe-se, como vimos acima, outro problema crucial: tratar a incerteza. Por quê? Porque por toda parte, nas ciências, o dogma de um determinismo universal desabou, enquanto a lógica, chave-mestra da certeza do raciocínio, revelou incertezas na indução, impossibilidades de decisão na dedução e limites no princípio do terceiro incluído. Assim, o objetivo do pensamento complexo é ao mesmo tempo unir (contextualizar e globalizar) e aceitar o desafio da incerteza.

A partir disso buscaremos tecer junto algumas das inúmeras facetas apresentadas pelo Ensino da Geografia. Perpassamos a ideia de que na procura por conhecer, não podemos isolar uma palavra, uma informação; é necessário ligá-la a um contexto e mobilizar o nosso saber, a nossa cultura, para chegar a um conhecimento apropriado e oportuno da mesma (MORIN, 1999). Procuramos tecer juntas as diferentes faces que compõe as possíveis representações de um espaço Geográfico.

Na proposta de trabalharmos com a educação temos presente a pré-existência do erro e da ilusão, e a possibilidade da presença em nossos percursos investigativos. Pois, como nos apresenta Morin (2002a) todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão. Ao pensarmos uma educação do futuro assume-se que ela deve enfrentar o problema de dupla face do erro e da ilusão, dessa maneira o maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. E esse reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais.

Nesse trabalho consideramos os princípios da *Dialógica*, da *Recursão Organizacional* e o *Hologramático*. O princípio da *Dialógica* une dois princípios ou noções que deveriam ser antagônicos e excluir um ao outro, contudo são indissociáveis em uma mesma realidade (MORIN, 1999); ou seja, apesar de duas questões se apresentarem de maneira antagônica não é possível analisá-las sem considerar uma a outra, tornando-as ao mesmo tempo opostas e necessárias.

Para complementar nossas idéias utilizamos o princípio da *Recursão Organizacional* (MORIN, 2003) que lembra um processo de remoinho, no qual não se sabe mais o que é a causa e o que é o efeito. Em nossa pesquisa, nos propomos a pensar esse sentido, pois, ao entendermos o mundo de maneira complexa. Não nos parece possível definir a partir do problema de pesquisa a relação entre as representações sociais existentes do continente africano e se elas são ideológicas, se buscam criar relações de dominação, enquanto causa e efeito, e sim nesse sentido proposto por Morin (1999) de uma recursão organizacional. Estaria o continente Africano sendo representado dessa maneira, pois, encontra-se sob uma situação de dominação ou ele encontra-se sob dominação porque é representado dessa maneira? Em nossa leitura para uma questão como essa, não existe uma situação de causa e efeito facilmente identificáveis e sim uma relação complexa que nos exige compreender inúmeras faces apresentadas pela questão. A ideia

recursiva rompe com a linearidade de produto/produzidor, causa/efeito, estrutura/superestrutura, uma vez que tudo o que é produzido volta sobre o que o produziu num ciclo auto-organizador e auto-produzidor.

Para acompanhar nosso percurso metodológico utilizamos o princípio *Hologramático* (MORIN, 2003) que se baseia na ideia de um holograma que possui em sua menor parte a quase-totalidade da informação, não pensando apenas que a parte está no todo, e, no entanto o todo também se apresenta na parte. Proporcionando assim o princípio para pensar nossas entrevistas, nas quais, a conversa com um pequeno grupo (a parte) nos permitirá pensar o todo. Tal princípio nos auxilia a pensar também a análise de conteúdo de veículos midiáticos, pois, ao mesmo tempo em que um jornal é local (parte) ele é constituído por notícias ofertadas por agências internacionais de notícia (todo) que oferecem essa visão a inúmeros locais. Fazendo com que nesse holograma, ao lermos uma parte, conseguimos ter uma ideia do todo. Entendemos que o ao pensarmos o todo e buscarmos compreender a sua complexidade em vários momentos ficamos sufocados pela quantidade de informação. Em nossa leitura, nos parece possível obter uma melhor compreensão do todo, a partir da compreensão das partes, que somadas serão mais que o todo.

Retomando a ideia anterior de que *complexus* significa o que foi tecido junto, Morin (2002b) nos traz que de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo, e pensa que existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto. As partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si e que por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os três princípios são pensados de maneira conjunta e complementar, pois, ao refletirmos o todo na parte e a parte no todo, não deixa de estar presente o pensamento recursivo, da não diferenciação de causa e efeito. Nessa lógica inclui-se também a dialógica. Reforçando dessa maneira a importância que pensamos ter na procura por desenvolver um pensamento complexo.

Nesse processo trabalhamos com a noção de sujeito. Para Morin (2010, p. 118) o sujeito irá aparecer

na reflexão sobre si mesmo e conforme um modo de conhecimento intersubjetivo, de sujeito a sujeito, que podemos chamar de compreensão. Contrariamente, ele desaparece no conhecimento

determinista, objetivista, reducionista sobre o homem e a sociedade. opagou entre elas o princípio determinista e redutor.

Pela leitura de Morin (2010) entendemos que a primeira definição do sujeito seria o egocentrismo, quando o indivíduo posiciona-se no centro de seu mundo. Um segundo princípio é o de identidade no qual “Eu” continua o mesmo, apesar das modificações internas do “eu” (mudança de caráter, de humor), e do “si mesmo” (modificações físicas devidas à idade). Consideremos também para compor os sujeitos os princípios de exclusão e de inclusão, que estão ligados de forma indissociável. O princípio de inclusão “supõe, para os humanos, a possibilidade de comunicação entre os sujeitos de uma mesma espécie, de uma mesma cultura, de uma mesma sociedade”. (MORIN, 2010, p. 119). Morin (2010) apresenta que por ser o produto unitário de uma dualidade é que o sujeito traz em si a atração por um outro *ego*. E essa compreensão permite considerar não apenas um outro sujeito como *ego alter*, mas também um outro eu mesmo, com quem me comunico, simpatizo, comungo.

3.2 Pesquisa Qualitativa

Com proposição dos objetivos anteriores pensamos as possibilidades metodológicas para alcançá-los, mesmo que provisoriamente. Buscaremos desenvolver uma pesquisa do tipo qualitativa, que a partir de Bauer e Gaskell (2005) é importante, pois, para que seja realizada uma cobertura adequada de acontecimentos sociais um pluralismo metodológico se origina como necessidade metodológica. Como nos diz Demo (2012) a pesquisa qualitativa possui forte relação com a educação, em grande parte porque recebeu forte impulso de educadores. O mesmo autor ao pensar como a pesquisa qualitativa deve ser exercida adequadamente na área da educação nos traz que esse tipo de pesquisa tem condições de desmascarar discursos oficiais e projetos políticos manhosos. A possibilidade de repensar algumas lógicas apresentadas é pertinente para o momento da pesquisa.

3.2.1 Grupos Focais

Após a definição do nosso tipo de pesquisa, pensamos nas técnicas possíveis para a tentativa de atendermos provisoriamente nossos objetivos. O grupo focal consiste em uma entrevista grupal com participação de quatro a oito sujeitos e mediada pelo pesquisador. Os grupos focais têm duração de aproximadamente uma hora e são gravados. Assim como na entrevista individual o pesquisador não orienta a investigação a partir de um conjunto de perguntas predeterminadas como em um questionário, as perguntas são quase como um convite ao entrevistado para falar longamente sobre o tema proposto, com suas próprias palavras e tempo de reflexão. (BAUER; GASKELL, 2005).

Para nós a entrevista grupal torna-se mais do que a soma das partes, propõe a procura pela interação entre seus participantes, os sujeitos precisam falar e reagir àquilo que é dito pelos outros sendo assim uma interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade. (BAUER; GASKELL, 2005). Os sujeitos não apenas expressam suas reflexões, mas as contrapõe com proposições de outros do grupo, e a partir disso, podem apresentar ideias que sem essa interação não apresentariam. De acordo com Guareschi (2011, p. 224) coletar dados de situação de interação é extremamente importante quando investigamos representações sociais, pois a partir de suas interações habituais e relações sociais os sujeitos formam suas escolhas. Quando estamos em lugares corriqueiros como fila de banco, escritório, restaurante interagimos, absorvemos ideias de outros sujeitos e fazemos escolhas para a nossa vida e maneira de pensar que não percebemos. Construimos representações sociais nessa interação e por isso, observar a interação é ponto importante na busca por essas representações.

3.2.2 Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo parece nos permitir enxergar alguns indicadores a partir do que é escrito, segundo Bauer e Gaskell (2005) além de podermos observar a fala dos sujeitos, o que eles expressam através da escrita pode nos trazer mais dados e informações do que os autores pensaram estar mostrando inicialmente. Sem que percebamos, trazemos ideias em nossa escrita que não tínhamos como objetivo apresentar.

O objetivo da análise de conteúdo é analisar o que é dito em uma dada unidade de comunicação (GUARESCHI, 2011, p. 219). Nossa leitura enquanto pesquisadores em análise de conteúdo foi orientada a partir dos nossos objetivos. A análise de conteúdo pode ser feita através de duas dimensões: sintática e semântica. (BAUER; GASKELL, 2005, p. 192). Ou também como chamadas por Guareschi (2011) textual e temática. A textual/sintática identifica conteúdos léxicos e toma a palavra como elemento principal para ser analisado. Enquanto a temática/semântica orienta o reconhecimento de temas e ideias. Em nossa pesquisa a análise de conteúdo será temática/semântica.

A duas técnicas escolhidas, análise de conteúdo e grupo focal, proporcionam visões distintas do nosso objeto de pesquisa, na procura por identificar as representações sociais. Uma que ouça a fala dos sujeitos ao invés de apenas escutar e outra que veja a escrita ao invés de apenas olhar. Enquanto pesquisadores buscamos perceber as nuances apresentadas nos caminhos a serem percorridos.

3.3 Caminhos

Na presença de inúmeras dúvidas e inquietações iniciais, nos parece essencial buscar alguns caminhos que orientem mesmo que provisoriamente o percurso investigativo. Caminhos esses que permitam idas e vindas, possibilitando mudanças no trajeto ao longo da pesquisa. Em tal momento as etapas pensadas são as seguintes.

Em um primeiro momento realizamos um levantamento das bibliografias disponíveis sobre os temas e conceitos que irão orientar nossa pesquisa. Após essa escolha será feita a leitura dos livros, artigos, teses e dissertação escolhidos. E, a partir disso estabelecidas as bases teóricas e conceituais para o projeto. Essa construção apesar de mais presente no início do percurso investigativo, estará presente ao longo de todo o processo, com essa revisão serão propostos diferentes diálogos através dos quais se torna possível perceber o lugar de onde falamos.

Para responder aos nossos objetivos provisoriamente é importante caracterizarmos precisamente como deve ser a nossa amostra, por que escolhemos esses sujeitos. Como buscamos identificar as representações sociais anteriores e posteriores às aulas de Geografia. Parece-nos pertinente que as turmas escolhidas

sejam de Ensino Fundamental, sétima série (oitavo ano) e Ensino Médio, primeiro ano, de acordo com os planos de ensino da escola participante. A escola é uma escola estadual da cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, optamos por trabalhar com turmas de escolas públicas dada a diversidade de trajetórias encontradas nesse espaço. A escolha dessas turmas será baseada em diversas características consideradas relevantes para as análises. Parece-nos importante nesse momento da pesquisa, dialogar com alunos que já tenham estudado o continente africano nas aulas de Geografia e alunos que ainda não tenham trabalhado esse conteúdo para estabelecer a relação dessas representações com as aulas da disciplina.

A partir da escolha das turmas, passamos a realização de atividades e entrevistas que procurem identificar representações sociais do continente Africano presentes para os alunos. A elaboração das entrevistas foi baseada no referencial teórico proposto por Bauer e Gaskell (2005) e Guareschi (2011), trabalhamos com a aplicação de Grupos Focais (entrevistas grupais). O número de grupos focais foi será definido com antecedência, utilizamos o conceito de saturação (BAUER; GASKELL, 2005) em que, a partir da leitura do pesquisador, é identificado um momento em que se torna claro que esforços adicionais não trarão mais nenhuma variedade significativa para aquele tema. Caracterizando assim uma pesquisa qualitativa, que busca mais que quantificar as análises necessárias, perceber a partir dos trabalhos já realizados o quão perto se está do objeto da pesquisa.

As representações sociais observadas com maior periodicidade nos alunos foram analisadas quanto à influência no aprendizado de determinados temas da Geografia por parte destes. Buscamos compreender como essas representações estavam presentes antes e depois das aulas de Geografia. E se é possível, ou não, a utilização de diferentes práticas que permitam essa transformação de acordo com a sua ocorrência na leitura feita. Para esse momento trabalhamos com a metodologia proposta por Bauer e Gaskell (2005) e Triviños (2011).

Foi feita uma avaliação das representações encontradas, as metodologias propostas para trabalhar as mesmas e sua real efetividade no desenvolvimento de competências espaciais pelos alunos. De acordo com Triviños (2011, p.170) a pesquisa qualitativa “não estabelece separações marcadas entre a coleta de informações e a interpretação das mesmas”. Essa avaliação foi processual e

realizada ao longo das etapas anteriores. E trabalhamos com a proposta de Triviños (2011) e Demo (2011).

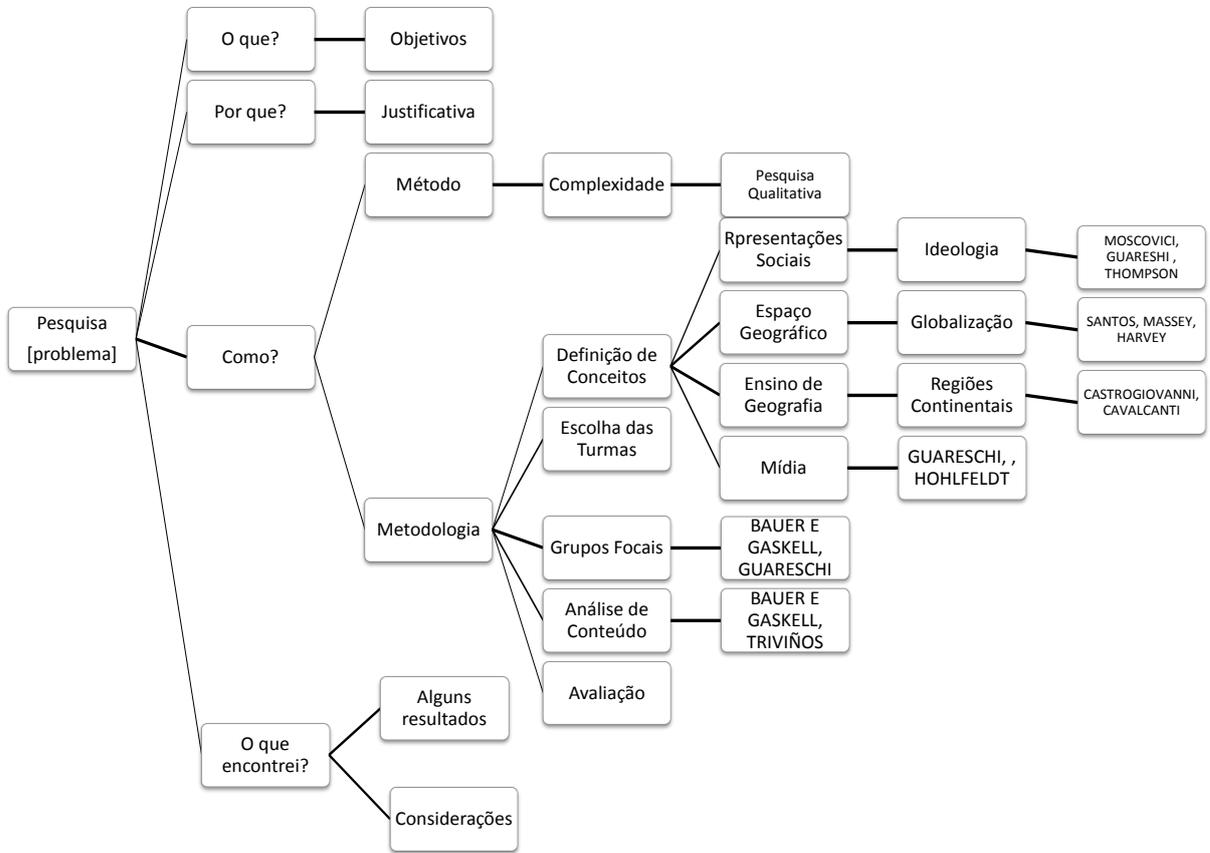
Ao compreendermos a mídia enquanto importante construtora das representações sociais dos sujeitos sobre o Espaço Geográfico nos parece importante uma análise episódica de veículos midiáticos. Para isso propomos a análise de conteúdo baseada principalmente em Bauer e Gaskell (2005) e Guareschi (2011). A análise de conteúdo será feita em matérias do Jornal Zero Hora, jornal de maior circulação no Estado do Rio Grande do Sul no momento da pesquisa. Fizemos uma busca por títulos que trouxessem alguma informação sobre países do continente africano no mês de outubro dos anos de dois mil e nove, dois mil e dez e dois mil e onze. O período foi escolhido de maneira aleatória. Como as primeiras análises foram iniciadas em novembro de dois mil e onze, optamos por utilizar o mês anterior. E a partir das primeiras impressões mostrou-se indispensável uma análise episódica incluindo o mesmo mês de anos distintos.

O estudo foi realizado a partir do cruzamento entre a análise das entrevistas grupais, da análise de conteúdo da mídia e do referencial proposto. Buscamos uma compreensão, ainda que provisória, sobre quais são as representações sociais dos alunos sobre o continente africano, sua transformação, ou não, a partir das aulas de Geografia. A influência da mídia nessa construção de saberes e fazeres. E questionamos as intenções em representar esse continente. Se existe a busca por legitimar uma situação de dominação. E quais são as influências dessas representações na futura relação entre o Brasil e o Continente Africano.

Após a realização das etapas anteriores do projeto, foi feita a redação final da dissertação, buscando trabalhar os conceitos estudados, as técnicas utilizadas, os resultados provisórios tendo como fio condutor o método. Numa busca muito maior por gerar novos questionamentos do que encontrar respostas definitivas, para que possamos orientar futuros trabalhos.

Considerando todos os movimentos realizados até então, elaboramos um organograma (Imagem 1) que nos permite visualizar a pesquisa de forma que facilite ao sujeito leitor a compreensão do trabalho. O que nesse momento traz uma tranquilidade ao percurso e orienta leituras e questionamentos futuros, ao mesmo tempo que nos lança novas indagações.

Imagem 1 - Organograma



Fonte: Elaborada pela autora.

4 AS LENTES QUE ORIENTAM OS CAMINHOS

Com a necessidade de encontrarmos algumas lupas que nos orientem nesse momento inseguro dos caminhos que trilhamos, foram escolhidos autores e conceitos que permitissem o diálogo com nossa pesquisa. Perpassamos a ideia de que na procura por conhecer, não podemos isolar uma palavra, uma informação; é necessário ligá-la a um contexto e mobilizar o nosso saber, a nossa cultura, para chegar a um conhecimento apropriado e oportuno da mesma. (MORIN, 1999). Buscamos através da conversa com o referencial trabalhar metodologicamente na procura de enxergar o nosso objeto no pensamento complexo, na idéia de que complexo é o que se tece junto, assim buscando distinguir e concomitantemente unir. Tendo presente a inquietude de que ao “descobrimos novos arquipélagos de certezas, devemos saber que navegamos em um oceano de incertezas”. (MORIN, 2010, p. 59).

Edgar Morin (2010) contribui pontuando que temos uma cultura planetária em construção, e por isso nos perguntamos: É possível a construção de uma cultura planetária ao mesmo tempo em que possuímos representações sociais tão presentes de determinados lugares? Seria necessário repensar essas representações, ou não? Qual é o nosso papel enquanto professores de Geografia na transformação dessas representações? Estas questões nos encaminham e serão retomadas como tecido textual da trama.

4.1 Representações Sociais

Refletimos sobre as representações sociais e a sua influência nesse fazer-se do espaço, compreendendo o espaço enquanto processo. Como elas permeiam e influenciam essa construção. Essas representações sociais são conjuntos de crenças, valores, desejos, saberes que povoam o imaginário social. “o conceito de representações sociais busca superar as dicotomias entre individual e social ou entre subjetivo e objetivo”. (GUARESCHI, 2011, p. 212).

O conceito de representações sociais tem sua origem na sociologia de Émile Durkheim e foi teorizado em 1961 por Serge Moscovici dentro da psicologia social no livro intitulado “A Psicanálise, sua imagem e seu público”. (MOSCOVICI, 1961). Em tal obra o autor afirma que representações sociais são "um universo de opiniões

próprias de uma cultura, uma classe social ou um grupo, relativas aos objetos do ambiente social" e na continuidade define que:

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados. Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica. (MOSCOVICI, 1961 p. 41).

Pensamos assim a presença das representações sociais e o quanto essas representações influem na visão de mundo dos alunos. Questionamo-nos se é possível modificar, repensar, transformar essas representações então cristalizadas através das falas e gestos em nosso universo cotidiano. Seria a mudança dessas representações, também uma mudança nas relações de dominação. Pensamos essa possibilidade a partir da recursão organizacional, sendo assim não no sentido causa/efeito, produto/produtor, mas de complementação de ações.

Dessa maneira, Castrogiovanni (2007c) nos apresenta que a nossa situação espaço-temporal e como o espaço geográfico é marcado por essas relações de dominação.

Hoje, é dito que a globalização da economia, expressão máxima, neste início do século, do processo de mundialização das relações entre os países, tem provocado uma reordenação do espaço, através de formação de novos blocos econômicos e, assim, o estabelecimento de novas forças de poder. O espaço geográfico é único, portanto, cada subespaço é marcado por estas forças. As diferenças sociais encontradas no mundo são vistas concretamente nas cidades, que subespaços integrados em redes, sendo assim, reflexo direto das desigualdades que prova o capitalismo. Cabe ao professor provocar um trabalho que encaminhe para que o aluno observe que a pobreza humana não está associada diretamente à pobreza da Terra, mas a toda uma articulação de poderes e domínios, inclusive, sobre às riquezas que a terra oferece. (CASTROGIOVANNI, 2007c, p. 53).

Refletimos se cabe ao professor o papel de encaminhar o aluno para que observe essas relações, pensamos que as representações sociais e seu questionamento, são um caminho possível para essa proposta. Uma representação social é sempre uma criação/recriação e essa recriação é orientada pelo conjunto de

informações apresentadas para esses sujeitos. Assim o momento de sala de aula aparece como possibilidade dessa recriação. As representações sociais são parte do tecido social. Para identificá-las procuramos perceber o que mais aparece na busca, o que está mais presente.

Na introdução ao livro *Representações sociais: investigações em psicologia social* de Moscovici (2009), Gerard Duveen apresenta um exemplo interessante onde pede para leitor localizar as cidades de Praga e Budapeste no mapa da Europa em relação a Viena, tendo apenas Viena e Berlim no mapa. O autor comenta que por estarem associadas ao Leste europeu, ambas as cidades acabam pensadas pela maioria dos leitores como se situando a leste de Viena. Quando na verdade, ao observarmos o mapa da Europa, percebemos que Budapeste está ao Leste de Viena, no entanto, Praga localiza-se ao Oeste de Viena. Isso ocorre, pois, após a segunda guerra mundial Viena fica associada à Europa Ocidental enquanto as outras duas cidades relacionam-se ao Leste Europeu, o que na verdade não condiz com a orientação geográfica das mesmas.

Assim quando Praga é localizada a Leste de Viena, certo sentido de mundo e um conjunto particular de interesses humanos estão sendo projetados. O autor diz que o exemplo mostra como as representações sociais entram para o nosso mundo cotidiano. Assim nos parece possível estabelecer uma relação entre esse exemplo, e a busca da nossa pesquisa. Uma vez que as representações sociais da África, possivelmente estão ligadas à maneira como esse continente é apresentado cotidianamente pela mídia e como isso se incorpora nas nossas crenças sociais e cria novas Geografias para esses lugares.

Esse exemplo nos remete a uma passagem do livro *Terra Sonâmbula* do autor moçambicano Mia Couto (2007). Nela o personagem Kindzu, que é moçambicano, conversa com seu amigo Surendra, dono de um mercado de sua cidade e indiano, relação que não é bem vista pelos outros habitantes:

Acontecia no morrer das tardes quando, sentados na varanda, ficávamos olhando as réstias do poente refletidas nas águas do Índico:

- Vês, Kindzu? Do outro lado fica minha terra.

E ele me passava um pensamento: nós, os da costa, éramos habitantes não de um continente mas de um oceano. Eu e Surendra partilhávamos a mesma pátria o Índico.” (COUTO, 2007, p. 25).

A passagem nos inquieta, pois, ao nos depararmos com a troca de referência (tendo o Índico como oceano) parece que nos desequilibramos, e assim nos colocamos em posição até então desconhecida: a de enxergar o mundo através de Moçambique. Um Moçambique ligado a Índia pelo Índico, não mais um Brasil ligado à Europa pelo Atlântico, ou à Angola pelo mesmo oceano. É nesse desequilíbrio que aprendemos, mudamos o olhar, repensando nossas representações sociais. Na passagem percebemos que os personagens encontram algo que os une, no caso é o oceano e assim pensamos os espaços que podem nos unir que podem coexistir com suas diferentes estórias. (MASSEY, 2009).

Como nos traz Morin (2002a, p. 28) “as crenças e as idéias não são apenas produtos da mente, são também seres mentais que têm vida e poder. Dessa maneira, podem possuir-nos.” Precisamos então nos tornarmos autores, autônomos, para que esses conjuntos de crenças, valores (representações sociais) não venham a nos possuir e assim venham também a possuir nossos discursos e nossas práticas.

A mídia desempenha papel essencial na construção das representações sociais dos diferentes espaços geográficos. Como nos diz Guareschi e Biz (2005) a mídia desempenha papel de centralidade nos dias atuais, influenciado na maneira como a realidade é construída e qual a valoração atribuída a essas realidades, e como essa mídia transforma nossas noções de tempo e especialmente de espaço. Interessa-nos pensar como a mídia atribui determinada valoração ao espaço geográfico do continente africano e como o que é apresentado por ela é construído enquanto realidade.

A busca por trabalharmos com a mídia apóia-se às idéias de Leão e Leão (2009), ele nos traz que nos grandes meios de comunicação a mensagem será construída a partir de determinado ponto de vista. Que chega ao receptor dessa mensagem como uma verdade que não pode ser questionada. O autor questiona os pontos que não são percebidos pelo leitor de maneira geral e mostra como a mídia em inúmeros momentos simplifica questões profundas e que necessitariam de um contexto para serem compreendidas.

Ao refletirmos sobre essas formas de comunicação parece interessante trazermos nesse momento a hipótese do agendamento que a mídia cria no receptor. Hohlfeldt (1997) propõe que podemos sofrer influência da mídia, não a curto, mas a médio e longo prazos, pois, é necessário esse prazo um pouco maior para que

venhamos a absorver algumas verdades sem que percebemos estar fazendo isso. Essa mídia não vai nos impondo determinados conceitos, mas sim incluindo em nossas preocupações certos temas que, de outro modo, não chegariam ao nosso conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas de nossa agenda e assim “percebemos a realidade não enquanto tal, mas sim enquanto a imaginamos” (HOHLFELDT, 1997) e a maneira como imaginamos é sutilmente orientada por essa mídia.

Dessa maneira, ao pensarmos o mundo através de uma ótica complexa, buscamos compreender alguns dos processos de construção e transformação do espaço e como as representações sociais influenciam nessa construção, Representações essas muitas vezes orientadas através de veículos midiáticos. E questionamos como professores de Geografia que somos, como trabalhamos essas representações. Como nossas aulas influenciam nesta construção de sentidos, transformam lógicas já estabelecidas em leituras complexas.

Outra questão que nos acompanha neste caminho é se as representações que encontramos (ou venhamos a encontrar) estabelecem relações desiguais, se são valorativas. Se elas utilizam formas simbólicas para criar e estabelecer formas de dominação. Caso elas atribuam essa valoração, podemos identificar então que existe uma ideologia relacionada às representações. A ideologia junta o social e o individual, ela é singular e plural, é uma concepção de valores, através de uma forma simbólica. “Alguns dos valores e crenças socialmente partilhados constituem os elementos da ideologia dominante que, por estar difundida na sociedade, garante a adesão das pessoas à ordem social.” (THOMPSON, 2009, p. 117). Não seriam esses valores e crenças partilhados, representações sociais?

4.2 Espaço Geográfico e Globalização

Ao pensarmos um dos conceitos que orienta nossa pesquisa, o espaço geográfico, no questionamos, o quanto a Geografia está vendo o espaço ao “pé da letra” e não busca a leitura semântica deste. O conceito de Santos (2004) de que ele é “formado por conjunto indissociável solidário e também contraditório de sistemas de objetos e de sistemas de ações não considerados isoladamente”. Pode ser complementado com a proposta de Massey (2009) de que o espaço existe como lugar de coexistência da multiplicidade, onde distintas trajetórias coexistem, o

espaço como um produto de inter-relações. Para a autora o espaço está em constante construção. Então compreendendo que esse espaço que está num constante processo de fazer-se, entendemos que esse fazer-se se constrói a partir dos mais distintos processos, sendo um deles a comunicação, ou seja, o espaço também é comunicacional. (SANTOS, 2004).

Através dessa construção comunicacional do espaço são atribuídas formas simbólicas distintas a diferentes lugares gerando uma valoração. O espaço encontra-se em um processo de globalização, que é apresentada por Santos (2009) como fábula – difundida através dos meios de comunicação- e posteriormente como perversidade – sentida pelos que estão excluídos desse processo-, e a partir disso ele faz a proposição de buscarmos uma outra globalização. Nessa busca, nos perguntamos se será possível uma outra globalização, menos perversa, enquanto estiverem presentes representações sociais ideológicas que buscam instaurar relações de poder? É possível uma transformação do processo que nos encontramos sem uma reforma do pensamento?

Pensamos esse espaço geográfico composto por representações sociais atribuídas a sub-espacos. A representação social que o sujeito possui de determinado tema irá influenciar como ele é aprendido e construído por ele. Por exemplo, a representação que o sujeito tenha do continente Africano influenciará diretamente em como ele irá perceber as relações desse continente com o local e o global. Morin (2009, p. 47) nos diz:

na complexidade lógica, temos a relação entre o local e o global. Acreditou-se poder assumir as duas verdades do global e do local com axiomas do estilo: pensar globalmente e agir localmente. Na realidade, creio que somos obrigados na nossa época, a pensar conjuntamente local e globalmente e, ao mesmo tempo, tentar agir local e globalmente. De resto, o que é igualmente complexo é que verdades locais podem converter-se em erros globais.

Como trabalhar para que essas verdades locais (e ao mesmo tempo globais, uma vez que a criação delas muitas vezes é feita por veículos internacionais) não se convertam em erros globais. Através de nosso diálogo anterior com Castrogiovanni (2007c) no qual atribuímos ao professor o papel de encaminhar o aluno para observar e compreender essas relações de parte/todo do espaço torna-se necessário retomar e repensar algumas questões ligadas ao ensino de Geografia.

4.3 Ensino de Geografia

Apesar de não estar explicitamente presente nos documentos oficiais que referenciam a educação no Brasil (Parâmetros Curriculares Nacionais e Matriz de Referência do Exame Nacional do Ensino Médio) o estudo do mundo através das suas regiões continentais está comumente presente nas aulas de Geografia. A maior parte dos livros didáticos de 8º e 9º anos trabalha com essa fragmentação do espaço. Uma vez que assumimos que a maior parte das aulas de Geografia em determinado momento são orientadas por essa regionalização continental, nos surgem algumas dúvidas e questionamentos e concomitantemente prováveis caminhos.

Como esses espaços são apresentados? As aulas atribuem valores a esses espaços, ou não? Qual é a influência do livro didático (e de suas imagens) nessa construção? Pensamos que a busca por compreendermos as representações sociais identificadas nos diferentes momentos da trajetória escolar dos sujeitos nos apresenta uma possibilidade de responder a algumas dessas perguntas, ainda que provisoriamente.

Na realidade espaço-temporal em que nos encontramos quais seriam as orientações do Ensino de Geografia? Como podemos pensá-lo? E o que é ensinar e aprender? O que é ensinado? Orientamos nosso pensamento no sentido de refletirmos se o que é trabalhado nas aulas de Geografia atua também como construtor de representações sociais. Indagamos se as aulas de Geografia têm papel importante na construção das representações sociais dos distintos espaços geográficos, e caso venhamos a assumir que tenham, cria-se a possibilidade de investigar diferentes maneiras de trabalhar com elas. Entre preocupações temos refletido se: nós enquanto professores compreendemos a relação de dominação presente nessas construções representacionais?

Em nossa leitura e no diálogo com Cavalcanti (2007), o aprender e o ensinar não estão relacionados somente à escola. Os sujeitos estão constantemente construindo novas lógicas, o importante é compreender o papel do ensino de Geografia nessas construções. E o que essa busca por ensinar e aprender pode transformar lógicas estabelecidas anteriormente.

A construção e reconstrução do conhecimento geográfico pelo aluno ocorre na escola mas também fora dela, como se verá mais adiante na análise das representações sociais de alunos. Entretanto, a ampliação desses conhecimentos, a ultrapassagem dos limites do senso comum, o confronto de diferentes tipos de conhecimentos, o desenvolvimento de capacidades operativas do pensamento abstrato são processos que podem ser potencializados com práticas intencionais de intervenção pedagógica. (CAVALCANTI, 2007, p. 12).

Castrogiovanni (2007b) retoma a concepção de informação e conhecimento, e nos traz que estamos na sociedade da informação, mas que informação não quer dizer conhecimento. Será que em nossas aulas de Geografia não temos apenas trabalhado com informações, e que a partir do momento em que buscamos o conhecimento a transformação dessas representações sociais não se torna mais plausível? São inúmeros questionamentos que possuímos nesse momento, e consideramos importante a sua presença, pois, são essas perguntas que orientaram nossa pesquisa no arduo caminho da busca por diferentes lógicas e significados.

O movimento do ensinar geografia parece ter que partir da análise histórica do espaço geográfico, que é o espaço de existência das mulheres, dos homens e dos demais elementos da natureza. Isso significa compreendê-lo pela sua gênese e conteúdo, não apenas pela aparência ou forma. (CASTROGIOVANNI, 2011, p. 34).

Através de nossas práticas observamos como pode ser difícil em muitos momentos realizar essa proposta de Castrogiovanni (2011), pois, a tentativa de compreender o espaço pela sua gênese precisa ser enxergada através da ótica do professor, mas para desenvolver esse olhar são necessárias competências nem sempre trabalhadas na nossa formação profissional. O espaço como local da coexistência da diferença e investigar a origem dessa construção. Morin (2002a, p. 35) também nos apresenta essa necessidade:

O conhecimento do mundo como mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital. É o problema universal de todo cidadão do novo milênio: como ter acesso às informações sobre o mundo e como ter a possibilidade de articulá-las e organizá-las? Como perceber e conceber o Contexto, o Global (a relação todo/partes), o Multidimensional, o Complexo? Para articular e organizar os conhecimentos e assim reconhecer e conhecer os problemas do mundo, é necessária a reforma do pensamento.

Entendemos que para propor essa reforma precisamos, como nos diz Morin (2002a), identificar os erros e as ilusões, por isso a proposta de investigação científica, a tentativa de fazer essa identificação, ainda que provisória, de alguns erros e ilusões em nossas práticas, para irmos ao encontro de uma reforma do pensamento. Sem a busca de causa e efeito, de produto e produtor, mas tentando trabalhar com a parte que aparece no todo e o todo que aparece na parte, com o diálogo entre conceitos que possam parecer antagônicos em um primeiro momento, mas que são complementares entre si. (MORIN, 1999).

Nos nossos fazeres docentes, em muitos momentos torna-se difícil atribuir significados a determinados conteúdos, como nos sugere Morin (1999, p. 36) O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situarmos as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia. Essa apresentação do contexto, ainda que pareça algo simples é um dos grandes desafios enfrentados por nós professores. O estabelecimento de lógicas complexas não possui um caminho determinado e seguro, mas através da orientação de nosso pensamento pode ser encontrado mais facilmente.

5 CAMINHOS JÁ PERCORRIDOS - ENSAIOS METODOLÓGICOS - POR ENTRE MARES COMUNICACIONAIS/DESCOMUNICACIONAIS ENTRE-LUGAR A SEPARAÇÃO, NEM TUDO QUE UNE AGREGA

Ao longo do caminho investigativo proposto, nos deparamos com possibilidades de realizar ensaios metodológicos pertinentes à pesquisa. Apresentamos nesse momento dois deles: o primeiro refere-se a análise de conteúdo realizada em matérias obtidas do jornal *Zero Hora*, o segundo a aplicação de Grupo Focal com alunos de Ensino Fundamental. As realidades observadas orientaram a continuidade dos caminhos escolhidos, através desses ensaios tornou-se possível considerar os resultados obtidos a partir das técnicas escolhidas e assim ter um pouco mais de segurança nos passos seguintes. Ainda que o exercício de pesquisa torne pouco provável a presença de algo seguro.

5.1 O Jornal e o Retrato Continental

Esse momento foi orientado a partir do problema de pesquisa proposto. No qual, buscamos investigar as representações sociais do continente Africano presentes para alunos do Ensino Fundamental, essas representações serão observadas em momentos distintos, antes e depois das aulas de Geografia que abordem esse continente.

A partir de algumas respostas observadas em atividades anteriores e na pesquisa bibliográfica surgiram questionamentos. Os principais deles foram: Como esses alunos que ainda não trabalharam o continente Africano nas aulas de Geografia formam essas representações sociais sobre esse espaço? Qual a influência da mídia em tal construção?

Assim pareceu-nos importante uma análise de um veículo de mídia e sua abordagem sobre esse continente. A escolha do jornal *Zero Hora* ocorre, pois esse um jornal de grande circulação no estado do Rio Grande do Sul no momento da pesquisa e seu acervo encontra-se disponível em meio eletrônico. Na busca por orientar nossos estudos retomamos idéias vinculadas aos conceitos de espaço, representações sociais, mídia e agendamento. Assim buscamos uma leitura um pouco mais satisfatória do mundo a partir de novas lógicas. Para orientar esse momento metodológico do trabalho pensamos o princípio *Hologramático* que nos

ajuda a propor essa análise, pois, mesmo o jornal não sendo lido por todos os alunos ele representa ideias veiculadas pela mídia. O que aparecer no jornal impresso é muito similar ao que está na televisão, porém a análise de algo escrito, é de um registro, quando se escreve algo isto fica documentado.

Para acompanhar nosso percurso metodológico utilizamos o princípio hologramático (MORIN, 1999) que se baseia na ideia de um holograma que possui em sua menor parte a quase-totalidade da informação, não pensando apenas que a parte está no todo, e, no entanto o todo também se apresenta na parte. Criando a mesma relação para pensar o global e o local, dessa maneira, por exemplo, ao analisarmos um jornal local temos presente que as notícias veiculadas por esse meio de comunicação são também vinculadas ao global, uma vez que muitas das notícias são adquiridas através de agências internacionais de comunicação.

Para investigarmos é importante buscar inicialmente como são formadas essas representações, assim, através dos percursos descritos a seguir procuramos compreendê-las e identificá-las no veículo midiático apresentado. Nos perguntamos: Como a África é lida pelo ocidente? Como é lida pelas agências de notícias internacionais? Como é apresentada pelos veículos de comunicação? Como os alunos a leem depois de todas essas visões?

Na busca por encontrarmos algumas verdades, mesmo que provisórias, pensamos a utilização da metodologia calcada na pesquisa qualitativa. Para dialogar e pensar esses caminhos conversamos com Bauer e Gaskell (2005) e Guareschi (2011) com a proposta de utilizar uma Análise de Conteúdo para trabalhar com veículos de comunicação. Essa análise de conteúdo pode incluir uma análise temática e textual, no caso abordaremos apenas a temática. De acordo com Guareschi (2011, p. 219) “a análise temática refere-se ao reconhecimento de certos temas, ou ideias, no texto e ao seu enquadre determinadas categorias.” Nas edições do jornal *Zero Hora* do mês de outubro de dois mil e onze procuramos as matérias que fizessem referência ao continente Africano, assim sempre que encontrada uma matéria sobre o tema, ela era arquivada para posterior análise. O período de análise foi entre os dias primeiro e trinta e um do mês de outubro do ano de dois mil e onze, totalizando trinta e uma edições do jornal.

Foram encontradas 45 referências ao continente Africano durante o período analisado. A partir da proposta dos autores (BAUER; GAKELL, 2005, p. 191) a Análise de Conteúdo “é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para

seu contexto social de maneira objetivada” e para isso sugerem a criação de categorias para organizar a análise. As reportagens encontradas, permitiram a reflexão sobre como orientar essa categorização. Por exemplo, uma possível categorização poderia ser feita através da parte do jornal na qual se encontrava a reportagem. No entanto, como a maioria das referências levantadas sobre a África estava na sessão denominada *mundo* do jornal, não seria interessante esse tipo de categorização. Dessa maneira decidimos refletir essa categorização através da ótica sob a qual enxergamos os trechos selecionados, observamos uma possível categorização das temáticas das reportagens. Dessa maneira descrevemos alguns dos pontos importantes percebidos nesse processo.

Como pensamos que o espaço constitui-se pelas distintas esferas que o permeiam e estando no processo de fazer-se. Parece-nos importante ressaltar que devido ao momento histórico vivido por países do Norte do continente Africano, foi possível observarmos que a maioria das matérias encontradas referia-se a denominada *Primavera Árabe* pelos meios de comunicação. O país mais presente nas reportagens é a Líbia devido ao momento pelo qual passava. Em nossa leitura é interessante observar que quando essas questões são citadas normalmente não estão associadas ao continente Africano, não encontramos notícias que digam que esses países localizam-se no norte da África, em apenas três matérias aparecem pequenos mapas que localizam os acontecimentos no continente. Em uma primeira leitura nos parece difícil a associação desses países ao continente. Dessa maneira nos questionamos se as representações sociais construídas através dessas reportagens estariam mais associadas ao continente africano ou ao Oriente Médio no imaginário coletivo.

Imagem 2 - A representação cartográfica no jornal
Trecho de matéria do Jornal Zero Hora do dia 21 de outubro de 2011.



Fonte: Os últimos... (2011, p. 31).

Na Imagem 2, é possível ver o mapa em destaque em uma das reportagens que apresentava a captura de Kadafi. Esse mapa representa parte de cidade específica da Líbia e a contextualiza em um globo temático pequeno como parte da África. São trazidos pontos específicos de uma cidade pouco conhecida, nos parece difícil a associação dessa localidade com o continente. Apesar de o jornal não possuir a obrigação de ensinar, ele acaba influenciando na construção de representações e os mapas apresentados não auxiliam na compreensão mais ampla do espaço a que se refere o acontecimento. Na imagem 3 observamos a fotografia que estava ao lado do mapa na matéria.

Imagem 3 - Fotografia presente na reportagem da Imagem 2

Trecho de matéria do Jornal Zero Hora do dia 21 de outubro de 2011.

1 Ao tentar fugir de Syrte, o último bastião dos kadafistas no país, Kadafi foi encontrado escondido em uma tubulação de esgoto pluvial (foto ao lado) de sua cidade natal.

4 Também há outras imagens de seu corpo, com olhos abertos já sem vida e com perfurações em sua cabeça.

5 Mais tarde, o primeiro-ministro do Conselho Nacional de Transição, Mahmoud Jibril, disse que Kadafi estava bem de saúde e com uma arma quando foi encontrado, e foi levado a uma picape. "Quando o veículo arrancou, ficou no meio de um tiroteio e morreu após ser atingido na cabeça por um disparo", descreveu.

DAVID SPERRY AP



Fonte: Os últimos... (2011, p. 31).

Uma reportagem específica (Imagem 4) trazia as três mulheres ganhadoras do prêmio Nobel da Paz do ano de dois mil e onze, duas delas relacionadas à Libéria, sendo uma a primeira mulher presidente de um país africano. A reportagem traz alguns fatos rápidos sobre as ganhadoras e apresenta uma linha do tempo com os últimos países ganhadores do prêmio. Em nenhum momento é abordado com um pouco mais de profundidade a situação da Libéria e o fato de duas das três ganhadoras serem desse país (a terceira agraciada com o prêmio é do Lêmen, sendo assim sem relevância para nossa abordagem). A questão da pouca profundidade na reportagem retoma as idéias de Leão (2009) de que em inúmeros momentos as informações são apresentadas de maneira curta e não parecem permitir uma compreensão mais aprofundada do tema. Em dias anteriores haviam sido publicadas três notícias em dias consecutivos sobre o casamento de uma nobre espanhola, assim em nossa leitura inicial parece que o jornal proporciona maior espaço para esse fato do que para as ganhadoras do prêmio.

Imagem 4 - Fotografias das vencedoras do Prêmio Nobel da Paz de dois mil e onze
Trecho de matéria do Jornal Zero Hora do dia 08 de outubro de 2011.

NOBEL TRIPLO

Os rostos femininos da paz

Atuação na Libéria e no Iêmen foi reconhecida pelo comitê norueguês, que entregará prêmio a três mulheres em dezembro

Últimos vencedores

- 2010 - Liu Xiaobo (China)
- 2009 - Barack Obama (EUA)
- 2008 - Al Gore (EUA) e o Painel de OMI sobre o Clima
- 2006 - Muhammad Yunus (Bangladesh) e Banco Grameen
- 2005 - Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) e seu diretor Mohamed ElBaradei (Egito)
- 2004 - Wangari Maathai (Quênia)
- 2003 - Shree Bhadrá (Índia)
- 2002 - Jimmy Carter (EUA)
- 2001 - Ruqaiya Waris e seu neo-centro-gest, Rafi Awanze (Paquistão)

O oitavo Iêmen que, em 2000, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou uma resolução que tornou, pela primeira vez, a violência contra mulheres em conflitos armados em assunto de segurança internacional.

Prêmio de R\$ 2,6 milhões será dividido entre as três

O comitê espera que Ellen, Leymah e Tawakkul ajudem a colocar um fim na opressão às mulheres

Com uma homenagem às mulheres e um aval à primavera árabe, as três vencedoras do Prêmio Nobel da Paz 2011 foram anunciadas ontem na Noruega. A condecoração será dividida entre a presidente da Libéria, Ellen Johnson Sirleaf; a militante Leymah Gbowee, também liberiana; e a ativista Tawakkul Karman, do Iêmen (veja a página das vencedoras ao lado), por "sua luta não violenta pela separação e pelos direitos das mulheres na participação do processo de construção da paz", explicou o Instituto Norueguês do Nobel.

"Não podemos alcançar democracia e paz duradoura no mundo inteiro que as mulheres obtenham as mesmas oportunidades que os homens para influenciar o desenvolvimento em todos os níveis da sociedade", disse o comitê. Dilaceramento de anos anteriores, o anúncio das vencedoras foi feito apenas em inglês. O texto, de 21 linhas, foi cuidadosamente longo para o padrão das justificativas passadas.

A escolha das três ocorreu após anos



ELLEN JOHNSON SIRLEAF TAWAKKUL KARMAN LEYMAH GBOWEE

Fonte: Nobel... (2011, p. 30).

Outro tipo de notícia encontrada relaciona-se com outros continentes, mas com alguma influência de determinado cidadão africano, uma sobre um denominado "terrorista" pela reportagem, nascido na Nigéria, outra sobre um veto que a Rússia e a China exerceram sobre a Síria (o que no caso não teria relação). No entanto na matéria é citada uma situação anterior na qual os dois países também exerceram esse poder sobre o então presidente do Zimbábue. E a terceira sobre a premiação de um jornalista da Eritreia que está atualmente preso em seu país.

O seguinte grupo de notícias insere-se no que podemos denominar uma conotação negativa atribuída ao espaço. Estão presentes no grupo notícias que abordam milícias, piratas, sequestros, assassinatos. Muitas dessas matérias estão apresentadas na área denominada *curtíssimas* assim sendo caracterizadas por textos curtos e com pouca informação, sem contextualizar a situação em que ocorreram tais questões. Além das reportagens sobre a primavera árabe, essas são as encontradas em maior número, ao todo são contabilizadas nove reportagens que trazem esse tipo de acontecimento.

Imagem 5 - A representação das milícias no continente
Trecho de matéria do Jornal Zero Hora do dia 05 de outubro de 2011.



Homem ferido na explosão em frente ao Ministério da Educação em Mogadíscio, a capital do país

ESTADO FALIDO

Milícia exibe poder em forte atentado na Somália

Pelo menos 70 pessoas morreram no ataque de grupo ligado à Al-Qaeda

Fonte: Estado... (2011, p. 28).

A Imagem 5 apresenta uma notícia que narra um atentado ocorrido na Somália. É interessante que na matéria está presente no texto que o país localiza-se no Leste da África. Diferente de quando são abordados os países chamados do Norte que como trouxemos anteriormente não são vinculados ao continente.

O último grupo de reportagens relaciona-se ao que denominamos influência externa no continente. Conta com três reportagens sobre visitas de líderes mundiais à África. A primeira fala sobre o envio de militares americanos a Uganda, comparando essa intervenção com anteriores realizadas pelos Estados Unidos em países como Afeganistão, Iraque e Líbia. Outra matéria traz a então secretária de estado norte-americana Hilary Clinton em visita à Líbia.

Imagem 6 - Demonstração da influência externa do Brasil na África, caracterizada como “apoio social”

Trecho de matéria do Jornal Zero Hora do dia 20 de outubro de 2011.

APOIO SOCIAL

Dilma pede investimento na África

Em reunião com empresários brasileiros, presidente solicitou detalhes sobre prioridades na região

Maputo

Reunida com cerca de 10 empresários brasileiros que atuam na África, a presidente Dilma Rousseff pediu ontem que eles se preocupem não só com o valor econômico dos projetos, mas também com apoio social aos países para preservar a imagem do Brasil na região.

Para a presidente, “não pode existir apenas a visão da exploração, é preciso que se deixe um legado para o país”, disse Marcelo Odebrecht, um dos representantes das empresas que estão investindo e trabalhando na África.

Dilma pediu detalhes sobre o investimento de cada empresa nas países africanos e abriu uma discussão sobre a estratégia brasileira dos diferentes setores também para Angola, para onde estava seguindo viagem.

André Clark, vice-presidente de novos negócios da Camargo Corréa, explicou que Moçambique é a prioridade para a empresa, na realização de projetos estruturantes. O presidente da Vale, Murilo Ferreira, informou à presidente que a organização está concluindo investimento de US\$ 1,8 bilhão na exploração de uma mina de carvão e que já está prevista a sua ampliação, que custará US\$ 3 bilhões. A empresa está construindo ainda 210 quilômetros de estrada de ferro, que servirá para escoar carvão mineral, e um porto para exportação do carvão, orçado em R\$ 1 bilhão. Com isso, a Vale vai dobrar de 11 milhões para 22 milhões a produção de carvão em Moçambique até 2014.

Presidente participa de homenagem a herói africano

Hoje, 309 empresas brasileiras exportam para Moçambique. O Brasil vende principalmente frango, tratores, reboques, móveis, pisos e revestimentos.

Dilma também participou de uma homenagem ao herói da independência e primeiro presidente do país, Samora Machel. Ao lado de quatro outros presidentes – o ditador Robert Mugabe, do Zimbábue, Jacob Zuma, da África do Sul, Seretse Ian Khama, além do anfitrião, Armando Guebuza –, ela assistiu a apresentações de grupos folclóricos, depositou flores no túmulo de Samora e outros heróis de Moçambique.

O 19 de outubro é feriado no país por ser a data da morte de Machel, há 25 anos, em um acidente aéreo. Também participaram do evento a viúva de Samora, Graça Machel – hoje casada com o ex-presidente sul-africano Nelson Mandela –, e o ex-presidente de Zâmbia Keneth Kaunda.



Em Moçambique, Dilma assistiu a apresentações de grupos locais

Fonte: Apoio... (2011, p. 11).

A terceira notícia (Imagem 6) traz a visita da presidente do Brasil, Dilma Rousseff, ao Moçambique e versa sobre o dela para investimentos na África. Nesses momentos nos questionamos se as atribuições negativas dadas ao continente buscam legitimar as influências externas de outros países. Existe também outra notícia que aborda uma decisão tomada por Dilma enquanto em Angola, mas a visita a esse país não é enfocada, apenas citada.

É interessante observar que quando categorizamos as matérias começamos a perceber como o continente é tratado apenas através de poucas temáticas, não sendo necessário mais do que cinco categorias de análise. As análises obtidas nesse momento nos impulsionaram a dar continuidade na busca de um referencial teórico que atendesse a determinadas questões. Como por exemplo, trazer Thompson para dialogar sobre ideologia e a mídia. Uma análise sobre uma possível ideologia que oriente essas reportagens faz-se importante, uma vez que ao

pesquisarmos Representações Sociais nos perguntamos, se essas representações são ideológicas. Se de alguma maneira elas usam formas simbólicas para criar relações de dominação.

Outra pergunta que orientou nossas inquietações e possíveis novos caminhos de pesquisa é: como os livros didáticos abordam esse continente? Existe uma relação com a abordagem da mídia? As representações apresentadas pela mídia são reforçadas? Para isso uma análise de livros didáticos que apresentem o continente, torna-se parte importante da continuidade da pesquisa.

Outra futura orientação pensada a partir desse levantamento inicial foi fazer a busca de matérias presentes em outros períodos de publicação do jornal, como por exemplo, uma continuidade da análise com a inclusão do mês de outubro dos anos de dois mil e dez e dois mil e nove. Alguns dos levantamentos realizados inicialmente necessitariam de um número maior de referências para tornarem-se mais claros, uma vez que muitas vezes as notícias que abordam o continente são curtas e pouco expressivas no jornal. O que nos levou a outra questão, como nesse período observado o continente Africano é pouco apresentado no jornal, como ele é quase que podemos dizer esquecido. Assim, em nossa leitura, reforçamos a importância do momento em que os professores de Geografia trabalharão esse espaço, pois, para muitos alunos poderá ser um dos poucos momentos onde são construídas representações sobre a África.

A continuidade do trabalho mostrou-se instigante. Com diferentes possibilidades de pesquisa e inúmeras perguntas levantadas e ainda não respondidas. Nesse momento o assunto parece essencial, uma vez que na busca por uma diminuição das desigualdades, nos parece essencial o conhecimento e a compreensão desse continente e suas relações complexas com o mundo. Na busca por uma sociedade planetária, refletimos sobre a importância de repensarmos e transformamos determinadas representações, para que não se tornem justificativas para determinadas posturas.

5.2 Grupo Focal Piloto

Na busca por adquirir dados/informações sobre uma suposta representação social de alguma coisa/lugar, Precisamos colher através de instrumento de pesquisa as informações pertinentes ao nosso trajeto. Assim, a partir de fala do professor

Pedrinho Guareschi em disciplina cursada no segundo semestre do ano de dois mil e onze, entendemos que o grupo focal purifica as representações sociais. Pois, os sujeitos que participam dessas entrevistas grupais entram em acordos temporários. Na interação entre os sujeitos as representações sociais são balançadas, chacoalhadas. O grupo focal vai apresentar três momentos: no primeiro cada sujeito apresenta suas opiniões e diz o que tem vontade, em um segundo momento podem surgir discussões desencadeadas por ideias divergentes, e no fim após a busca por um consenso do grupo, sobra algo/alguma coisa que seriam as representações sociais. Elas são o que permanece, ao final da entrevista. Depois que conseguimos identificar isso que fica, é necessário categorizar, a partir do sentido, do semântico do que foi dito pelo grupo. A categorização não vem no sentido de fragmentar as idéias e não relacioná-las ela auxilia apenas na organização daquele material bruto.

As entrevistas grupais foram aplicadas em um grupo específico, no caso alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, que ainda não tivessem estudado o continente africano nas suas aulas de Geografia. Os alunos tinham entre onze e treze anos e estudavam em uma escola estadual, situada zona central da cidade de Porto Alegre. Foram oito participantes, escolhidos de maneira aleatória, cinco meninas e três meninos. Conversamos com os professores e diretores da escola para saber se os alunos já haviam estudado o continente africano, e no caso eles não haviam. O encontro foi gravado e transcrito (Apêndice A), a entrevista teve aproximadamente quarenta minutos de duração. Bauer e Gaskell (2005) propõem que esse tipo de entrevista tenha em média uma hora de duração, no entanto por estarmos lidando com crianças essa entrevista tem a tendência de ser um pouco mais curta. A atividade foi realizada no dia dezoito de outubro de dois mil e onze.

Ao aplicarmos o grupo focal é importante que o pesquisador tenha cuidado de não direcionar os sujeitos, quanto menos interferir mais “puro” serão os resultados. Esse exercício de pouca intervenção nem sempre é fácil, ainda mais para nós professores, no entanto quanto mais livremente deixarmos os sujeitos participarem, mais perto das representações estarão os resultados.

Nessa entrevista foram identificadas algumas palavras e expressões que surgiram de maneira mais enfática nos diálogos. A partir dos temas encontrados elaboramos um esquema com o contorno do continente Africano e distribuimos as palavras de forma aleatória no desenho (Imagem 7).

Imagem 7 - Contorno do continente Africano com associação de palavras



Fonte: Elaborada pela autora.

Após a aplicação do grupo focal, consideramos importante a busca por uma organização com o objetivo de agrupar leituras trazidas pelos sujeitos. Apesar da complexidade não buscar uma estruturação para suas ideias, fizemos para facilitar a leitura e a compreensão das informações. Em um primeiro momento, observamos dois grupos bem distintos de características, sendo as primeiras relacionadas à natureza, trazendo animais, floresta, rios como palavras recorrentes. O segundo grupo versava sobre questões sociais atribuídas ao continente. A criação de um terceiro grupo partiu de pergunta feita pela pesquisadora, ao questionarmos com os sujeitos a relação entre o continente e o Brasil. As categorias foram organizadas em um quadro que permitiu a melhor visualização das questões (Quadro 2).

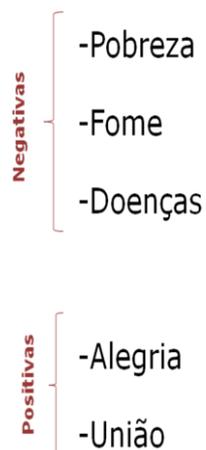
Quadro 2 - Ideias apresentadas pelos sujeitos categorizadas de acordo com a leitura da autora



Fonte: Elaborada pela autora.

Para finalizar o grupo focal a autora pediu para que os alunos chegassem a um consenso de cinco palavras que representassem aquele continente. Por iniciativa própria os alunos escolheram três palavras as quais atribuíram um valorização negativa (Pobreza, Fome, Doenças) e duas palavras com valorização positiva na leitura deles (alegria e união).

Imagem 8 - Palavras escolhidas pelos alunos para representar o continente Africano



Fonte: Elaborada pela autora.

A aplicação do grupo focal demonstrou-se relevante na compreensão de determinadas ideias. Foi possível observar inúmeras características apresentadas pelos sujeitos e a forma como eles chegaram a determinadas observações. Parece-nos interessante observar que ao pensar questões sociais do continente Africano os alunos estabelecem relações com os problemas políticos no Brasil. As conexões pensadas e os caminhos escolhidos permitem análises posteriores.

Assim, retomamos nesse momento questionamentos iniciais da nossa trajetória teórica, e nos perguntamos se essa representação social é ideológica, na visão de Thompson (2009)? Se existe o uso de formas simbólicas para criar relações de dominação? E se ela é valorativa? Perguntas que necessitam de um maior número de grupos focais para que venham a ser respondidas satisfatoriamente, ainda que provisoriamente. Ao longo do trabalho utilizamos a chamada “saturação” (BAUER; GASKELL, 2005) na qual, o número de entrevistas necessárias é definido pelos pesquisadores, que a partir dos grupos já aplicados, percebem o momento em que as ideias e pensamentos já começam repetir-se. Quando esse momento é atingido, considera-se então que o número de grupos focais é satisfatório para aquela pesquisa qualitativa.

Percebemos nossa pesquisa como desafiadora, e sabemos que nem sempre os caminhos pensados, são traçados da maneira como propostos, por esse motivo esses projetos pilotos orientaram nossos grupos focais seguintes. A perspectiva de mudanças e re-orientações ao longo do percurso investigativo esteve presente. A partir desses grupos reorientamos o número de participantes para seis alunos e estabelecemos diferentes possibilidades de diálogo. Além do grupo focal piloto foram aplicadas mais dezesseis entrevistas grupais. Enquanto a partir da análise de conteúdo inicial foi pensada a análise nos dois anos anteriores do jornal.

6 CONVERSAS GEOGRÁFICAS

A continuidade da pesquisa deu-se a partir da primeira aplicação de grupo focal. Utilizamos a proposta metodológica de Bauer e Gaskell (2005) e Gureschi (2011). Os grupos focais seguintes foram realizados no mesmo local do piloto. Uma escola localizada na área central de Porto Alegre com aproximadamente novecentos alunos. Antes da aplicação dos grupos focais foi estabelecido um diálogo com a escola e com os professores de Geografia para sabermos se os alunos que participariam das entrevistas já haviam discutido temas relativos ao continente Africano em sala de aula. Os alunos da sétima série (oitavo ano) do ensino fundamental ainda não haviam estudado o continente, enquanto os alunos do primeiro ano do ensino médio já tinham trabalhado com a África no ano letivo anterior.

6.1 Conversas Pré-Africanas

Foram aplicadas oito entrevistas grupais, cada uma constituída por seis alunos. Matriculados na sétima série (oitavo ano) do Ensino Fundamental. A aplicação da metodologia buscou, como já citado anteriormente, o momento de saturação das entrevistas. Para melhor organizarmos o trabalho numeramos os grupos de 01 até 08 de acordo com a ordem cronológica de sua aplicação (Apêndice A). Através de nossa leitura, após realizarmos quatro entrevistas grupais, já podemos perceber que aconteceu esse momento em que as ideias se tornavam repetitivas e não haviam contribuições muito diferentes do que já fora dito anteriormente. Mesmo assim, achamos importante aplicar mais algumas entrevistas com o objetivo de assegurarmos uma análise mais completa das ideias apresentadas pelos sujeitos alunos. Uma vez que a identidade dos alunos não é ponto crucial da análise trocamos os nomes para que não possa ser feita a identificação dos participantes.

Através de nossa ótica pensamos que as temáticas dos grupos focais poderiam ser classificadas em três categorias: paisagem natural, questões sociais e cultura. Os três temas apareceram em todos os grupos, mas sempre foi possível observar a prevalência de algum deles em cada grupo. Três grupos ficaram mais focados na paisagem dita natural, quatro nas questões sociais e um nas questões culturais.

Em cada grupo solicitamos que fossem escolhidas cinco palavras que na leitura dos sujeitos envolvidos representassem o continente. Esse pedido foi sempre o último momento da entrevista. No quadro 3 são apresentadas as palavras escolhidas por cada grupo.

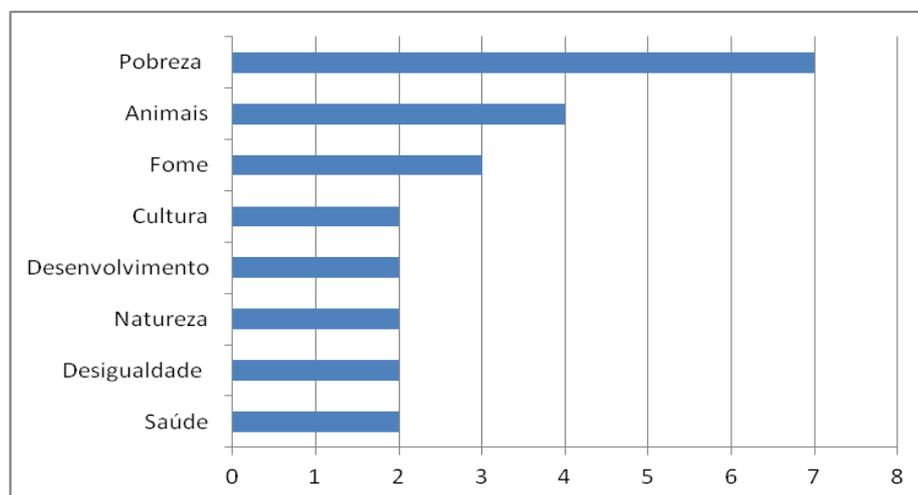
Quadro 3 - Palavras destacadas de acordo com os grupos.

Grupo 01	Grupo 02	Grupo 03	Grupo 04	Grupo 05	Grupo 06	Grupo 07	Grupo 08
Fome	Desigualdade	Fome	Pobreza	Exploração	Cultura	Pobreza	Fome
Pobreza	Diversidade	Desigualdade	Sufrimento	Desenvolvimento (falta de)	Pobreza	Animais	Seca
Violência	Pobreza	Pobreza	Desenvolvimento	Pobreza	Animais	Saneamento Básico (falta de)	Animais
Saúde (falta de)	Negros	Desumanidade	Cultura	Saúde (falta de)	Religião	Savana	Condições Precárias
Selva	Natureza	Humildade	Belezas Naturais	Animais	Arte	Alimento (falta de)	Deserto

Fonte: Elaborado pela autora.

Na busca por melhor visualizar a prevalência de determinada palavra elaboramos os Gráficos 1 e 2. No Gráfico 1 selecionamos somente palavras que tiveram mais de uma incidência. Observamos que a palavra “pobreza” foi citada em sete das oito entrevistas. A palavra “animais” apareceu em quatro e “fome” em três. Como muitas palavras escolhidas pelos sujeitos alunos poderiam ser relacionadas construímos o gráfico 2 onde agrupamos as citações de acordo com seu significado.

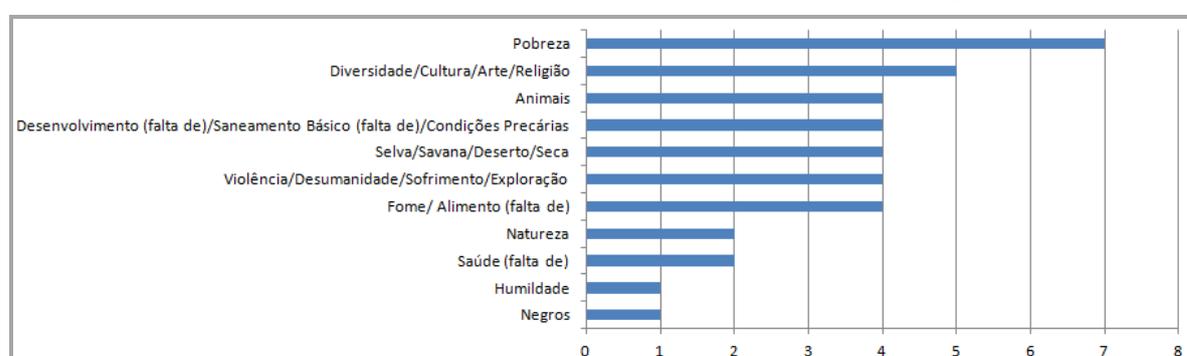
Gráfico 1 - Incidência de palavras nas entrevistas.



Fonte: Elaborado pela autora.

No Gráfico 2 ao agruparmos as ideias principais ficou evidente mais uma vez a pobreza, e se aliarmos a ela a ideia de “falta de desenvolvimento” e condições precárias, temos uma incidência ainda maior das questões sociais. O segundo grupo estaria relacionado a questões culturais abordando a diversidade cultural e artística do continente. Se juntarmos as ideias de “animais” com as feições vegetais e de biomas “Selva, savana, deserto, seca” esses aspectos naturais passam a representar a segunda maior prevalência.

Gráfico 2 - Agrupamento das palavras de acordo com o seu significado.



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao apresentarmos esses gráficos retomamos uma das perguntas que permeou nosso trabalho: Essas representações sociais são ideológicas? Ideológicas a partir da ideia de Thompson (2009) de que atribuem uma valoração a determinado fenômeno, no caso a determinado espaço. Nossa leitura dos grupos focais nos faz pensar que sim. Que essas representações sociais encontradas nos grupos são valorativas. Buscam atribuir valores para estabelecer relações de dominação. Observamos que das quarenta palavras citadas pelos alunos, vinte e quatro possuem uma conotação negativa. Atribuem sentimentos e crenças negativas sobre esse espaço. Outras dez retomam questões da natureza, como se justificássemos nossa utilização desses recursos devido a tantos acontecimentos negativos existentes nesse espaço. Apenas seis palavras destacam a diversidade cultural do continente. No diálogo com Massey (2009, p. 23) partilhamos da mesma pergunta de “se ao invés de pensar o espaço como superfície, o pensarmos como encontro de histórias?” Será que os nossos alunos conseguiriam enxergar esse encontro de

histórias conseguiriam perceber o “espaço como uma silmutaneidade de estórias-até –agora (stories so far)”. (MASSEY, 2009, p. 29). Conseguiriam como Morin (2007) nos propõe buscar uma era planetária, ou como Milton Santos (2009) chama uma outra globalização. Representações tão fortes e valorativas nos permitem buscar uma menor desigualdade? Um mundo mais plural onde o ocidente dialogue com o oriente?

Em um dos momentos requisitávamos que os alunos fechassem os olhos e descrevessem a primeira imagem que construía da África. Ao observarmos as falas dos alunos nesse momento, percebemos que as descrições apresentadas puderam ser divididas basicamente em dois grupos, o primeiro com imagens de crianças famintas em um local árido ou de uma cidade confusa, o segundo de uma natureza intocada e selvagem. Mesmo tendo dialogado por certo tempo, é instigante perceber que as ideias apresentadas por cada grupo iam até determinado ponto e a partir daí tornavam-se repetitivas e recorrentes. Conversando mais uma vez com o conceito de saturação. Demonstrando que aquele grupo havia conseguido apresentar as suas representações sociais sobre aquele espaço. As ideias mais presentes, podem ser categorizadas em três grupos principais como já relatamos, apresentados no Quadro 4. Esses grupos temáticos são próximos aos presentes no grupo focal piloto.

Quadro 4 - Ideias mais presentes para os alunos

Questões Sociais	Paisagem Natural	Aspectos Culturais
<ul style="list-style-type: none"> - Pobreza; - Desigualdade Social; - Mortalidade; - Fome; - Falta de acesso à saúde; - Escassez de água; - Falta de moradia; - Copa do Mundo; - Desnutrição Infantil. 	<ul style="list-style-type: none"> - Diversidade de vegetação e biomas (savana, floresta, deserto, selva) - Diversidade de Animais (elefantes, zebras, leões, hienas). 	<ul style="list-style-type: none"> - Roupas; - Cultura; - Descrição de casas pequenas e feitas de barro; - Rituais; - Religião; - Arte.

Fonte: Elaborado pela autora.

Salientamos que as ideias mais recorrentes que identificamos nas falas dos grupos são muito próximas às cinco palavras finais escolhidas por eles. Perguntávamos no início o que vinha à mente deles quando falávamos a palavra África e os alunos iam apresentando suas ideias sobre o continente. Finalmente, ao pedirmos essas cinco palavras os sujeitos alunos conseguiam sintetizar muito bem o que haviam discutido. Evidenciando uma vez mais que “aquilo que sobrava” (palavras do professor Pedrinho Guareschi na disciplina de Representações Sociais e Ideologia do programa de pós-graduação em psicologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) eram suas representações sociais deles. Através de um pensamento complexo e do Princípio Hologramático, podemos afirmar que essas representações não são apenas dos grupos entrevistados mas sim de um todo.

Além das questões principais apresentadas no Quadro 4, outros pontos pouco abordados nos chamaram a atenção. A riqueza mineral relacionada aos diamantes foi destacada em apenas dois grupos. A participação ou não do Egito no continente Africano foi discutida em dois grupos e isso ocorreu, pois, somente um aluno sabia que o Egito localizava-se na África. Caso esse aluno não estivesse presente, provavelmente o grupo não lembraria desse país. Apenas um aluno questionou a comparação entre África e Brasil “mas é que a África é um continente e o Brasil um país, se fosse assim teríamos que falar em América Latina”. Por meio das falas dos alunos é possível perceber que a noção de continente não está clara para a maioria deles.

Moscovici (2009, p. 34) traz que as representações possuem duas funções. A primeira seria de convencionalizar os objetos, pessoas, ou acontecimentos (porque não espaços?!) que encontram, elas dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria. E a segunda de que elas são prescritivas, ou seja, elas “se impõe sobre nós como uma força irresistível” (MOSCOVICI, 2009, p. 36) que está presente antes mesmo de nascermos. Ele explica que uma criança que nasça no ocidente traz em si mesma a estrutura da psicanálise. Nos gestos de sua mãe, de seu médico, nas histórias em quadrinhos que ela lerá, nos jornais, nos textos escolares. Essa proposta de Moscovici (2009) conversa com o conceito de Angedamento, por nós trabalhado para pensar o jornal, esse agendamento já está prescrito em nós mesmos quer queiramos quer não. Os grupos focais nos permitiram reconhecer e identificar essas representações. Mediante as falas de nossos sujeitos alunos, percebemos como eles convencionalizam espaços e como

essas ideias estão prescritas para eles por uma sociedade ocidental antes mesmo de seu reconhecimento enquanto sujeitos. O autor também aponta que mesmo que possamos perceber essas representações não conseguimos nos libertar totalmente delas. Essa ideia dialoga com a perspectiva de que nós sujeitos professores também nos constituímos de representações, mas deveríamos através da busca pelo conhecimento, conseguir ao menos percebê-las e buscar repensá-las.

De acordo com Costella (2011, p. 227) “a pesquisa maior dos mestres não deverá ser somente dos amparos técnicos da sua ciência, a pesquisa deverá pautar no aluno, no reconhecimento do pensar do aluno. Pois, só assim as dificuldades e os caminhos da aprendizagem serão entendidos.” A afirmação da autora concorda com o que analisamos até em então em nossa pesquisa. O processo de busca pelas representações sociais que os alunos possuem sobre o continente africano, nos permite uma contribuição enquanto pesquisa que se pauta nos alunos. Os grupos focais buscam esse reconhecimento do pensar do aluno. E através das representações presentes para eles, conseguimos pensar outros caminhos para uma aprendizagem significativa, ideia apresentada como ensinagem.

No grupo focal 05 uma aluna afirma “não tem muita coisa para falar da África”. Essa ideia apresentada, nos desequilibra e nos faz refletir porque o pensamento de ausência de conteúdo sobre a África, de poucas coisas associadas ao continente e nos instiga uma continuidade do trabalho para pensar representações sociais de outros continentes. Será que também não “teria o que falar” da Ásia? Da Europa? Da Oceania?

Um momento interessante com os grupos foi quando ao final perguntávamos se eles já haviam assistido a algum filme que se passava no continente Africano. O filme mais citado pelos alunos foi “Diamante de Sangue (*Blood Diamond*, 2006)” é singular, pois, esse filme é longo e não pensado para um público infantil. A história se passa em Serra Leoa e apresenta os conflitos causados pela disputa das minas de diamante e por seu contrabando. O segundo filme mais citado é a animação “Madagascar (Madagascar, 2005)” em especial o Madagascar 2 (2008) onde os animais (uma zebra, um hipopótamo, um leão e uma girafa) buscam escapar da África. Outros filmes citados foram: “Hotel Ruanda (Hotel Rwanda, 2004)”, “Invictus (idem, 2009)”, “Amor sem fronteiras (Beyond Borders, 2003)”, “O Rei Leão (The Lion King, 1994)”, “O Príncipe do Egito (The Prince of Egypt, 1998)”, “Tarzan (idem, 2009)”, “A sombra e a escuridão (The Ghost and the Darkness, 1996)”, “Lágrimas de

Sol (Tears of Sun, 2003)”. Observamos também que alguns filmes que não se passavam no continente também foram citados, desses a maioria se passava no Iraque. Os títulos originais e as datas de lançamento dos filmes foram retirados do *Internet Movie Data Base* (IMDB).

Pensamos que esse momento de análise por si só já aparenta ser uma contribuição importante, pois, ao identificarmos as representações sociais do continente africano presentes nos alunos que ainda trabalharam esse continente enquanto conteúdo das aulas de Geografia já oferecemos um material de leitura para professores que irão trabalhar esse conteúdo. Um professor ao ler essa análise, poderá construir suas aulas tendo presente quais as representações sociais que seus alunos possuem antes mesmo de aplicar suas práticas. Como nos disse Costella (2011), é a buscar por entender os conhecimentos dos alunos, para executar um processo de ensinagem, no qual, consideramos o ensino com aprendizagem significativa.

6.2 Conversas Pós-Africanas

A proposta de diálogo com os alunos que já haviam cursado a oitava série (nono ano) do Ensino Fundamental foi estabelecida, pois, buscávamos investigar as representações de sujeitos que já haviam estudado o continente Africano em sala de aula. Depois de conversarmos com os professores e orientadores pedagógicos, da escola onde os grupos focais foram aplicados, nos foram indicadas as turmas de primeiro ano do Ensino Médio para realizarmos as entrevistas. A dinâmica estabelecida com os grupos foi próxima à anterior, uma vez que, procurávamos interferir minimamente nas ideias apresentadas pelos sujeitos alunos. Os grupos focais foram numerados entre 09 e 16 (Apêndice A). Assim como nas entrevistas iniciais observávamos quando os grupos chegavam a um momento de saturação de ideias. Isso aconteceu no quarto grupo, no entanto, para que tivéssemos amostras similares, aplicamos o mesmo número de grupos focais. A continuidade das entrevistas apenas reforçou que como havíamos observado anteriormente, que uma saturação das ideias já havia sido estabelecida.

Ficou presente em nossa leitura enquanto investigadores que as representações sociais dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio (que haviam estudado a África por pelo menos um mês no ano letivo anterior) eram próximas às

das sétimas séries (que não haviam estudado esse conteúdo). Inicialmente é inquietante perceber que mesmo após estudar esse continente em aula, pouquíssima coisa mudou nas representações dos alunos. Nos parece que por a África possuir um esvaziamento de significados, essa ausência de conteúdos e presença de apenas informações é facilmente preenchida por representações sociais que atribuem valoração negativa. Quando trabalhamos nas aulas de Geografia a África, temos a possibilidade de transformar esse esvaziamento e construir outras representações que não sejam valorativas. Como não poderia deixar de ser, muitos pontos de interrogação foram criados em nossas cabeças repensando e refletindo sobre nossas práticas docentes. Simultaneamente a essa sensação de inquietude aliou-se uma percepção de coerência teórica. Como apresentamos anteriormente o que nos fala Moscovici (2009, p. 35) que apesar e podermos através de um esforço reconhecer essas representações é muito difícil nos livrarmos delas. No entanto, ele também nos traz que uma representação social:

constitui uma realidade social *sui generis*. Quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais fossilizada ela se torna. O que é ideal, gradualmente torna-se materializado. Cessa de ser efêmero, mutável e mortal e torna-se, em vez disso, duradouro, permanente, quase imortal. (MOSCOVICI, 2009, p. 41).

Conseqüentemente essa passagem nos remete à importância da busca pela transformação dessas representações, para que se tornem menos cristalizadas. Se elas “depois de criadas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações enquanto velhas representações morrem.” (MOSCOVICI, 2009, p. 41). Acreditamos então, que mesmo que criemos novas representações, a partir das iniciais, essas representações podem não ser ideológicas. Podem a partir de Thompson (2009) não atribuir valores na busca por estabelecer relações de dominação. Assim, a ideia básica, é de que as representações sociais tem sua transformação com algo muito difícil. No entanto, essencial para que elas não se fossilizem. E na busca por recriar essas representações está presente à importância de não permitir o estabelecimento de relações de dominação.

Essa tarefa parece ser árdua para nós professores, uma vez que, estão presentes inúmeras exigências em nossas atividades docentes. Entretanto, nos parece que já passou a hora de nós professores assumirmos um papel de autores,

que tenhamos autonomia para pensar questões como essa e enxerguemos as situações através de outras óticas, olhares que modificam noções escalares e que possamos perceber questões macro de nossas atividades. Nesse momento percebemos ser importante que busquemos, através de nosso conhecimento teórico, compreender as relações estabelecidas e o porquê de estarem apresentadas dessa maneira. Para que reconheçamos a importância de nossa profissão docente nessas transformações. As representações sociais da África, que como percebemos nessa etapa, atribuem uma valoração negativa a esse espaço. São possibilidade teórica importante na procura por uma sociedade menos desigual e ao mesmo tempo mais plural. Enquanto educadores, precisamos enxergar e não apenas ver os conteúdos que trabalhamos em nossa salas de aula.

Nesse momento de reflexão retomamos outro aspecto apresentado pelos alunos. Ao questionarmos de onde vinha o conhecimento que eles possuíam sobre a África. A resposta na maioria das vezes era “Mídia”, “Televisão”, “Internet”. Sendo as aulas ou escola citadas por apenas um grupo. Os sujeitos alunos então reconhecem que a mídia é a maior construtora de seu conhecimento sobre a África. Refletimos: em que lugar emocional estariam as aulas de Geografia que eles tiveram sobre o continente? Porque essas aulas não aparecerem mesmo que minimamente como referência para eles? Será que esses alunos enxergavam essas aulas enquanto possibilidade? Refletimos sobre esse trabalho de busca dessas representações. Os resultados que obtivemos através dos grupos focais poderiam contribuir para a realização de aulas mais significativas. Ao ouvirmos as representações sociais que nossos alunos possuem podemos desenvolver outras metodologias que permitam algumas mudanças. O pensamento complexo nos auxilia nessa caminhada, pois, essa questão que se apresenta é dialógica e se caracteriza pelo remoinho da recursão organizacional. Ao mesmo tempo em que nossos questionamentos pareçam contraditórios em um primeiro momento, eles são complementares, e apenas a partir da tentativa de diálogo entre eles nos é permitida uma melhor noção da complexidade estabelecida nessas relações. Não conseguimos mais identificar o que é causa e efeito, as representações são criadas e se não modificadas cristalizam-se. Assim, nós enquanto professores, podemos transformá-las, e ao mesmo tempo conhecê-las nos permite encontrar uma melhor maneira de modificá-las. Nisso se constitui uma teia complexa que entrelaça as ideias do nosso trabalho e nos instiga a pensar novas possibilidades.

Outra observação feita a partir de nossa leitura das entrevistas é de que o elemento cor (no caso, negros) que não estava presente na fala dos alunos de sétima série ficou evidente na maioria das entrevistas dos alunos do primeiro ano, e em outros momentos a nós pareceu possuir um tom pejorativo e discriminatório. Isso nos faz refletir sobre a possibilidade dessa situação se apresentar por serem esses sujeitos do Ensino Médio, adolescentes, e sentirem a necessidade de afirmar-se a partir do contraponto ao outro. A investigação dessa questão poderia ser explorada através de uma visão psicanalítica e geraria uma nova etapa do trabalho mais ligada a questões da psicologia. Ao mesmo tempo em que essas colocações estavam presentes na fala dos alunos ao longo da entrevista, no momento de apresentar as cinco palavras finais requisitadas apenas dois grupos falaram sobre isso.

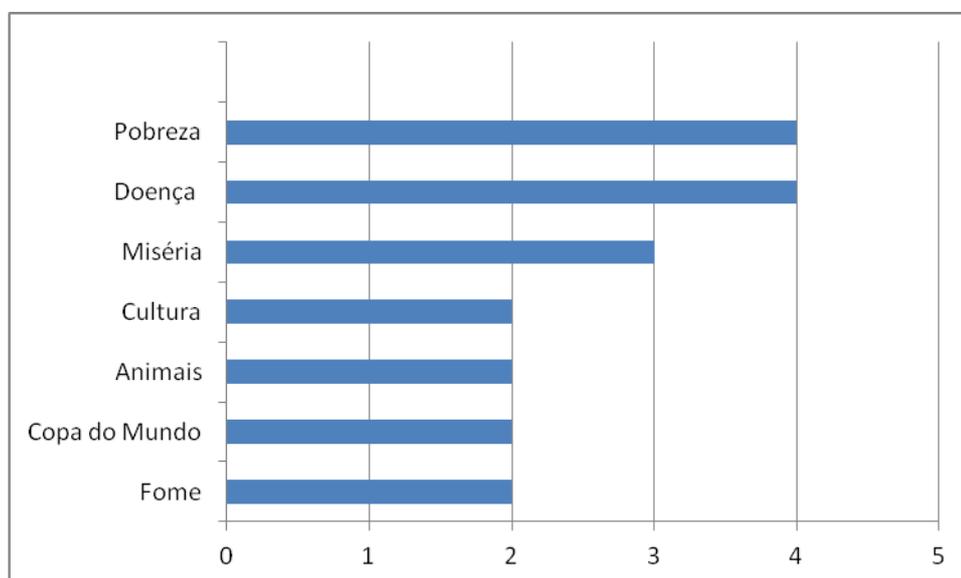
Quadro 5 - Palavras destacadas de acordo com os grupos

Grupo 09	Grupo 10	Grupo 11	Grupo 12	Grupo 13	Grupo 14	Grupo 15	Grupo 16
Cultura	Doença	Pobreza	Natureza	Miséria	Pobreza	Fome	Negros
População	Pobreza	Negro	Pobreza	Desigualdad e Social	Fome	Carência	Doenças
Gastronomia	Descaso Social	Fome	Força	Diversidade de Animais	Cultura	Saúde (falta de)	Miséria
Flora	Animais	Copa do Mundo 2010	Doenças	Doenças	Política	Miséria	Copa do Mundo
Climas	Opressão Política	Safári	Ações Humanitárias	Continente Primitivo	Milícias	Cultura	Fome

Fonte: Elaborado pela autora.

As palavras apresentadas pelos grupos focais de 09 a 16 pareceu ser um pouco mais dispersas do que as dos grupos anteriores. Ao elaborarmos o Gráfico 03 ficou evidente mais uma vez a incidência da palavra “pobreza” nos grupos. Sendo seguida por “Doença” e “Miséria”. As outras foram citadas uma ou duas vezes. Observamos uma vez mais, como nos gráficos anteriores (01 e 02), a prevalência de palavras que atribuem uma conotação negativa àquele espaço. Mais uma vez muitas delas apesar de não serem as mesmas possuem significados próximos e buscam representar ideias similares.

Gráfico 3 - Incidência de palavras nas entrevistas



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao invés de termos oito grupos focais com suas representações sociais e mais oito grupos focais com outras representações sociais o que nos parece presente é que temos na verdade dezesseis grupos focais que apresentam as mesmas representações sociais, independentemente das aulas de Geografia. Esses grupos nos apontam para uma África representada como pobre e miserável, com inúmeros problemas sociais e ao mesmo tempo com uma natureza intocada e inexplorada. E essas realidades não são apresentadas pela África? Muitas vezes sim, contudo, não são as únicas e nas representações sociais dos alunos elas aparecem como únicas, como se o continente inteiro se resumisse a essas questões. Tanto que, independentemente, de uma entrevista ter vinte ou quarenta minutos as ideias presentes eram recorrentes e repetidas. O continente era resumido a poucas representações e não mais cristalizadas, mas já fossilizadas.

Assim como nos primeiros grupos questionamos aos alunos também quais filmes eles haviam assistido que passavam em algum país do continente africano. Os filmes citados foram os mesmos dos grupos anteriores. Com destaque para “Diamante de Sangue (*Blood Diamond*, 2006)”, “Hotel Ruanda (*Hotel Rwanda*, 2004)”, “Madagascar (*Madagascar*, 2005)”. Em seis dos oito grupos apareceu

também uma citação, sempre por parte dos meninos, do jogo de videogame “Resident Evil 5” que tem sua ação desenvolvida na África, na apresentação do jogo em seu *website* não é especificado qual país do continente se passa o jogo. No *website* (<http://www.residentevil.com/5>) é possível observar também algumas imagens do jogo, que apresentam um lugar árido, devastado, com poucas casas, e algumas pessoas malvestidas. Essa imagem é similar à apresentada pela maioria dos alunos quando pedíamos que descrevessem a primeira imagem que lhes vinha à mente quando pensavam em África. Apesar de o jogo ser proibido para menores de dezoito anos todos os alunos que o citaram eram menores de idade.

Costella (2011) nos diz que o professor precisa refletir o seu cotidiano e entender o que e porque ensina, para que tenha claro o que é conhecimento e o que é informação. No sentido proposto por Castrogiovanni (2007a) de que é imprescindível para os alunos que os temas trabalhados na escola sejam significativos, ou seja, é necessário diferenciar o que é informação, o que é conhecimento e o que é sabedoria.

Estamos na sociedade da informação, mas a informação não é conhecimento, pois conhecimento é o resultado das informações organizadas... É fácil constatarmos que há uma degradação do conhecimento pela informação, como conseqüência há um desfazer da arte de viver no/pelo conhecimento em busca da sabedoria. (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 472 e 473).

Percebemos empiricamente, no entanto, que em muitos momentos isso não acontece nas aulas da disciplina de Geografia. E pensamos a possibilidade das representações sociais permitirem que nós professores venhamos a proporcionar os alunos alcançar um conhecimento, desenvolver uma competência e não apenas fiquem no nível da informação. De acordo com Costella (2011, p. 227) “para conhecer é necessário significar o conteúdo”. Nessa lógica as representações sociais estão ligadas com nossas crenças, com um lado afetivo e esse lado afetivo evocado por essas representações pode nos orientar a tornar possível essa construção para nossos alunos.

7 A PERIODICIDADE DO JORNAL

Ao continuarmos nossos percursos investigativos nos orientamos pelo que foi apresentado pelos sujeitos nos grupos focais. Uma vez que os veículos de comunicação foram identificados em nossa leitura como principais construtores dessas representações sociais. Consideramos importante a realização da segunda etapa da análise de conteúdo do jornal Zero Hora. Assim realizamos essa análise nos meses de outubro de dois mil e nove e outubro de dois mil e dez. Pois, o jornal enquanto veículo de comunicação, como já diz o próprio nome é periódico e assim episódico, ou seja, alguns acontecimentos e lugares estão presentes em determinado período de tempo. É o que acontece com a Primavera Árabe tão presente em nossa análise de dois mil e onze.

Temos a consciência de que a mídia não é responsável pelo ensino dos sujeitos, porém, ela atua enquanto produtora de conhecimento independentemente de nossa aceitação. No diálogo com Toninie examinamos

a mídia como um campo produtor de significados, que coloca em jogo diversas estratégias, implicadas em relações de poder, tecendo uma malha privilegiada para determinados conhecimentos. [...] a mídia como um dos mecanismos que compõem uma tessitura para nos tornar o que somos. (TONINI, 2006, p. 22).

Essa mídia atua então como produtora de significados por meio de estratégias implicadas em relações de poder, relações ideológicas e orienta seu conteúdo para privilegiar determinados conhecimentos e criar representações. Através de seu agendamento Hohlfeldt (1997), nos faz esperar por suas informações para que venha a nos compor a médio e longo prazo, quer queiramos quer não.

Em seu livro “A mídia e a modernidade” Thompson (2008) apresenta a mídia como ação à distância “representando para outros distantes”. Ele traz que o desenvolvimento dos meios de comunicação fez com que atuássemos não somente para nós mesmos, mas também para outros em espaços e tempos diferentes. Essa ação a distância da mídia de certa maneira dialoga com nossa ação docente, uma vez que enquanto professores de Geografia apresentamos uma “Geografia do ausente” apresentamos para nossos alunos espaços representados para quem está distante.

A mídia de acordo com Guareschi e Biz (2005) constrói a realidade e atribui valores a essa realidade e faz com que nossas noções de espaço e tempo sejam transformadas e mudem de sentido. Para dialogar com essa ideia apresentamos as análises realizadas nos dois meses do jornal *Zero Hora*.

7.1 Outubro 2009

A organização da análise foi a mesma do primeiro mês relatado no capítulo quatro. Em outubro de dois mil e nove foram encontradas dezessete matérias que citassem algum país do continente africano. Sendo que três eram relacionadas a questões esportivas específicas (grupos para classificação da copa do mundo de futebol, comemoração específica de jogadores de futebol). Duas notícias apresentavam mercadorias produzidas no Rio Grande do Sul que seriam exportadas para países Africanos. Essas foram as únicas matérias encontradas na sessão “informe econômico” do jornal nos três meses de análise, mesmo que nessa sessão fosse muito comum o relato sobre outros continentes. A África dificilmente aparecia relacionada a questões econômicas.

Algumas das matérias selecionadas apresentavam como tema índices sociais propostos por órgãos mundiais (Imagens 07 e 12). Em sua maior parte relacionando a índices de outros países, por exemplo, uma reportagem que apresentava o ranking da liberdade de imprensa e mostrava Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia com melhores índices e a Eritréia como a pior classificada. Na Imagem 08 observamos uma matéria veiculada no dia onze de outubro de dois mil e nove que traz os resultados do cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano dos países investigados pela Organização das Nações Unidas. Na notícia são apresentados o país com melhor nota, a Noruega, e o país com pior nota, Níger, é realizada um a comparação entre os níveis de alfabetização, expectativa de vida e renda per capita dos dois países. As imagens como podemos observar na Imagem 07 representam a Noruega com uma paisagem coberta com neve e pessoas praticando esportes de inverno e o Níger com um local com diversas crianças recebendo alimentação. A imagem de Níger apresentada pelo jornal é semelhante a imagem da África descrita pelos alunos no grupo focal, quando pedíamos que eles fechassem os olhos e pensassem na primeira imagem da África que construíam em suas mentes. A maior parte dos alunos descreveu um local seco, com terra vermelha, crianças negras e

passando fome. Através de nossa ótica, percebemos que as representações sociais apresentadas pelos alunos nos grupos focais, conversam com as representações da África apresentadas pelo jornal.

Imagem 9 - Matéria do jornal Zero Hora que apresenta os países com nota mais alta (Noruega) e baixa (Níger) no Índice de Desenvolvimento Humano contabilizado pela Organização das Nações Unidas.

RANKING DA ONU

Vida na riqueza e na pobreza

GISELE LOEBLEIN

Não é apenas nos números que a Noruega, na Europa, e o Níger, na África, apresentam diferenças enormes. Quem vive nesses países

comprova na prática por que um deles está no topo da lista do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) elaborada pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e o outro, na última posição.

Um brasileiro radicado em solo norueguês e outro em território nigerino dão a Zero Hora um depoimento sobre como é a rotina de vida no melhor e no pior exemplo de gestão humana.

gisele.loeblein@zerohora.com.br



O gaúcho Adroaldo Zanella na companhia dos filhos em passeio no norte da Noruega



Alexandre Canhoni junto a um grupo de pessoas ajudadas pelo seu projeto no Níger

Fonte: Ranking... (2009, p. 16).

Na imagem 08 observamos um relato sobre um *website* que disponibiliza fotos famosas de momentos históricos. Como exemplos são mostradas três fotografias uma da praça da paz celestial, uma da guerra do Vietnã e a terceira da fome na África. Observamos que o jornal traz nas descrições das fotos “Praça da Paz Celestial” “Vietnã” e “África”, ou seja, vai da escala de uma praça para escala de um continente, como se a fome representasse toda a África. Uma vez mais a matéria relaciona-se com os relatos feitos pelos sujeitos, que constantemente em suas falas retomavam a ideia do continente africano com um local onde as pessoas passavam fome. Sendo essa uma das representações mais presentes par aos alunos.

Imagem 10 - Notícia no jornal Zero Hora sobre website que disponibiliza fotos de eventos históricos.



Fonte: Uma viagem.... (2009, p. 22).

A matéria da Imagem 11 apresenta um tema recorrente nos três meses de análise do jornal: problemas sociais na Etiópia e na Somália. Observamos que todas as imagens presentes mostram *closes* próximos dos sujeitos e não da cidade vista de longe, na verdade nenhuma cidade é mostrada nas reportagens. Muito próximo do que nos traz Oliveira Junior (2011) que “a fotografia influência na nossa construção do que é realidade”. O autor apresenta a comparação entre duas notícias também de mídia impressa, com fotografias de Londres no Reino Unido e Lagos na Nigéria. A composição da imagem de Londres através de suas cores traz uma ideia de limpeza, enquanto, como observamos em nossas matérias selecionadas, que a África aparece frequentemente em tons marrons e terrosos com aspecto de pó. O distanciamento das imagens dessas grandes cidades dos países centrais também é característico, enquanto as imagens do continente Africano são próximas. Dessa maneira trabalhamos com a ideia de dialogicidade, onde, a África apesar de ser mostrada bem de perto, com proximidade das pessoas, é ao mesmo tempo muito impessoal para os alunos,

eles não conseguem estabelecer relações com o continente. É como se apesar das fotografias mostrarem pessoas, nós apenas enxergássemos a fome, a miséria e a pobreza. Simultaneamente ao representar grandes cidades, até mesmo a que vivemos, Porto Alegre, se está distante se mostra a linha de prédios de longe, não enxergamos os problemas dessas cidades, apenas a iluminação de seus prédios. Ao mesmo tempo, vivemos nessas cidades, e nos deparamos com seus problemas diariamente, mesmo que muitas vezes não os enxerguemos. As linhas que se constituíram em nosso trabalho foram entrelaçando-se de maneira complexa e formam um sistema de análise aberto. A cada nova notícia analisada, retomamos inúmeras ideias apresentadas pelos alunos e conceitos trabalhados pelos autores com quem dialogamos. Não conseguimos mais identificar onde começam nossas dúvidas e onde surgem respostas ainda que provisórias. Através da leitura de mundo ancorada na complexidade, percebemos uma vontade investigativa, pois, a trama parece sempre incompleta, o que nos deixa perplexos e instigados a percorrer novos caminhos.

Imagem 11 - Representação de problemas sociais nos países do leste africano por notícia do jornal Zero Hora



Em uma prova de que a situação na Somália, Leste da África, está cada vez mais caótica, extremistas islâmicos atacaram ontem com morteiros o aeroporto da capital, Mogadíscio, no momento em que o presidente Sharif Sheik Ahmed embarcava em um avião. Ahmed escapou ileso, e seu avião decolou em segurança, mas o

ataque deflagrou enfrentamentos que deixaram pelo menos 20 mortos nas ruas da cidade e em um mercado. Mogadíscio vive uma rotina quase diária de violência – um grupo insurgente vinculado à Al-Qaeda tenta derrubar o frágil governo apoiado pelas Nações Unidas. Na foto, uma somali ferida é levada para um hospital.

Fonte: Caos... (2009, p. 39).

Nesse período de análise só encontramos uma matéria que fizesse referência a um processo eleitoral de algum país do continente Africano. No caso na Imagem 12, onde é relatada a eleição em Moçambique e o candidato que tinha a preferência dos eleitores em uma matéria de quatro linhas e dezoito palavras. Sendo que Moçambique é um dos países africanos com relações mais próximas com o Brasil, uma vez

que também teve colonização Portuguesa. Nesse mesmo mês estava acontecendo um processo eleitoral do Uruguai que foi exaustivamente abordado pelo jornal.

Imagem 12 - Notícia que relata brevemente o processo eleitoral em Moçambique

Moçambique, na África, foi ontem às urnas. O presidente Armando Guebuza é favorito para conquistar um novo mandato.

Fonte: Moçambique... (2009, p. 37).

Presente nos três meses de análise estive a questão dos piratas da Somália. Aparecendo em uma reportagem em dois mil e nove, uma em dois mil e dez, e duas em dois mil e onze. Na Imagem 13 podemos observar uma matéria que relata que turistas britânicos foram alvo de piratas da Somália. Em nenhuma das matérias é apresentado um panorama mais amplo da situação, que ao menos permita aos leitores compreenderem o porquê da existência desses piratas e a influência de outros países nessa situação. A África e seus problemas são apresentados como um mal, mas não se investiga a origem desses problemas. A função de ampliar a discussão e contextualizar as situações não é do jornal impresso, todavia, cabe a nós professores buscarmos explorar essas formas de comunicação com nossos alunos. Questionando os interesses de mostrar a África sob essa ótica. Assim fica a interrogação: será que desfazer o “mundo africano” não seria um caminho para valorizar o “outro mundo”?!

Imagem 13 - Relato sobre piratas da Somália

Trecho do jornal Zero Hora do dia 30 de outubro de 2009.

ATAQUE NA SOMÁLIA

Turistas são alvo de piratas

Haradhere



Casal Paul e Rachel Chandler

Não são apenas os grandes petroleiros que viram alvo dos piratas somalis.

Os turistas britânicos Paul e Rachel Chandler estavam dormindo quando, na terça-feira, homens se aproximaram em três barcos e atacaram seu iate, que navegava de Seychelles até a Tanzânia, no leste da África.

– Homens armados subiram a bordo e nos forçaram a navegar até a Somália. Ficaram pedindo dinheiro e levaram tudo de valor que havia na embarcação – relatou Paul, em entrevista por telefone à emissora britânica ITV.

Antes que o telefonema fosse cortado, Paul contou que o casal havia sido levado para o cargueiro Kota Wajar, capturado por piratas no começo do mês com 21 tripulantes a bordo, ancorado perto da cidade costeira de Haradhere, na Somália. Segundo um pescador que não quis se identificar, os piratas levaram o casal para terra firme, na localidade de Ceel Huur, onde foram recepcionados por uma caravana de carros luxuosos.



Mais cedo, a marinha britânica encontrou o iate. Conforme as autoridades, não havia nenhum indício de que o casal estivesse ferido. O caso está sob os cuidados da marinha britânica, com ajuda da União Europeia e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

Também ontem, um barco pesqueiro tailandês, o Thai Union 3, foi atacado por um grupo de piratas em duas lanchas nas águas do Índico, 350 quilômetros ao norte das Ilhas Seychelles. Atualmente, há, no total, oito embarcações retidas por piratas em frente à costa somali, das quais quatro foram sequestradas nas últimas duas semanas.

Fonte: Ataque... (2009, p. 37).

A África aparece como um continente apagado, silenciado, e em nossa visão parece existir uma ausência de conhecimento e falta de interesse em atribuir significados a esse espaço. O que em uma primeira leitura pode parecer vazio é na verdade um silêncio preenchido por representações sociais. Os significados são poucos e em nossa leitura com conotações negativas. E a quem interessa que esse espaço tenha tão poucos significados atribuídos? Por que é importante para nossa constituição

enquanto sujeitos que o os outros sejam constituídos por verdades vistas como negativas? Como trabalhar essa intencionalidade, como educar o olhar dos nossos alunos para enxergar outras lógicas.

Essa pontuação remete a importância que nós professores temos em buscar a habilidade de enxergar essas nuances. E ao trabalhar esse continente em sala de aula com nossos alunos, que possamos auxiliá-los a construir outros significados para esse espaço. Tonini (2006, p. 23) nos diz que “o significado não existe no mundo, não é encontrado como elemento da natureza, como algo vagando, o qual basta pegarmos para colocar sobre as coisas, sobre os objetos em si.” Pensamos então que se esse significado não pode ser colocado assim simplesmente sobre as coisas, o objeto em si, se ele não existe naturalmente no mundo, ele parecer ser posto a esse objeto a partir das representações sociais, que são desenvolvidas em todas as esferas de nossa vida. Representações sociais que se constituem enquanto valores, valores que trazem algum tipo de emoção para os sujeitos alunos. Emoção essa parte da construção da aprendizagem.

Imagem 14 - A questão da fome

Trecho de matéria do jornal Zero Hora do dia 15 de outubro de 2009

PRATOS VAZIOS

Um milhão com fome



A queda nas doações e o menor investimento na agricultura aumentaram o número de famintos no mundo. A crise econômica também contribuiu para que o número chegasse a 1,02 bilhão (um sexto da população mundial), afirmou ontem a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

Com base na FAO...

...a Welthungerhilfe e o Instituto Internacional de Pesquisa sobre Políticas Alimentares concluíram que os países africanos continuam se destacando negativamente no Índice Global da Fome 2009:

- **República Democrática do Congo**, Burundi, Eritreia, Serra Leoa e Chade, nessa ordem, são os países com o índice de fome mais agudo, com mais de 30% da população com graves problemas de desnutrição.
- **Em 29 países** do mundo, todos eles africanos ou asiáticos, com exceção do Haiti, a situação de fome é muito grave e preocupante, mas, na Ásia, foram registrados, desde 1990, consideráveis progressos na luta contra a desnutrição.

Fonte: Pratos... (2009, p.34)

O trecho da matéria da Imagem 14 apresenta uma recorrência de tema das notícias analisadas. Muitas delas falavam sobre algum país africano, apresentavam rankings e comparações com países de outros continentes. A matéria da Imagem 14 retoma outra temática recorrente na fala dos alunos dos grupos focais, a fome. Essa questão esteve presente em todos os grupos e também em algumas notícias encontradas. A fome aparece como medida emergencial do continente, a fome como única necessidade dos sujeitos que habitam esse espaço. E através do que observamos na fala dos alunos, a fome como representação também imagética. “Eu lembro das crianças comendo bolachas de terra” frase essa dita por mais de um aluno em grupos diferentes. Essa construção passa a impressão de que ao solucionarmos o problema da fome, não existiriam outras questões no continente.

7.2 Outubro 2010

No período de primeiro a trinta e um de outubro de dois mil e dez foram encontradas apenas nove matérias sobre algum país do continente Africano. Esse dado dialoga com a ideia da questão episódica, pois, em nossa análise de dois mil e onze foram destacadas vinte e duas matérias que citassem a África enquanto que em dois mil e nove e dois mil e dez o número foi significativamente menor. A maior quantidade de matérias em dois mil e onze é devido a primavera árabe, responsável por aproximadamente trinta relatos daquele mês.

As matérias de outubro de dois mil e dez possuíam temas mais diversificados. Duas delas estavam na sessão de *Esportes* e falavam sobre futebol. Mesmo essa sessão tendo edição diária com constante relato sobre outros continentes, foi raro encontrar referências à África. Quando apareceram (tanto em dois mil e nove, dois mil e dez, dois mil e onze) estavam ligadas principalmente a jogadores africanos que atuavam na Europa.

Mais uma vez apareceu uma matéria com o ranking dos países mais perigosos para a imprensa, e estava presente uma notícia sobre um jornalista da Eritreia que havia ganhado um prêmio, e destacava-se que esse era um dos países mais perigosos do mundo para a imprensa.

Na Imagem 15 observamos uma pequena nota sobre a publicação de um livro de Nelson Mandela. Apresentamos essa nota, pois, além de jogadores de futebol a única personalidade citada pelos grupos focais foi ele, Mandela, citado em cinco dos dezesseis grupos.

Imagem 15 - Presença de Nelson Mandela
Trecho do jornal Zero Hora do dia 11 de outubro de 2010.

NOVO LIVRO

Mandela reclama por ter sido idealizado

Uma nova compilação de documentos e registros pessoais do líder sul-africano Nelson Mandela revela a dor que sentia na prisão por estar longe da família, durante as quase três décadas em que foi prisioneiro pelo regime do apartheid, assim como seu desconforto com a idealização de sua imagem. Trechos de *Conversas Comigo Mesmo*, que será lançado amanhã, foram publicados em jornais sul-africanos ontem. Mandela aborda todo tipo de assunto.

Fonte: Novo... (2010, p. 22).

A dificuldade em identificar as representações sociais nos remete a ideia apresentada por Guareschi:

realmente, é no mínimo complexo o “status” de realidade, isto é, ontológico, de uma representação social. Elas “são”, de fato, mas elas não podem ser tocadas. Elas existem, mas não se deixam ver. Elas possuem determinada concretude. Mas não podem ser delimitadas, medidas, desenhadas. Elas aparecem sem ser vistas; influenciam, sem que as identifiquemos claramente. (GUARESCHI, 2000, p. 249-250).

Este caráter obscuro das representações nos parece claro no jornal, fazemos a leitura dessas representações, conseguimos percebê-las e apesar de elas possuírem alguma concretude são difíceis de delimitar. Moscovici (2009) nos traz que “cada um de nós está obviamente cercado, tanto individualmente como coletivamente, por palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos, nossos

ouvidos e nossa mente” (MOSCOVICI, 2009, p. 33) independentemente de nós querermos ou não e sem que saibamos. E a mídia aparenta ser a principal responsável pela construção dessas palavras, ideias e imagens que nos rodeiam. Os sujeitos alunos que participaram dos grupos focais são constituídos por representações muito próximas as que estão presentes no jornal, e essas representações são construídas sem que eles percebam e já estão agendadas previamente sem que percebam.

Imagem 16 - Questões negativas em país africano
Trecho de matéria do jornal Zero Hora do dia 21 de outubro de 2010.

PRECONCEITO

Perseguição assusta gays em Uganda

Ameaças a homossexuais obrigam muitos a se esconder e provocam indignação no Exterior

Kampala, Uganda

A capa da edição do dia 9 de outubro do jornal *Rolling Stone*, de Uganda, trouxe a lista dos “cem principais gays do país, com o título “Enforcem-nos”. Além das fotografias, o jornal publicou os nomes e até os endereços deles.

As ameaças cada vez maiores aos homossexuais nesta nação do centro-leste da África têm provocado indignação internacional e críticas generalizadas no Exterior.

Nos dias seguintes à publicação das fotos, pelo menos quatro dos gays ugandenses da lista foram atacados e, segundo a ativista dos direitos humanos Pepe Julian Onziema,

jeto no Legislativo, a maioria das pessoas não se importava conosco. Mas, desde então, somos ameaçados por muitas pessoas que odeiam a homossexualidade – disse Patrick Ndede, 27 anos.

Maioria da população ugandense é cristã

No ano passado, mais de 20 homossexuais foram atacados em Uganda e outros 17 foram detidos e continuam presos, conforme Frank Mugisha, presidente do grupo Minorias Sexuais.

– Somos uma espécie ameaçada em nosso próprio país. Somos olhados como se fôssemos párias. Certa vez, eu estava em uma casa noturna quando alguém que me conhecia apontou para mim gritando “ela é

Fonte: Preconceito... (2010, p. 37).

Na Imagem 16 podemos observar uma notícia sobre a perseguição a homossexuais em Uganda. Mais uma vez nos deparamos com textos que apresentam problemas que acontecem no continente. Refletimos se existe o interesse de ao mostrar atitudes homofóbicas em Uganda tirar o foco e esconder a homofobia existente no Brasil.

Assim como na Imagem 15, onde está relatada a ação de piratas somalis em um navio petroleiro de Cingapura. Os piratas somalis aparecem episodicamente no jornal, como um mal que assombra quem é de fora do continente e busca conhecê-

lo. Ao questionarmos os alunos “O que vocês acham que turistas que visitam algum país do continente querem ver?”. Algumas das respostas eram “Ninguém quer ir lá”. Como alguém gostaria de ir “lá” com perigos tão eminentes? Outra resposta para a questão era “As pessoas querem ver a pobreza”. Pobreza essa presente em inúmeras das reportagens que citamos (Imagens 9 e 14, por exemplo). Na busca por encontrar algo bom a ser visitado, apresenta-se o espetáculo da pobreza, a tentativa de conhecer os problemas do mundo. A terceira resposta para essa pergunta era “A natureza de lá”, essas paisagens ditas naturais apareciam como principal atrativo, safáris, florestas, animais eram o maiores destaques para esse turismo.

Imagem 17 - Ação dos piratas Somalis. Trecho do jornal Zero Hora do dia 25 de outubro de 2010

Piratas somalis sequestraram no sábado um navio com bandeira de Cingapura que carregava gás liquefeito de petróleo (GPL) na costa leste da África, informou ontem a força-tarefa antipirataria da União Europeia. Havia apreensão devido ao perigo da carga.

Fonte: Ação... (2010, p. 27).

Das notícias investigadas nos três períodos de análise observamos que a maior parte atribuía valor negativo aos países citados. A África aparece no jornal como um espaço onde os índices de qualidade de vida são baixos, onde situações caóticas (milícias, ataques piratas) estão instauradas e onde a pobreza e a fome prevalecem. É raro que outra faceta do continente seja apresentada. Esta presença no jornal conversa intrinsecamente com as representações que apareceram nas falas dos alunos, a monotemática deles em relação a um continente inteiro. Só esteve presente nesse período de análise uma pequena notícia da África enquanto “natureza”. Apesar de essa ideia estar presente na fala dos alunos. Quando eles traziam essa feições naturais comentavam saber sobre isso através de programas de televisão ao estilo documentário.

A África aparece com sua pobreza, sua fome e sua natureza. O continente apresenta essas três faces, sendo duas delas siamesas, a fome e a pobreza. Como

“cuidar” dessa natureza se não se pode nem combater a fome a pobreza de maneira minimamente digna. Essa ideia aparenta estar presente na fala dos alunos e também nas matérias do jornal. Nossas atividades docentes tem a possibilidade de buscar outras verdades sobre a África, mas para isso precisamos nós mesmos buscarmos outras lógicas. Parece-nos pertinente a presença dos veículos midiáticos na sala de aula, sabendo que eles não são por si só pedagógicos. A possibilidade de construção de conhecimento parte das práticas docentes, das escolhas dos professores, que devem ser cuidadosas e apontar para a mudança de olhar sobre esses veículos.

8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES MOMENTÂNEAS

Ressaltamos que ao buscar um pensamento complexo não nos propomos a apresentar nesse momento conclusões estáticas de nosso trabalho. Compreendemos que as verdades são provisórias e voláteis e o que possa nos parecer verdade nesse período tem a ampla possibilidade de mudança.

Em nossa investigação muitos temas se sobressaíram ao buscarmos a maneira como a África é vista. Mas na leitura realizada nesse momento o que mais se destaca é a ausência de significados do continente. A África nos parece ser um continente silenciado para os alunos, ela subexiste, e aparenta estar apagado de informações na mídia impressa. Um continente com cinquenta e quatro países se mostra visto como um país muitas vezes e quando se tem a percepção da continentalidade a lista de países citados não passa de dez, e fica muito centrada em no máximo cinco, seja nas matérias do jornal seja na fala dos sujeitos alunos.

Nos parece interessante observar que ao pensar o continente africano os alunos em muitos momentos viam o Brasil, usavam a ótica dessa análise para o seu país num exercício de ao pensar o outro refletir sobre si mesmo. Essa reflexão em alguns momentos com prevalência de atribuições positivas e nisso percebemos uma mudança na relação como o país é apresentado pelo jornal. Muitas das matérias pelas quais passamos em nossa análise ressaltavam as mudanças econômicas e sociais do Brasil, tema que em nossa leitura não esteve presente durante muitos anos nas análises sobre o país. Estamos passando por um período de transformação na maneira como enxergamos a nós mesmos e através das falas dos alunos percebemos uma mudança de atitude em relação ao Brasil dessa faixa etária. Parece-nos essencial pensar a importância das representações sociais nesse momento transitório, pois, podemos passar de um país oprimido a um país opressor e justificar nossas atitudes através dos problemas do outro.

Os grupos focais realizados foram instigantes no sentido de que após os diálogos estabelecidos sobre a África, fica também uma curiosidade dos alunos em relação ao continente. No diálogo com eles mesmos surgiam inquietações que até então estavam acomodadas. Esse aparenta ser um bom caminho para iniciar uma reflexão sobre o continente. Após as entrevistas os alunos corriam para o globo terrestre e tentavam localizar o continente africano e seus países e se deparavam com uma extensão territorial e uma divisão política maiores do que estavam

esperando. O encantamento pelo globo terrestre faz com que fique perceptível nos alunos a curiosidade que nos é interessante.

A aplicação de grupos focais se apresenta em nossa visão como uma ferramenta auxiliar a busca por compreender o universo dos alunos. Ao estarem organizados em grupos menores, sujeitos que possivelmente não se expressariam na sala de aula sentem segurança para expor ideias e questões apresentadas muitas vezes são distintas do que era esperado. Uma questão que nos surpreendeu foi como os alunos da sétima série (oitavo ano) do Ensino Fundamental atribuíam a suas ideias sobre a África a programas estilo documentário, tanto da televisão aberta quanto de canais pagos.

Essa pesquisa permitiu vermos com mais qualificação a importância da comunicação na formação dos sujeitos. Os percursos investigativos parecem ter contribuído para nosso crescimento enquanto professores, pois, os grupos permitem compreender o que os alunos conhecem antes da aula. Está presente a sensação de que ao trabalharmos a África em nossas atividades docentes posteriores, ela será pensada de maneira diferente, as propostas metodológicas serão desenvolvidas a partir dos resultados obtidos nessa dissertação.

Ao pensarmos as representações sociais, percebemos a dificuldade em sua identificação e posterior mudança. Essa dificuldade se aplica a nós mesmos enquanto professores, pois, como já relatamos a partir do momento em que estamos na sociedade somos construídos por representações e mesmo que busquemos identificá-las e transformá-las nem sempre conseguimos realizar da maneira como era esperado. Foi interessantíssimo perceber que ao aplicarmos os grupos focais questionávamos as representações dos alunos. Todavia ao analisarmos o jornal nos deparamos com nossas próprias representações, em muitos momentos ao longo da análise quando aparecia alguma imagem do Haiti, nosso olhar enquanto pesquisadores voltava-se pra ver se era uma matéria sobre a África. Isso acontecia de maneira inconsciente quando percebíamos estávamos pensando na possibilidade de aquele espaço representado naquela imagem ser no continente africano. Então quando os alunos dos grupos focais perguntavam “O Haiti é na África?” de certa maneira faziam a mesma pergunta que nós professores. No entanto, nosso conhecimento sobre esses espaços nos faz chegar a uma resposta rápida, para saber que não, não é na África e esse primeiro pensamento fica praticamente imperceptível.

Dentre as considerações que chegamos nesse momento uma que nos preocupa é a monotemática em relação ao continente. É a presença de pouquíssimos temas e significados atribuídos a África. Um espaço que não existe para nós naturalmente, é visto sob a ótica de como é trazido pela comunicação. Isto nos faz pensar em nossas práticas docentes, como introduzir outros temas. Devemos desconstruir todas essas representações tão cristalizadas. Seria mais adequado que apresentássemos facetas totalmente desconhecidas desse continente? Como atribuir significado aos países do continente, como a África subsaariana não ser um todo? Como reconhecer essa diferente? De que maneira enquanto professores trabalhar essa Geografia do ausente? Dos lugares que não conhecemos, e de um ausente que pode se tornar presente ainda que através de lógicas. A busca por desenvolver atribuir um significado diferente a esse espaço parece-nos o maior desafio na tentativa de repensar essas representações.

As representações sociais são conjuntos de crenças e valores e dessa maneira tem um significado emocional, jaz nessa questão sua ligação importante com a educação. Para aprender o aluno necessita estar emocionalmente envolvido com aquilo que é aprendido, assim as representações sociais mostram um caminho possível para desenvolver essas questões afetivas, apresentam-se como possibilidade de envolvimento.

Enquanto continuidade na busca por outras lógicas seria importante a aplicação de oficinas que trabalhem essas representações, e investiguem sua influência no desenvolvimento de competências, na transformação de informações em conhecimento. Outro percurso possível após esse trabalho é a investigação das representações sociais que os alunos possuem sobre o Brasil, como eles enxergam o país em que vivem. Como veem as diferentes regiões impostas para o país. As representações sociais que os sujeitos alunos têm do outro que simultaneamente é ele mesmo. Seriam essas representações sociais das regiões brasileiras um empecilho a possibilidade de pensar o país enquanto um todo? Elas fragmentariam o espaço? Em nossa leitura, questões de grande importância e que proporcionariam estudos relevantes.

As representações sociais em nossa leitura reafirmam-se enquanto conceito importantíssimo para análises geográficas. A atribuição de representações sociais a espaços geográficos é objeto relevante a ser pensado por nós geógrafos. A dificuldade de percepção e identificação dessas representações reafirma a

importância de procurarmos compreendê-las e quem sabe a partir disso estabelecer uma possibilidade maior de comunicação entre os espaços. A partir do momento que percebemos essas representações, repensamos esses espaços e buscamos encontrar outras formas apresentadas por eles e assim talvez possamos ver e aceitar a pluralidade dos sistemas.

REFERÊNCIAS

- AÇÃO dos piratas Somalis. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 27, 25 out. 2010.
- APOIO social. Dilma pede investimento na África. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 11, 20 out. 2011.
- ATAQUE na Somália. Turistas são alvo de piratas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 37, 30 out. 2009.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Matriz de referência para o ENEM 2009**. Disponível em <http://www.enem.inep.gov.br/pdf/Enem2009_matriz.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária do Ensino Médio. **Parâmetros curriculares nacionais - ensino médio**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2011.
- CAOS na ruas da Somália. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 39, 23 out. 2009.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: caminhos e encantos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007a.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Ensino, complexidade e diversidade da vida nos fazeres geográficos. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 33-48.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O estágio continuado e a (re)construção do fazer pedagógico geográfico: o lugar da escola. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.461-478, 01 jul. 2007b.
- CATROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson; CATROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007b. p. 35-48.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CAVALCANTI, Lana. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2007.
- COSTELLA, Roselane Zordan. Competências e habilidades no contexto da sala de aula: ensaiando diálogos com a teoria piagetiana. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p.21-30, 2011.
- COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

DEMO, Pedro. **Praticar ciência: metodologias do conhecimento científico**. São Paulo: Saraiva, 2011.

ESTADO falido. Milícia exibe pode em forte atentado na Somália. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 28, 05 out. 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. In: 29 REUNIÃO ANUAL DA ANPED. EDUCAÇÃO, CULTURA E CONHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE. 29., 2006, Caxambu, **Anais...** Caxambu, 2006.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia, educação e cidadania**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho. Anexos. In: GUARESCHI, Pedrinho. **Texto disponibilizado pelo autor na disciplina de representações sociais e ideologia, ministrada no segundo semestre do ano de dois mil e onze na Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2011. p. 207-229.

GUARESCHI, Pedrinho. Representações sociais: avanços teóricos e epistemológicos. **Temas em Psicologia da SBP**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p.249-256, 20 jun. 2012.

HOHLFELDT, Antonio. Os estudos sobre a hipótese de agendamento. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 7, p. 42-51, nov. 1997. Semestral.

KOZEL, Salete. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete. **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ufpr, 2002. p. 215-233.

KOZEL, Salete. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba a Capital ecológica**. São Paulo: FFLCH/USP, 2001.

KOZEL, Salete; GALVÃO, Wilson. Representação e Ensino de Geografia:: Contribuições Teórico-metodológicas. **Ateliê Geográfico**, Goiânica, v. 2, n. 5, p.33-48, 01 dez. 2008.

LEÃO, Vicente de Paula; LEÃO, Inês de Carvalho. **Ensino de geografia e mídia**. São Paulo: Argumentvm, 2009.

LOEBLEIN, Gisele. Ranking da ONU. Vida na riqueza e na pobreza. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 16, 11 out. 2009.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. Tradução Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert.

MOÇAMBIQUE. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 37, 29 out. 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. São Paulo: Publicações Europa-américa, 1982.

MORIN, Edgar. Complexidade restrita, complexidade geral. In: MORIN, Edgar; MOIGNE, Jean-louis Le. **Inteligência da complexidade: epistemologia e pragmática**. Lisboa: Instituto Piaget, 2009. p. 36-78.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. **Para navegar no século 21: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 1999. p. 19-42.

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002a.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. (Psicologia Social).

NOBEL triplo. Os rostos femininos da paz. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 30, 08 out. 2011.

NONO livro. Mandela reclama por ter sido idealizado. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 22, 11 out. 2010.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Fotografias dizem do (nosso) mundo: educação visual no encarte Megacidades, do Jornal o Estado de São Paulo. In: TONINI, Ivaine Maria et al. **O ensino da geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Ufrgs, 2011. p. 245-257.

OS ÚLTIMOS momentos. O ditador Líbio Muamar Kadaf teve uma morte violenta, mas não está claro quem o matou. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 31, 21 out. 2011.

PAULO, Sergio de Moraes. **O ensino de geografia e suas representações sociais numa área de interesses ambientais: o caso de Iguape**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) -- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04062007-153937/>>. Acesso em: 05 mar. 2012.

PRATOS vazios. Um milhão com fome. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.34, 15 out. 2009.

PRECONCEITO. Perseguição assusta gays em Uganda. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 37, 21 out. 2010.

RIO GRANDE DO SUL. Secretária de Educação do Rio Grande do Sul. **Lições do Rio Grande: ciências humanas e suas tecnologias**. Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol5.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2011. Acesso em: 20 mar. 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

TONINI, Ivaine Maria. Cenas geográficas nos circuitos midiáticos. **Cadernos do Logepa**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 21-30, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2011.

UMA VIAGEM. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 22, 18 out. 2009.

APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Grupo Focal Piloto – Outubro de 2011.

Alunos 1, 2, 3, 4, 5 e 6

Pesquisador: A minha primeira pergunta ela é bem ampla, eu quero que vocês como grupo discutam e pensem sobre isso: O que vem a mente de vocês quando escutam a palavra África. O que vocês vêem quando vocês pensam em África.

Aluno 1: Pobreza.

Aluno 2: Fome

Aluno 1: Muito diferente as classes porque tem pobre bem baixo e os ricos, tipo não tem uma classe econômica do meio, é pobre ou rico.

Aluno 3: Sim, quando bate cinco horas, a gente fatalmente não consegue ficar sem banho, imagina eles naquela água suja.

Aluno 1: Também me lembra muitos animais.

Aluno 3: Tráfico de elefantes.

Aluno 1: Ah, sim, também o tráfico do chifre dos elefantes.

Aluno 3: Tráfico de crianças.

Aluno 1: Isso dos elefantes eu acho a coisa mais horrível, só matam os elefantes só pelos chifres.

Aluno 3: Também se desse pra aproveitar a carne eu acho que não deve matar o bicho.

Aluno 1: Não, Claro!

Aluno 3: É uma classe muito baixa!

Aluno 1: E também uma coisa bem estranha, lá um pouco antes nunca teve um presidente negro. Era só todo branco, e lá eles são tudo negro quase e como que tinha os branco lá? São bem safados.

(risos)

Aluno 3: E aqui tem pessoas que não entendem que um tênis de quinhentos reais é bom, “tipo” querem de setecentos, olha eles lá tem que andar com garrafa no pé!

Aluno 1: Trezentos já é muito, um tênis de duzentos e cinquenta me durou, olha, tempo. Eu comprei aqui e fui pra lá e ainda existe.

Aluno 3: Eu acho que, bah eles são muito pobres, eles andam parece que de vestido, eles botam “uns pano” qualquer. Imagina, tu tá dormindo com um olho

fechado e o outro aberto porque tu sabe, que a qualquer hora tu olha e tem um tigre.
(incompreensível)

Aluno 1: Não, outra coisa também é que eles tão... teve uma reportagem que eles “tavam” matando “os leão” porque “os leão” chegavam e “quebrava” tudo, porque era de madeira “as casa”, quebrava as portas e arrastavam as pessoas e matavam.

Aluno 3: Eles vão e eles caçam os leão, “os leão” fogem deles. Tu acha que se chegar a ver eles, “os leão” tem memória. Tu acha que o que ele vai querer fazer? Vai querer morder.

Aluno 1: Também é uma coisa, quem tá invadindo o território não são os animais “são nós”.

Aluno 4: Também é responsabilidade. (não é possível entender) Para viajar para o exterior e ter uma vida melhor.

Pesquisador: Gurias? Eu to vendo só os meninos falando, não?

Aluno 3: “Os guri” que comanda aqui.

Pesquisador: Quando a gente fala em África quais são as imagens que vem a cabeça de vocês?

Aluno 1: Pra mim vem muitas imagens, imagens boas e imagens ruins.

Pesquisador: E tu consegues diferenciar o que é bom e o que é ruim?

Aluno 1: “Tipo” o ruim é as cidades... Assim... tu vê muita gente, sei lá, “um coisa” desorganizado as cidades, e também as praias. Lá nunca sabia que os hipopótamos nadam na praia, isso eu não sabia. (risos)

Aluno 2: Lá tem muito rio, tem a floresta, as pessoas são simpáticas, mesmo com a pobreza.

Aluno 3: É isso é verdade.

Aluno 1: Também tem outra coisa, a religião. Tem muito tipo de religião lá.

Aluno 3: A única diferença é que a gente (incompreensível)

Aluno 1: Tá sora pode fazer outra pergunta, porque as meninas não tem mais nada para dizer.

Pesquisador: Não tem mais nada de diferente do que já disseram? Quando a gente fala em África são essas imagens que vem na cabeça de vocês?

Aluno 3: Ah mas também vem as Florestas com os animais dentro. É muito bonito lá.

Pesquisador: Agora se eu pensar em algum país da África. Vamos pensar a África enquanto continente. Quais são os países que vocês lembram da África?

Aluno 1: Nigéria, Angola. Angola fala Português ou não? Não me lembro agora.

Aluno 3: Depende. Angola já é um coisa... Que tem gente que tem dinheiro. É diferente.

Aluno 1: Sim. Não. Mas em todo lugar... Em todo lugar... Aqui no Brasil tem os ricos e tem os pobres. Me diz, o que que é dos ricos sem os pobres?

Aluno 3: É isso é verdade.

Aluno 1: O que que é deles?

Aluno 3: É como dar esmola. Se eu for pagar sempre, eles vão tá com uma canequinha balançando.

Aluno 1: Não. Quem que vai fazer o trabalho pra eles? Porque eles não vão botar a mão na massa fazendo.

Aluno 3: Ah com certeza.

(risos)

Pesquisador: Que outros países vocês lembram? Tem Angola... Tem Nigéria...

Aluno 1: África do Sul. Tem lá... Foi a copa do mundo.

Aluno 3: É foi a copa. Pelo o que eu vi...

Aluno 1: Foi o primeiro país que fez a copa e não passou pras outras fases.

Aluno 3: Gana. Gana também. Gana foi pras quartas de final. Não oitavas de finais. Primeira vez que um país Africano passa. Tu pode ver, que eles reformaram estádios, isso e aquilo. As pessoas passando fome e eles não têm dinheiro. Como que eles reformaram estádio e um monte de coisa?

Aluno 4: Principalmente eles comentam que (incompreensível)

Aluno 1: O mais que eles tem que investir. Também é nos negócio. Se investir nos negócios. Não vai ser só os ricos. Vão investir em trabalho pros pobre. E se tem trabalho pros pobre, os pobre não vão passar fome.

Aluno 3: Isso mesmo que ele falou. Quem vai faxinar a casa deles?

Pesquisador: E quando nós pensamos a relação da África com o Brasil?

Aluno 5: O Brasil parece ser um país um pouco mais rico do que a África.

Aluno 4: Mas também nem é tanto.

Aluno 1: Eu me lembro que muitos africanos. Eles tem muito torcedor pelo Brasil. Tipo a África do Sul é apaixonada pelo Brasil, do futebol e tudo isso.

Aluno 4: É diferente as classes. Lá na África tem diferentes classes é pobre ou rico. Aqui no Brasil é baixa, média e alta.

Aluno 3: É muita diferença a África. Na África tu não tem colégio. Tu vê as pessoas de vintes anos, quarenta na mesma sala dos gurizinhos de três, quatro. É muita

diferença. Aqui não tem o que tu vê lá de tigre correndo atrás das pessoas. Aqui tu vê a (cita nome de aluna) correndo atrás. É muita diferença. Olha as rua tudo, mesmo que o governo não ajude muito. Mas pelo menos tem escola, escola direita, pelo menos. As coisas não são tão baixa. Agora com esses vale-gás, bolsa família, ela já tá subindo as classes um pouco. Que daí as pessoa pode comprar...

Aluno 1: Não agora. Agora tá ruim pra todo mundo. Da crise econômica.

Aluno 3: Da greve dos banco.

Aluno 1: Não. Não já pararam.

Aluno 3: Os correio.

Aluno 1: Os correios também pararam.

Aluno 3: Mas os bancos ainda não. Os banco não tem nem previsão. Mais de vinte e dois dias. Muitas pessoas.

Aluno 1: Mas o Bradesco.

Aluno 3: As pessoas não conseguem tirar salário. Nem pra comprar comida, elas tem quatro filhos.

Aluno 1: Mas dizem que o Bradesco. O Banco do Brasil e outras já colocaram.

Aluno 4: Corre o perigo de o Brasil ficar um pouco parecido com a África. Por causa desse aumento de contas.

Aluno 3: Ah esses bolsa-família, vale-gás. O que que eles pensam, vou ganhar tudo, pra que trabalhar?

Aluno 1: Mas . Tem uma coisa. Já fizeram uns estudo. Que olha, Estados Unidos vai acabar. Estados Unidos não vai mais ser aquelee Estados Unidos que tem um monte dinheiro. Tem cinco países que vão crescer muito. Que fizeram estudo, que do jeito que eles tão vão crescer muito. Que vão ser os maiores do mundo. Que vai ser a China, o Brasil...

Aluno 4: Japão já tá caindo.

Aluno 1: Qual mais? O...

Aluno 3: Estados Unidos.

Aluno 1: Não, Estados Unidos vai cair. Estados Unidos eles disseram que não tem mais. Itália. Alguns da Europa.

Aluno 6: Não é Espanha? Espanha faz frio.

Aluno 1: Não. A Inglaterra. São esses que vão...

Pesquisador: E assim... Voltando para a questão da África. Vamos ver se as meninas falam. Falando da África com o Brasil vem alguma ideia para vocês?

Aluno 1 para aluno 3: Não fala.

Aluno 2: Que o Brasil tem mais alimentos do que a África. E aqui poucas pessoas passam fome e na África metade da população passa.

Aluno 6: Que aqui existe água e lá na África as pessoas brigam por um copo de Água.

Aluno 5: E tem uma coisa que eles tem uma vantagem. Lá eles trabalham em grupo, aqui no Brasil, tipo, é praticamente impossível.

Aluno 3: É. Outra coisa. Nem que eles não têm condições. Mas o que que eles fazem um monte de filho? Não tem condições.

Aluno 1: É isso. As vezes eu fico de cara. Assim. Que tem. São pobre. Sabe que são pobre.

Aluno 3: Não tem condições nem pra se sustentar.

Aluno 1: Tem dez filho. Olha, isso eu fico louco. Tá louco. São pobre, não conseguem melhorar. Pra que que vão fazer filho? Pra fazer mais pessoas sofrer?

Aluno 5: Fica em casa sem fazer nada.

Aluno 1: É isso aí que tu pensa?

Aluno 3: Mas também é falta de preservativo.

Aluno 2: Mas também lá eles pegam a maioria das doenças.

Aluno 3: É são as DST. Doença sexualmente transmissível.

Aluno 5: Tem muitas doenças por causa dos animais também.

Aluno 2: E também por causa da água poluída.

Aluno 3: Casa de cobra.

Aluno 6: Bá tá louco.

Pesquisador: E se nós pensarmos as paisagens naturais da África?

Aluno 3: Os rios, as florestas.

Aluno 1: Um coisa que é engraçada. Os ricos em qualquer lugar, em qualquer lugar. Tu sabe vê o país bonito. Mas quando tu passa por um apertinho. Tu sabe. Tu vê o que que é de ruim o país. O que que tem de ruim. Mas quando tu tem dinheiro, tu só passa nos hotel, passa em praia, passa em tudo. Mas tu não passa por aonde os pobre passam, pra tu vê que o país tá feio. Tipo os políticos. Em uma reportagem que deu ontem. Deixa os políticos ficar uma semana indo nos ônibus pra ver se eles não vão melhorar.

Aluno 4: Também, tem as cidades que tão em volta de muitos rios. E lugares que tem natureza.

Aluno 3: A minha irmã viajou pra África. Ela ainda tá lá. Ela não agüentou uma semana, falou pro pai que queria voltar. Ela não conseguiu viver lá. O que que ela... Falou que é muito difícil. Pra ti ver a diferença. Olha ai ela, não consegue ficar uma semana...

Aluno 1: Outra coisa. Não tem como tu viver melhor que na tua casa. Tu tá no meio familiar. De um jeito tu se ajeita. Mas quanto tu tá longe, tu não sabe o que fazer. Da onde que tu vai pegar alguma cosia? Onde que tu vai ficar?

Aluno 3: Tá ai uma coisa que tu vê. Tu chega lá, os nego não tão que nem tem muita gente que fica dizendo “ahh eu não tenho isso”. Olha os nego não tem nada. Tão feliz. Fazem festa. Fazem uma festa entre eles, sem dinheiro. Acendem fogueira, dançam em volta da fogueira. Se divertem entre eles. Fazem um monte de coisa.

Pesquisador: Essa questão da paisagem natural, vamos indo um por um e vocês me dizem o que vem na cabeça.

Aluno 6: Paisagem das Florestas.

Pesquisador: Como que é essa floresta?

Aluno 6: É...

Aluno 5: As pequenas praias que existem lá.

Aluno 2: Os animais e as pessoas mostram a alegria e a simpatia do país.

Aluno 4: Muitas partes que não foram exploradas. Muitos animais. Vai alguém lá e destrói pra fazer a casa deles.

Aluno 3: Ah eu vejo floresta. Muitos animais bonitos. Árvores.

Aluno 1: Tu vai lá pra cima onde tá a Amazônia. Tu tá bem perto dela tá um calorão. Daí tu entra dentro. Parece que as árvores. Eles desmatam aquilo ali e parece que não serve pra mais nada aquela terra. Não chove.

Aluno 5: Sendo que na Amazônia a maioria deles faz pequenas casas. Coisas assim.

Pesquisador: Nós falamos das cidades na África. Que imagem vocês têm das cidades na África?

Aluno 4: Muitas partes com paredes quebradas. Muros pichados.

Aluno 2: Cidades pequenas, com muitas pessoas.

Aluno 1: Muitos povos.

Aluno 3: Muitos caçadores.

Aluno 2: Um pouco menos de pobreza. Em algumas cidades tem menos e outras...

Aluno 3: Dependendo da classe econômica.

Pesquisador: Propõe comparação entre a copa da África do Sul e a copa do Brasil.

Aluno 4: Eu acho que muitos estádio vão gastar a maioria do dinheiro. E muitos estádios. Pra melhorar aeroportos pros estrangeiros. Só que daí não tão pensando na saúde.

Aluno 1: Uma coisa...

Aluno 3: Tem os ônibus com adesivo, copa dois mil e quatorze. E os hospital ai, um monte de gente dormingo...

Aluno 4: Muito colorido aquele ônibus.

Aluno 3: Eles mostraram dentro do Clínicas as pessoas dormindo em maca nos corredores.

Aluno 1: E também outras coisas que eu acho... Como, olha. Uruguai, Argentina. São as classes... O dinheiro deles não vale tanto que nem o nosso. A economia do Brasil é muito grande. E como que eles não podem existir. Porque tem um monte. Ali ó, fizeram uma reportagem na divisa de Uruguai e Brasil. As pessoas ficavam doente. Não tinha lugar pra onde elas ir. Elas tinham que ir pro Uruguai para poder ser atendidas. Os casos mais intensos, sei lá. Tipo não primeiros socorros. Isso tinha, mas não uma clínica que tem os aparelhos adequados.

Aluno 2: Na fronteira entre Argentina e Brasil, tem muito tráfico também. Tipo tinha uma reportagem no Fantástico que tinha muito tráfico de motorista.

Aluno 3: Tem uma coisa os policiais pegam as drogas. Todo mundo sabe que eles devolvem depois. Dividem entre eles e vendem. Um amigo meu disse pra mim “Não quer um jogo novo?” “Só me dá um jogo velho que minha prima trabalha lá, ela tira os novo e bota os velho” Daí o que eles pegam das pessoas. Que nem eles dizem que vão torrar tudo. Vão torrar nada e vender por mais lá.

Aluno 1: Também, outra coisa. Policial as vezes reclamam muito. Os que são às vezes um pouco direito. Reclamam muito que eles prendem o cara e daí soltam. Prendem o cara soltam. Prendem o cara soltam.

Aluno 3: Tem um cara lá. Que saiu, e na saída do presídio já foi preso de novo. Eles vão fazer de novo. Tem que deixar...

Aluno 1: Outra coisa... Também, o cara. Hmm. Deixa eu lembrar.

Pesquisador: Pensando de novo na África. Como é que vocês enxergam essas pessoas que moram na África?

Aluno 3: Um povo unido.

Aluno 2: Pobre.

Aluno 2: A gente as vezes vê uma tristeza. Mas pra eles é uma alegria de estar unido. O que pra gente é uma tristeza.

Aluno 1: Muita fome. Tipo... Tu vê muitas crianças que são muito magras. Coisas assim.

Aluno 3: Que nem assim, pra alguns um boneco de natal não tá nem aí. Mas dá um boneco pra eles, eles pulam de alegria.

Aluno 1: Também tem uma frase bem conhecida de que “a gente só reconhece o que é bom depois que perde”.

Aluno 3: Outra coisa também. Tem uma piada. É racista essa piada. Mas até que... (não reproduziremos a piada). É racista essa piada. Mas como é que eles vão ter futuro? Não escola. Não é culpa deles. É do governo que não faz escola. Nem que fosse pelo menos um professor...

Aluno 1: Uma coisa que tu vê. Pros político é muito bom que eles fiquem sem estudo. Porque eles não vão saber de nada. Não vão reclamar pelos direitos que eles têm. E se eles tivessem um pouco das lei, que tem pros humanos e coisa, se entendessem um pouco. Seria ruim pros político.

Aluno 3: O cara reclama do político e ainda vai preso ainda.

Pesquisador: Agora depois de tudo que nós conversamos sobre a África. Eu quero que vocês cheguem... Eu vou sair da sala. E vocês vão chegar a cinco palavras que representem a África pra vocês. Tem que ser um consenso entre o grupo.

Pesquisador sai da sala

Aluno 3: Pobreza.

Aluno 1: Miséria.

Aluno 2: Saúde.

Aluno 1: Que saúde? Que saúde?

Aluno 5: Pobreza.

Aluno 6: Fome.

Aluno 1: Pera aí. Vamo chega. Vamo fazer três palavras da pobreza e tudo isso e duas sobre as coisa de bom que tem no país.

Aluno 5: Fome.

Aluno 3: Pobreza, fome.

Aluno 2: Doença.

Aluno 3: E de bom? Conjunto e alegria.

Aluno 2: União.

Todos: É... União e alegria.

Aluno 3: Pode vir.

Pesquisador retorna a sala.

Aluno 3: A gente fez três ruins e duas boas. É... Três ruins: pobreza...

Aluno 2: Fome.

Aluno 5: E doenças.

Aluno 1: As boas...

Aluno 6: Alegria e união.

Aluno 3: União e Alegria. Alegria e união.

Pesquisador: E se alguém aparecesse e convidasse vocês pra visitar algum país do continente Africano, vocês gostariam?

Aluno 3: Não.

Aluno 1: Visitar eu gostaria.

Aluno 3: Ah visitar eu gostaria também. Visitar sim, morar lá não.

Aluno 2: É mais ou menos. Eu ia gostar de ver as paisagens, mas não ia gostar de ver o sofrimento.

Aluno 3: Levar comida pra eles.

Aluno 1: Esse é o problema.

Aluno 3: Eu ia levar uma bolsa só com comida.

(risos)

A gravação é encerrada.

Grupo Focal 01 – Abril 2012³

Pesquisadora: o que vem na mente de vocês quando eu falo a palavra África?

Bruna⁴: Céu.

Luísa: Fome.

(risadas)

Carla: Cultura.

Bruna: Animais.

Luísa: Falta tu.

³ As transcrições foram realizadas a partir da fala dos alunos. Alguns momentos em que o diálogo focava em outros assuntos não foram transcritos para facilitar a leitura dos pontos que parecem mais relevantes. Os assuntos paralelos eram normalmente uma tentativa da pesquisadora de deixar os alunos mais a vontade, comentários sobre a biblioteca da escola ou sobre o tempo.

⁴ Os nomes dos alunos são fictícios, para preservar suas identidades.

Lucas: Já falaram tudo o que eu pensei.

Carla: A arte.

Pesquisadora: Que outras coisas veem na mente de vocês?

Roberto: Trabalho duro.

Luísa: Pobreza.

(assuntos paralelos)

Pesquisadora: Se vocês fecharem os olhos e nós falarmos: África. Qual imagem veem na cabeça de vocês?

Carla: Um continente.

Bruna: Muitas pessoas doentes.

Ricardo: África do Sul.

Bruna: O Zimbábue não é?

Carla: É que aqui todo mundo é muito ruim em Geografia.

Pesquisadora: Mas vocês não precisam se preocupar estar certo ou errado. É realmente as primeiras ideias que veem na mente de vocês.

Roberto: Deserto.

Lucas: Pessoas com roupas esquisitas.

Luísa: Aqueles panos na cabeça.

Bruna: Eu acho que na África eles têm muita dor também.

Ricardo: Negros.

Carla: Trabalho. Muita gente não trabalha lá.

Luísa: Já teve guerra lá sora?

Pesquisadora: Eu não posso falar muitas coisas porque quero ver o que vocês pensam naturalmente, sem as minhas opiniões.

Lucas: Tem conflitos entre as tribos.

Ricardo: Aquele o Muammar Kadhafi é de lá né?

Roberto: Tira a mão da boca pra falar.

Ricardo: Eu não to com a mão na boca.

Pesquisadora: Todo mundo concorda com tudo o que foi dito? Se vocês fecharem os olhos como vocês descreveriam a imagem que vem na cabeça de vocês? Eu vou perguntar um por um.

Bruna: Um lugar deserto com muitos animais e muitas pessoas.

Luísa: Ah roubou o que ia falar.

Carla: Homens caçando na floresta pra conseguir alimentos.

Luísa: Falou bonito.

Carla: Animais.

Luísa: Eu imagino um lugar cheio de árvores e animais.

Ricardo: Imagino um lugar seco. Sem água.

Lucas: Ah eu não sei, tu o que ia falar eles falaram. Árvores?

Roberto: Imagino muitas casas pequenas e pessoas trabalhando muito duro.

Pesquisadora: E nós pensarmos na relação da África com o Brasil? O que é mais parecido e o que é mais diferente?

Luísa: Saúde. Lá não tem muitos postos de saúde e aqui tem.

Lucas: A linguagem que eles falam lá e a gente fala aqui.

Bruna: Eu acho que lá tem muita fome e aqui no Brasil não.

Roberto: Tem fotos na internet que tem as crianças bem sequinhas morrendo de fome na África. E aqui é muito difícil ver isso.

Ricardo: Aqui tem tecnologia e lá não.

Roberto: Eu acho que a água. Eu acho que a água aqui é mais limpa do que lá.

Ricardo: Eu acho que aqui é mais urbano. Lá é mais rural.

(assuntos paralelos)

Pesquisadora: Mais alguma ideia quando falamos a palavra África?

Lucas: Sei lá. Poucos carros.

Ricardo: A cultura. Tem uns pontos diferentes e tem uns pontos parecidos.

Carla: Eu acho que as casas.

Bruna: As casas de lá são bem diferentes. A arquitetura.

Pesquisadora: Como são essas casas lá?

Carla: São bem mais simples. Lá na verdade não são casas são barracas.

Ricardo: É que tipo... Depende da cidade. Eles mostram só a parte ruim da África. Eles não mostram a parte boa que tem na África. Por exemplo, tem partes que tem alguma tecnologia e casas que não são tão pobres. Não estão tão mal.

Luísa: Eles só mostram as partes que são feias da África.

Ricardo: Sim.

Luísa: Na copa do mundo que teve lá. Todo mundo foi e achou bonito. Aquilo lá eles não mostram na TV. Que a África é um lugar muito lindo. Eles só mostram a pobreza, a fome, a sede.

Ricardo: Mas também é mais pra ajudar, porque a maioria da África é assim pobre. Mas tem pontos bons. Lugares normais.

Roberto: Tanto que lá que tem... O hotel mais famoso do mundo fica lá.

Pesquisadora: O que pessoas que viajam pra lá buscam ver?

Ricardo: O Egito.

Luísa: As danças deles.

Bruna: A vida selvagem.

Pesquisadora: Vocês já assistiram algum filme que se passa na África, ou não?

Luísa: Eu vi um filme que eu não me lembro o nome, que era bem triste sobre a África. Que era sobre as tribos, as guerras das tribos.

Ricardo: Eu vi um documentário sobre caçadores. Que eles ainda não têm tecnologia nenhuma. Eles não usam uma faca, eles usam um pedaço de pedra.

Bruna: A gente vê mais sobre a pobreza da África na TV.

Roberto: As pessoas andam também com arma na rua.

Ricardo: Eu acho que falta saúde pra eles.

Bruna: Eles têm fome.

Pesquisadora: Agora eu vou pedir para que vocês cheguem em cinco palavras que descrevem a África pra vocês.

(pesquisadora sai da sala)

Ricardo: Fome.

Luísa: Pobreza.

Roberto: Saúde.

Luísa: Faltam dois.

Bruna: Pessoas sem casa.

Lucas: Selva.

Luísa: Tá foi. Cinco.

Ricardo: Tem que ser uma palavra só.

Roberto: Terrorismo. Tem muito terrorista lá.

Bruna: Ah se tem que ser uma palavra só, sei lá.

Luísa: Violência.

Luísa: As cinco palavras foram: Fome, pobreza, saúde, não tem casa e selva.

Ricardo: Pessoas sem casa tem que tirar.

Bruna: Também acho.

Luísa: Coloca terrorismo.

Ricardo: Coloca mais violência. Terrorismo é mais...

Roberto: Violência seria com os animais e com as pessoas.

Ricardo: Não é que... Lá não é violência. Eles matam as pessoas pra comer.

Bruna: Falta de água.

Ricardo: Ele anotou isso? Isso vai em fome.

Luísa: Fome, pobreza, doenças, violência, selva,

Ricardo: Falta mais uma. Saúde

Luísa: Fome, pobreza, violência, saúde e selva.

(chamam a pesquisadora de volta)

(assuntos paralelos)

Pesquisadora: E então chegaram nas cinco palavras? Demoraram muito pra chegar?

Luísa: Fome, saúde, violência, selva e pobreza.

Ricardo: Só a última que a gente pensou em pessoas sem casa...

Luísa: Mas daí entrou em pobreza.

Grupo Focal 02 – Abril 2012

(assuntos paralelos)

Pesquisadora: o que vem na mente de vocês quando eu falo a palavra África?

Renata: Savana.

Júlio: Diversidade de animais.

João: Também.

Fabiana: Pobreza

Mariana: Grande quantidade de pessoas negras.

Carlos: Pra mim é miséria.

Fabiana: Falta de comida.

João: Acho que é muita desigualdade sora.

Júlio: Doenças.

Fabiana: Mortalidade infantil.

Mariana: To queimando os neurônios.

Renata: Elefante

(risos)

Renata: Floresta.

Fabiana: Muito Calor.

Júlio: Caçadores.

João: Falta comida.

Fabiana: Falta de comida.

Júlio: Copa do mundo.

Renata: Zebra.

Pesquisadora: Se eu pedir pra vocês fecharem os olhos e descreverem a primeira imagem que vem na cabeça de vocês?

Júlio: Animais correndo.

Fabiana: Crianças brincando.

Renata: Crianças chorando.

Mariana: Um monte de animal no meio do deserto. Deserto não...

Júlio: Da savana.

Mariana: Da savana.

Carlos: Crianças comendo cupim.

João: Bolacha de terra. Elas fazem bolacha de terra pra comer.

Pesquisadora: E quando pensamos na relação da África com o Brasil?

Renata: Eu acho que tem o futebol em comum entre a África e o Brasil.

Fabiana: Pessoas negras racismo.

Júlio: Os médicos daqui vão pra lá pra ajudar.

Mariana: A desigualdade eu acho.

João: Aqui tem muitos problemas também.

Carlos: Mas também tem que ver né, tem as cidades, tem umas cidades muito mais conscientes que a gente.

Fabiana: Essa questão dos negros. Tem até lugar que os negros não podiam entrar. Que era só de brancos.

(assuntos paralelos)

Fabiana: As roupas são diferentes.

Carlos: E a África é país mais perto do Brasil por mar.

Renata: O jeito que a África tá e a posição que o Brasil tá. Eles se encaixariam perfeitamente.

Pesquisadora: E as pessoas que vão visitar a África? Que vão fazer turismo, o que vocês acham que chama a atenção?

Mariana: A cultura em geral né.

Júlio: Eu acho que os animais. As próprias pessoas.

João: O Egito é na África?

Carlos: Eu acho que a fauna.

Fabiana: Quando a gente pensa a África vê um monte de floresta e coisas.

Pesquisadora: E as cidades de África. Como são essas cidades?

Renata: Depende.

Mariana: Tem lugares bem pobres e lugares bem ricos.

Carlos: Tem lugares com bastante animais. Tem os lugares da copa.

Fabiana: Eu acho que o que eles mostraram na copa é a parte bonita. Tem muita coisa fe... Que não... Tem muita coisa feia.

Mariana: Eles mostravam as cidades que tinham os estádios.

João: Evoluídas.

Fabiana: As cidades novas.

(assuntos paralelos)

Carlos: Lá na África as pessoas são muito alegres.

Pesquisadora: E se eu perguntasse pra vocês alguns países que ficam na África. Quais vocês lembram?

Fabiana: África do Sul, Somália, Egito. É assim os que eu lembro.

Mariana: Que deu reportagem na TV. Aparecendo a pobreza. Que não tinham o que comer. Não tinham como viver.

João: Angola também.

Fabiana: É Angola.

Pesquisadora: Mais alguma ideia?

Fabiana: Aquele presidente que foi preso. O Mandela.

João: Ele foi preso?

Fabiana: Sim ele foi preso e depois virou presidente.

Pesquisadora: Vocês já assistiram algum filme que se passe na África?

Fabiana: Eu já assisti um filme, que agora eu não lembro o nome. Mas que era num hotel e teve...

Pesquisadora: Hotel Ruanda?

Fabiana: Isso.

Renata: Eu vi também esse.

Fabiana: Tinham umas tropas que eram contra o estado. E vinham matar as pessoas. Ele trabalhava no hotel e salvava as pessoas.

Fabiana: Ah e tem os desenhos. Tipo Madagascar. O dois.

Pesquisadora: Mais algum filme?

Fabiana: Ah tem aquele também, diamante de sangue.

Carlos: É na África né? Eu vi esse filme.

João: Eu sei qual é. Eu dei uma olhada. Minha mãe que viu inteiro. Só dei uma olhada.

Mariana: Meu pai tava olhando. Eu falei “tá louco”.

Pesquisadora: Onde vocês veem mais falar sobre a África?

Fabiana: Na TV.

Pesquisadora: E o que aparece?

Júlio: Os animais.

Mariana: A pobreza.

Carlos: No globo repórter.

Fabiana: É eles sempre mostram elefantes.

(assuntos paralelos)

Mariana: Tem aquelas mulheres que usam coisas no pescoço.

Carlos: Tem leão também.

Mariana: É pra elas não virarem pros homens das outras. Os maridos colocam.

Fabiana: Eu vi que elas usavam... Cada ano que elas nasciam colocam um colar. E vai ficando bem comprido assim.

Pesquisadora: Já viram fotos delas?

Fabiana e Mariana: Já.

Mariana: Deve ser bem desconfortável.

Fabiana: Eu acho que é na África que elas usam aqueles panos na cabeça. Eu acho bem bonito. Eu acho que é.

Mariana: As mulheres carregando balde com água na cabeça.

Fabiana: Carregando aqueles bebês com pedaço de pano aqui.

(pesquisadora pede as cinco palavras e sai da sala)

Fabiana: Pobreza.

Mariana: De animais e de cultura.

Júlio: Negros.

Renata: É negros.

Júlio: Pobreza, Diversidade...

Renata: Negros.

Mariana: Falta de comida.

Júlio: Fome.

Carlos: Desigualdade. Desigualdade eu acho que não foi.

Mariana: Não.

Renata. Desigualdade. Diversidade.

Júlio: Diversidade é diferente de desigualdade.

Fabiana: É muito diferente.

Carlos: Bota desigualdade então.

Fabiana: Fala alguma coisa boa da África.

Mariana: Dos animais.

Fabiana: É dos animais.

Mariana: Da natureza.

Fabiana: Isso, natureza.

Carlos: Deu?

Renata: É desigualdade, pobreza, diversidade, negros, animais e natureza.

(pesquisadora retorna)

Renata: Desigualdade, Diversidade, Pobreza, Negros e Natureza.

Pesquisadora: Agora depois de conversar sobre essas cinco palavras veio mais alguma ideia?

Fabiana: Chegamos em um pouquinho mais cinco. Mas daí a gente viu que fome entrava em pobreza. Essas coisas assim.

Mariana: Paisagem. Animais. Entrou em natureza.

Pesquisadora: Se vocês fecharem os olhos agora. Vem mais alguma coisa?

Júlio: Pra mim vêm paisagens.

Pesquisadora: Como é essa paisagem?

Júlio: Cheia de árvores.

Fabiana: Eu é a pobreza. Crianças chorando.

Mariana: É magra. Muito Magra.

Renata: Tipo uma praia. Não é uma praia. Sei lá... Com areia.

Mariana: Crianças muito magras. Morrendo de fome.

Fabiana: Eu vejo aqueles barracos que eles fazem de... Sei lá do que eles fazem. As casas.

Mariana: Eu não gosto de ver isso na TV. O leão pegando a Zebra. Ah me da uma peninha da Zebra. Uma peninha.

Carlos: Ah tem a hiena também.

(assuntos paralelos)

Fabiana: Tem essa imagem dos animais na pobreza. Mas as vezes é até difícil de ver, me da raiva, porque eu vi uma vez uma reportagem do SBT na Somália. Os presidentes, reis lá cheios de coisa de ouro e as pessoas passando fome. Não tinham o que comer, as crianças morrendo.

Júlio: Os animais tavam puro osso.

Fabiana: O caro com roupa de... Terno italiano. Relógio de ouro.

Carlos: As pessoas lá comendo terra. E essas cidades todas desenvolvidas.

Renata: Coisas mais simples pros outros.

Fabiana: Parece que eles dão mais importância pros brancos do país do que pros negros. É muita diferença né. Tem muita gente muito pobre e muita gente muito rica.

Mariana: Por exemplo, a África é um país muito rico. Cheio de minerais de diamantes. Essas coisas assim.

Pesquisadora: Mais alguma coisa?

Júlio: Só uma pergunta o Egito é na África?

Fabiana: É que eu acho que é meio diferente né o Egito da África. Tem as pirâmides. O Egito é um deserto o resto da África é floresta.

Grupo Focal 03 – Abril 2012

Pesquisadora: o que vem na mente de vocês quando eu falo a palavra África?

Gustavo: Negros.

Débora: Pobreza.

Gustavo: Miséria.

Leandro: Falta de comida.

Bruno: Desigualdade.

Gustavo: Por que tem o lado da África que... Tem o lado rico e o lado pobre. O lado rico...

Débora: Tem os minerais também.

Gustavo: E ninguém olha pro lado pobre.

Leandro: E tem as mulheres que morrem de fome. Que os filhos morrem de fome.

Clarisse: É mesmo.

Gustavo: Tipo. A África ela é rica. Assim sabe. Só que se eles soubessem usar. O que eles usam lá. Os minerais deles. Eles não sabem. Eles não têm aprendizado. Não têm...

Bruno: Eu acho que tinha que explorar os dois lados da África. Tem o Norte lá que é rico.

Roberta: Eu acho que também, que a saúde deles.

Clárisse: É bem precária.

Gustavo: Tipo eles não tem conhecimento. Sobre as coisas. Tipo eles comem qualquer coisa. Eles passam miséria. Muita fome. E eles comem o que veem assim. Tipo é a África mesmo.

Débora: Eu acho que muitas pessoas morrem lá por falta de comida.

Bruno: E água.

Leandro: É água.

Gustavo: Tipo eu vejo o lado rico assim da copa do mundo. E o lado rico tipo. Não é querer ter preconceito. Mas só tem os brancos. E tipo eles não procuram ajudar os me...

Débora: Os pobres.

Gustavo: Os menos favorecidos.

(assuntos paralelos)

Gustavo: Pra mim a África tinha que ter tipo. Ela é bastante divulgada. Mas pra mim tinha que ter tipo se alguém tipo todo mundo parasse assim. Alguma coisa pra todo mundo doar os alimentos assim. Porque tipo crianças assim recém-nascidas passando fome. Gente passando fome. As grávidas passando fome. Isso é horrível. Entendeu?

Débora: E eles também não têm estudo.

Gustavo: Isso eles não têm estudo. Não tem professor. As pessoas que querem ajudar mesmo. Tinham que ir lá e tentar ajudar mesmo. As crianças assim não entendem nada. Ficam lá. Nem tem como brincar assim. Se vira como dá.

Clárisse: Elas não se desenvolvem né. Tudo pequeninha.

Bruno: Bem sequinha.

Roberta: Só mostram a parte rica na TV. Que nem na copa do mundo. Não mostraram a pobreza. Só mostraram a parte rica.

Leandro: É a mesma coisa aqui no Brasil. Rio de Janeiro...

Débora: É só mostram a favela.

Pesquisadora: E a relação da África com o Brasil? É mais parecido, mais diferente?

Gustavo: Eu vejo preconceito.

Leandro: Pra mim aqui é a mesma coisa que a África. Tem a parte rica e tem a parte que eles ignoram.

Bruno: Eu acho que eles só olham mais pro país quando tem alguma coisa importante do que quando não tem nada. Por exemplo, quando tem a Copa do Mundo. Daí eles ficam focado pra fazer aquelas coisa. Mas se não tem nada. Eles não tão nem ai. Se passam fome se são miserável não tão nem aí.

Clarisse: Principalmente em véspera de eleição.

Bruno: Por exemplo, na copa do mundo agora. Eles vão ajeitar...

Gustavo: Vão ajeitar a cidade...

Bruno: Mas se não tivesse a copa do mundo. Eles não tariam fazendo nada.

Gustavo: É verdade.

Roberta: Principalmente o beira-rio.

(assuntos paralelos)

Pesquisadora: E a relação da África com o Brasil? O que vocês acham que parecido e o que vocês acham que é diferente?

Débora: Ah próximo assim que eu vejo é que eles são bem... Bem felizes assim. Eles gostam de dançar. Assim como brasileiro. Brasileiro adora samba.

Bruno: Nem todos.

Débora: Tipo a maioria dos brasileiros pelo menos.

Roberta: O que eu acho parecido é que só mostram as partes bonitas do país. Que nem na África na copa do mundo. Que nem no Rio.

Débora: É eles só mostram Rio de Janeiro e São Paulo.

Roberta: Sim e eles só mostram as partes bonitas. Porque eu já fui pro Rio e pra Salvador e não é bem assim.

Fernando: Levei até mordida de tubarão aqui ó.

(risos)

(assuntos paralelos)

Gustavo: E fora que tem vários lugares no Brasil que são tipo, bem comparados à África. Tipo a miséria. Ninguém tipo... Bá é horrível. Ninguém tem coração assim, compaixão pra tentar ajudar os outros. Talvez se alguém assim tomasse uma iniciativa, tipo alguém, os estudantes que tão sempre viajando. Que tomassem....

Roberta: É alguém tem que tentar mudar alguma coisa. Alguém tem que tentar mudar.

Bruno: Com o dinheiro que eles tão gastando “ah a copa, a copa”. Podia ajudar os outros países não só a África.

Gustavo: É gasta cinco bilhões, milhões.

Débora: É saúde pública, alimentação. Tudo tá horrível. E eles tão gastando um baita dinheiro.

Gustavo: O que eu não gosto é que esses políticos aí...

Débora: Em época de eleição político vira uma fada madrinha. Prometem tudo. Mas não cumprem nada.

Gustavo: Esses caras aí. Ao invés de ajudar os outros lá. Que nem aquela doente daquela Val Machiori lá. Cheio do dinheiro. Ganham milhões por mês. Esse Neymar doente da vida também. Os caras vão lá....

(risos)

Gustavo: Pra mim o Brasil tinha que ser comunista. É isso aí. Todo mundo ganhar a mesma coisa. Tipo, os políticos ganham milhões assim. Eles decidem quanto eles querem ganhar tipo “ah vamos ganhar cinquenta milhões”.

Débora: Eles mesmos escolhem quanto eles ganham.

Gustavo: Pra mim todo mundo tinha que ganhar a mesma coisa. Tipo médico tinha que ganhar a mesma coisa que bombeiro. Um cara que trabalho no mercado, tipo... Todo mundo assim ser...

Roberta: Ah mas daí tu já quer demais né?

Gustavo: Mas se todo mundo ganhar a mesma coisa... De dois mil que o cara ganha. Daí ele ganha mil e a outra pessoa perto tipo seiscentos.

Bruno: Na real pra mim o salário mínimo tinha que ser mil reais.

Débora: Isso tá.

Fernando: Depende do que a pessoa faz. Tá ligado? A área que estudo. Se tu estudou, te dedicou bastante. Vai ganhar bastante dinheiro.

Roberta: Se tu não estudar pode trabalhar num mercado e vai ganhar bem menos. É óbvio.

Gustavo: Mas se um cara é rico o filho vai ser rico. Entendeu? Ah o pai é empresário, o filho vai ser empresário.

Roberta: Entendi.

Gustavo: Que nem acontece nos colégios. Mudar e passar as pessoas de ano. Eles queriam diminuir os índices de repetência. E daí, eu vou ser o que meu pai é. Ele vai ser o que o pai dele, ela vai ser o que o pai dela é, e assim por diante.

Pesquisadora: E essas questões que vocês estão falando aqui sobre o Brasil. Como é na África:

Roberta: É parecido. Porque lá eles gastaram um dinheirão pra fazer a copa do mundo. E todo mundo passando fome lá.

Débora: É eles gastaram um dinheirão lá.

Gustavo: Gastaram milhões e nunca foram lá.

Roberta: Gastaram um dinheirão lá construindo estádios. Tudo. E as pessoas tudo passando fome lá.

Bruno: Dos duzentos milhões que eles ganharam pra essa copa eles podiam ter ajudado essa parte da África.

Débora: A parte moderada da África.

Gustavo: Podiam tentar evoluir um pouco mais. Entendeu? A África parece que tá um lugar deserto assim. Esquecido do mundo. Tipo parece que eles não evoluem. Que eles tão na pré-história ainda. Só querem viver naqueles lugar plano assim. Só com as barraquinhas. Se o governo de lá tentasse expandir, botar casas, prédios. E pode eletricidade tipo... E até pedir pros outros países. Pra eles tentar ajudar. Isso ia ser uma grande evolução ia mudar bastante. E todo mundo ia viver meio que igual.

Roberta: Tipo eu acho que também. Oportunidade de emprego. Oportunidade assim, de talvez, de estudo. Entendeu? Pra pessoa não ficar só nisso. Porque tem gente que não trabalha.

Gustavo: Tem uns lugar na África que são bem menos miséria. Tipo a África e pá e pá.

Roberta: É muito pobre a África. É muito pobre.

Débora: É muita desigualdade social.

Gustavo: Que nem uma vez. Eu tava vendo um programa de humor de TV e tal... Os caras tavam lá né. Os deputados tudo assim. Os caras ao invés de ficar olhando as palestras, eles ficavam jogando aqueles joguinhos de cartão.

Débora: A África é muito pobre como um todo.

Pesquisadora: Se eu pedir pra vocês fecharam os olhos e pensarem em uma imagem da África que imagem vem na cabeça de vocês?

Débora: Na minha vem a parte miserável.

Roberta: Na minha também vem a pobreza. Fome. Falta de água.

Clarisse: Porque lá as crianças são ETs né?! Tudo magrinho. Assim, com...

Débora: Desnutrição né.

Clarisse: Lá uma criança de oito anos tem tamanho menor que uma criança de três anos aqui no Brasil. Lá é muito ruim. Não tem comida, não tem água. Não tem roupa!

Gustavo: Que nem aquele guri de três anos que já fuma já. Bá tá louco.

Roberta: Eles procuram só tentar ajudar. As pessoas de outros países. Quando a situação já tá no fim assim sabe.

Débora: Não tem mais solução.

Gustavo: Não dá pra não dizer que daqui a pouco o Brasil vai chegar nisso daí. Porque tem a China. A China tem um monte de dinheiro e por que eles fazem? Porque eles não roubam não fazem nada disso. Quando teve aquela tsunami lá. As pessoas ficaram...

Fernando: Pior né, construíram tudo rapidinho.

Débora: Porque eles já têm uma preparação.

Roberta: Exatamente eles têm uma preparação.

Gustavo: Por quê? Por quê? Porque eles não roubam.

Débora: Eles pensam no amanhã. Entendeu? Pensam no futuro.

Roberta: No Brasil é tudo agora. Tudo agora. Tudo a copa.

Gustavo: Eles pensam neles.

Débora: Eles pensam neles, mas eles não pensam naquilo daqui uns dez anos.

(muitos alunos falam juntos)

Gustavo: Por isso que eu vejo na África assim. Que tipo, eles são bem unidos. Mas eles não tem tipo... Desen.... Tipo... Dinheiro assim, eles não tem nada que possa ajudar eles. Assim eles sempre tão pensando. Assim, sempre quando eu vejo essas reportagens, que alguém vai lá. Eles são sempre bem atenciosos. "Ah tu quer entrar aí? Quer uma sopa?" E bem humildes.

Débora: Eles são humildades. Mas eles não tentam economizar entendeu?

Gustavo: A verdade é que dá uma raiva porque aquele o... Como é o nome dele? Porque o Neymar ele é balaqueiro pra caramba. E o Messi é o melhor jogador do mundo e é bem humildade.

Fernando: Bah pior.

Débora: Isso é verdade.

(assuntos paralelos)

Clarisse: É África. África.

Débora: Isso. Vamos voltar pra África.

Pesquisadora: O que vocês acham que chama atenção das pessoas que vão fazer turismo na África?

Roberta: A pobreza.

Gustavo: Ah também na África.

(muitos alunos falam juntos)

Roberta: Porque eles querem conhecer. Por que a maioria das pessoas que vão pra África é rica.

Clarisse: Dá pra ti fazer um... Safári. Tem safáris...

Gustavo: A única mulher que eu admiro mesmo é a Angelina Jolie. Bah ela vai lá...

Débora: Ela ajuda um monte.

Roberta: Mas é no mundo inteiro não é só na África.

Débora: Sim agora ela até ganhou alguma coisa.

Gustavo: Ela faz porque ela quer. Ela não faz pra aparecer. Lá também tem vários parques bonitos assim... Não parques. Tipo...

Débora: Safáris.

Gustavo: É tipo vários lugares bonitos. Madagascar é tipo um lugar da África bem bonito. Bem bonito assim.

Roberta: E tem coisas que eu acho que também eles não mostram. Tem coisas que... Eles também gostam de mostrar a parte miserável eles não mostram as coisas boas que talvez tenham na África. Estejam na África no caso.

Gustavo: Querem conhecer o que as pessoas vivem, entendeu? Tipo “ah vamo lá na África, vamo fazer uma visita”

Clarisse: É porque tem outras coisas. Não é só miséria.

Gustavo: Ah vamo vê como é que é lá na África entendeu?

Clarisse: Eles têm curiosidade. Como é que eles sobrevivem? Como é que eles conseguem ter filhos lá?

Gustavo: Tá passando um programa na Band. Que é *Perdidos na tribo*⁵. Que eles vão lá pra África. Pra umas tribos. E daí lá aparece como é que eles sobrevivem. Eles matam animais. Procuram água. Essas coisas.

Débora: Sim no programa aparecem uns...

Gustavo: Por que nessa Globo não passa nada a ver.

⁵ O programa citado apresentado pela Rede Bandeirantes de televisão consiste em três famílias brasileiras viverem por um tempo em três tribos chamadas pelo site do programa como as “mais primitivas do mundo”. Uma tribo é da Etiópia, outra da Indonésia e a terceira de Angola. (<http://tribos.band.com.br>)

Fernando: Que nem. Eu sei que não tem relação. Mas naquele *Caminho das Índias*. Mostrou a parte rica.

Gustavo: Só que não mostrou a parte pobre. Bah se eles mostrassem. Aqueles lago lá. É só corpo boiando. Gente morrendo.

Clarisse: Eles mostraram assim mais a cultura. As vilas da Índia. É a mesma coisa que da África. Porque eles não tem comida.

Gustavo: É a mesma coisa da África. Tu vai ver assim uma reportagem da África na TV, na globo. Só vai ter assim os prédios. Tipo uns barzinho assim. As pessoas conversando.

Bruno: Eles só olham mais pra elas quando tem alguma coisa interessante. Se o traficante tá lá matando as pessoas. Eles não olham quando as pessoas tão passando fome.

Débora: Mas eu também não acho que eles mostrem a parte boa da favela. Porque as vezes eles vão lá quando alguma coisa tá acontecendo. Que nem aquela favela do alemão.

Roberta: Favela não é só essas coisas não é só tráfico. Convém a eles mostrar.
(pesquisadora requisita as cinco palavras e saí da sala)

Gustavo: Humanidade

Débora: Desigualdade.

Roberta: Calma aí.

Fernando: Vamos fazer assim. Cada um fala a sua.

Roberta: Pode ser.

Débora: Mas é cinco.

Bruno: Fome.

Gustavo: Humanidade.

Roberta: Não. Não coloca fome, coloca miséria.

Gustavo: Humildade quer dizer.

Clarisse: Eu acho que desigualdade.

Bruno: Desigualdade.

Roberta: Fome, desigualdade... Pobreza.

Gustavo: Preconceito.

Clarisse: Tá mas o preconceito já vem na desigualdade.

Gustavo: Humildade.

Débora: Desumanidade.

Roberta: Ah os africanos são bem humildes.

Roberta: Fome, desigualdade, pobreza, desumanidade e humildade.

Clarisse: Existe desumanidade?

Gustavo: Existe isso aí.

Roberta: Humanidade. Coisa que não é humano. Desumanidade.

(pesquisadora retorna e os alunos falam as palavras)

Pesquisadora: E essas ideias que vocês têm da África, vocês acham que vem de onde?

Roberta: Da internet, da TV.

Clarisse: Que na internet mostra aquelas fotos assim.

Gustavo: Também comentários na rádio.

Débora: O jornal.

Roberta: É o jornal também.

Gustavo: Fala bastante.

Pesquisadora: Quais filmes vocês já assistiram que se passava na África?

Gustavo: Eu vi, mas eu esqueci o nome. É... *Diamante de Sangue*. Bah esse filme é...

Clarisse: Tem um com a Angelina Jolie. Que ela salva os bebês. Coisas do tráfico. Que até ela salva aquele bebezinho.

Gustavo: *Tomb Raider*. Aquele *O Resgate do soldado Ryan*. É de que?

Pesquisadora: Não, não é na África.

Roberta: Ah eu sei que tem dois clássicos. Mas daí é desenho. *Madagascar*.

Clarisse: E o *Tarzan* também não era?

Gustavo: Bah sério?

Roberta: O *Madagascar 2* é mais na África. É na África. É um safári na África.

Débora: É todo na África.

Bruno: Tem aquele o *Bicho vai pegar* também.

Roberta: Não o *Bicho vai pegar* não é.

Bruno: É com um urso.

Gustavo: Urso na África?

Roberta: Acho que urso polar não. Mas urso normal...

Gustavo: Não sei.

Grupo Focal 04 – Abril 2012

Pesquisadora: o que vem na mente de vocês quando eu falo a palavra África?

(risadas)

(assuntos paralelos)

João: Negros, pobreza.

Gabriel: pobreza, fome.

Bruno: Fome, árvores, mas só o que me vem a cabeça são coisa ruins.

João: Animais, eu não sei, o governo não ajuda muito bem, mas parece que o Brasil já levou água comida

Mariana: Eles têm povos que são negros e o Egito.

João: Eles sofrem preconceito.

João: Muita falta de água.

Maria Eduarda: Animais, eu penso em safári, onde antigamente os animais viviam livremente.

Gabriel: Lá existem povos que são negros.

Maria Eduarda: O Egito.

Bruno: Mas só o que me vem à cabeça é coisa ruim.

Maria Eduarda: Não é só o jeito que acontece na África, é o que as pessoas promovem o que acontece lá. Já foi lá pra ver se só tem fome lá? Não né?

João: Eu acho que a África do Sul é um país bem rico, bem bonito.

Mariana: Hoje por causa da copa, o estádio, ninguém imaginava que ia ter um estádio daqueles.

Gabriel: A África tem muita riqueza por causa do Egito, por que tem pirâmides.

Mariana: Tem ouro.

João: Existem muitos animais raros.

(conversas paralelas – risadas)

Gabriel: Sei lá, eu gosto da costa do Marfim, eu acho que é um país bem legal lá, é pobre, mas eu acho legal.

João: O Haiti é um país da África?

Bruno: É da América Central.

Maria Eduarda: O Haiti é um país da América Central, não é da África.

(conversas paralelas – risadas)

João: Mas eu queria saber se os povos do Haiti vieram da África, é isso.

Pesquisadora: Eu quero que vocês falem sobre África, depois que vocês derem as suas opiniões, ai eu posso falar com vocês sobre outros assuntos.

(Conversas paralelas – Risadas)

Pesquisadora: Mais alguma coisa além do que nós já falamos que vocês tenham para falar da África, naturalmente, livremente?

Resposta do grupo: Não.

Bruno: Só promovem a África como sendo ruim, mas é só sofrimento?

Pesquisadora: E quando eu peço que vocês relacionem a África com o Brasil que ideias que surgem?

João: Um é rico e outro é pobre dependendo da parte que tá.

Mariana: Não, o Brasil é mais rico.

João: A África também teve muitas guerras com a América e com o Paquistão.

Maria Eduarda: Quando fala da África eu penso em vodu.

Maria Eduarda: As religiões africanas estão muito ligadas com o vodu.

João: Qual é o nome daquele Paquistão que teve guerra com a América?

Pesquisadora: Tu achas que o Paquistão fica na África?

João: Sim, do Bin Laden.

Pesquisadora: Então, e a relação África - Brasil?

Maria Eduarda: A diferença não é o que tem de igual, mas na África tem muito disso: negro é negro e branco é branco, muito preconceito. No Brasil não, no Brasil é tudo junto e misturado.

Mariana: Olha o Gabriel, olha o Bruno. (Referência aos colegas, um branco e um negro.)

João: Uma coisa que eu acho legal na África é essa cultura com os deuses, seus rituais, de noite que eles levantam uma chama, uma tocha, sei lá.

Gabriel: Tem um “cara” que eu não lembro o nome, que fez uns “negócios” assim... mas eu não vou lembrar.

Pesquisadora: Pensa...pensa.

Gabriel: Eu não vou conseguir lembrar!

Pesquisadora: O Mandela?

Maria Eduarda: Ah, eu ia falar do Mandela agora.

Bruno: Nome de quem? “Umbendela?” (Questionamento)

Pesquisadora: Mandela, Nelson Mandela.

Pesquisadora: O que tu ias falar do Mandela? Vamos ver.

João: As suas artes vendem muito, seus tecidos influenciam muito na África. Porque eu fiz um desenho baseado nele, e suas texturas.

Maria Eduarda: Muita arte da pré-história foi encontrada na África, tem até muitas teorias de que a humanidade começou lá.

Gabriel: A maioria dos povos lá eles não são tão diretos como a gente com os primeiros, “tipo” os macacos, eu não sei, eu vi esses dias na Internet que eles lá... que o formato da cabeça deles é diferente, que o formato do corpo deles é diferente.

Pesquisadora: Agora, um por vez. Começando pelo Gabriel, eu peço que vocês fechem os olhos e vejam a imagem, a paisagem. Qual a primeira que vem a cabeça de vocês quando pensam em África?

Gabriel: Eu vejo uma criança.

Pesquisadora: Como é essa criança?

Gabriel: É bem magrinha, com aparência de fome.

João: Pra mim vem uma savana.

Pesquisadora: O que é uma savana?

João: Um matinho com árvores grandonas no meio, cheio de zebras e animais, e água rara.

Mariana: Muitos animais passeando no meio da savana.

Bruno: Eu vejo zebras, me vem animais.

Pesquisadora: Como vocês imaginam as cidades na África?

Gabriel: Quando fala em África eu me lembro dos filmes de guerra que eu vi, só tem areia, criancinhas magras com fome, pessoas com armas.

Maria Eduarda: Na minha cabeça vem as capitais, as cidades grandes que tem lá, que são bem modernas, tem prédios bem grandes, quando fala em cidade eu lembro disso.

Gabriel: E tem as cidades menores que são horríveis, as casa são de pau.

Maria Eduarda: Na África são os dois extremos, ou elas são modernas demais nas capitais, ou no interior elas são horríveis com fome demais, eu penso que se eles tem outra realidade porque eles não ajudam quem tá com fome.

João: Eu acho que teve o ano passado um cara lá da África que pagou muito dinheiro para fazer um dos prédios mais altos do país.

Mariana: Eu me lembro da economia da África que não era nem muito boa nem muito ruim a economia lá.

Pesquisadora: Vocês vão ter que chegar a cinco palavras que para vocês descrevam a África que se relacionem à África, mas eu vou sair e vocês e vocês vão ter que chegar nessas cinco palavras, não pode ser mais de cinco.

Gabriel: Pobreza.

João: Sofrimento, guerra.

Mariana: Negro, eu só penso naquelas criancinhas magras.

Maria Eduarda: História.

Bruno: Beleza natural.

Gabriel: Desenvolvimento, cultura.

(Retorno da pesquisadora)

Pesquisadora: Chegaram às cinco palavras?

Palavras escolhidas pelos alunos:

Pobreza, cultura, história, beleza natural, desenvolvimento.

João: Na pobreza já vem o sofrimento.

Gabriel: Não tem guerra na África.

Maria Eduarda: Mas, não guerra assim, tem muitos conflitos bem sérios.

Maria Eduarda: Eu estava vendo esses tempos que quando te guerra entre tribos, cada tribo tem um demônio, ai eles mandam os demônios deles, porque eles têm as entidades espirituais deles e quando estão em guerra com outras tribos eles mandam essas entidades (demônios) assassinar a outra tribo. Entendeu? E levar sofrimento pra eles.

Pesquisadora: Quais os filmes que vocês já assistiram que se passa na África?

Maria Eduarda: Lágrimas de Sol, que é um filme em que o “cara” vai lá pra resgatar uma médica e a médica não quer deixar as pessoas que ela estava ajudando lá.

(fala sobre guerrilhas)

João: Canguru Jake.

Mariana: Zona Verde.

Gabriel: Diamante de Sangue.

Bruno: Rei Leão.

Gabriel: Madagáscar.

João: Príncipe do Egito.

Maria Eduarda: Rei Leão.

(Risadas e Conversas paralelas)

Grupo Focal 05 – Abril 2012

Pesquisadora: O que vem na mente de vocês quando eu falo a palavra África?

Guilherme: Animais. Pessoas Pobres.

Luana: Doenças.

Paula: Pessoas que precisam de ajuda.

Maria: Animais.

Luana: Paisagens.

Paula: Não tem só doença. Só o lado ruim né?!

Luana: A maioria só vê o lado ruim né?!

Matheus: Pobreza.

Fernando: Mais explorado.

Guilherme: Não tem muita coisa pra falar da África.

Pesquisadora: Se eu pedir pra vocês fecharem os olhos e descreverem a primeira imagem que vem na cabeça de vocês?

Matheus: Animais.

Pesquisadora: Como é?

Matheus: Os animais ou a paisagem?

Pesquisadora: É como tu enxergas isso.

Matheus: Árvores separadas. Zebras, leões, girafas.

Fernando: Não vem nada. Nunca parei pra pensar. Um lugar bastante explorado. Onde falta alimento. Um país bastante pobre.

Maria: As crianças desnutridas, sem alimento. Sem médico quando precisa.

Guilherme: As pessoas tudo mal assim. Que aparece na internet. Que precisa de ajuda.

Luana: As crianças doentes. Com fome. Mas também tem as paisagens. Os animais. São, tipo, muito bonitos.

Paula: A mesma coisa que a Maria falou. Crianças desnutridas. Essas coisas.

Pesquisadora: E a relação entre a África e o Brasil?

Matheus: Que aqui é mais desenvolvido.

Fernando: Eu não entendi é a relação livre?

Luana: Diferente eu vejo que aqui. As condições de estudo são melhores.

Paula: Mais qualidade.

Luana: Eu vejo que aqui quando as pessoas querem, elas conseguem estudar assim. Elas não são tão problemas como lá. E as crianças não passam tanto trabalho.

Matheus: Lá tem menos desenvolvimento.

Guilherme: Porque cada um pensa em si. Não pensa nos outros.

Pesquisadora: E as cidades?

Luana: Todas pobres.

Paula: Horríveis de casas.

Matheus: Tem aquelas cidades diferentes. Dos estádios né. Mas o resto é tudo pobre. Tipo uma cidade não ajuda a outra.

Pesquisadora: E uma pessoa que decide visitar a África. O que vocês acham que chama a atenção?

Luana: Eu acho que a pobreza. Pra ver se tem como ajudar. Como melhorar alguma coisa.

Maria: Também acho.

Paula: E ela vai querer ir lá pra conhecer mais, saber mais sobre as doenças. Se informar sobre as doenças e voltar por Brasil e se formar alguma coisa assim. Pra poder voltar pra lá e ajudar eles.

Fernando: E ver as coisas bonitas que tem lá e não tem aqui.

(indecifrável)

Guilherme: Que lá tem bastante animal diferente que não tem aqui.

(muitos alunos falam juntos)

Pesquisadora: Quais filmes que vocês já assistiram que se passavam na África?

Paula: Madagascar.

Matheus: não lembro mais nenhum.

Fernando: Desenho tem também os pinguins de *Madagascar* que dá no doze.

Luana: Mas esse é em Nova Iorque.

Paula: O *Rei Leão* aquele passa na África?

Luana: É tem o *Rei Leão*.

Fernando: Tem o Diamante de Sangue.

(assuntos paralelos)

Fernando: Lá na África é o único país. Hmm... Continente que tem o maior hotel do mundo. O único de seis estrelas.

Pesquisadora: Que países vocês lembram quando eu falo África?

Fernando: Namíbia. Nigéria. Gana eu acho. Gabão.

Paula: Eu não me lembro se é mas acho que Afeganistão.

Fernando: Não.

Maria: Eu não sei. Eu nunca pensei sobre a África.

(assuntos paralelos)

Guilherme: Como é que o nome de um filme que tem na África. De uma baleia. *Free Willy*.

Matheus: O Haiti? O Haiti é um país?

(pesquisadora requisita as cinco palavras e saí da sala)

Luana: A pobreza né.

Fernando: E a paisagem.

Paula: Os animais.

Fernando: Não mas a paisagem tem a parte dos animais.

Luana: Paisagem é uma coisa. Animais é outra.

Fernando: Fica paisagens e fica animais.

Paula: Doenças.

Luana: Pobreza, doenças, animais, paisagem e... Falta uma.

Fernando: O que tu colocaria?

Luana: Pouco explorado e pouco desenvolvimento.

Matheus: Pouco desenvolvimento e mais explorado. Ao contrário.

Luana: Tá.

(pesquisadora retorna a sala)

(assuntos paralelos)

Luana: Mais explorado. Um país mais explorado.

Matheus: Pouco desenvolvimento.

Paula: Pouco desenvolvimento.

Luana: A pobreza. Falta de saúde. E os animais.

Pesquisadora: Mais alguma ideia que vocês tiveram pra chegar nas palavras?

Fernando: Ali né. Na falta de saúde entrava a pobreza. A paisagem a gente falou também.

Maria: O estudo também. Falta de tecnologia e tudo. Eles não tem na escola.

Grupo Focal 06 – Abril 2012

Pesquisadora: O que vem na mente de vocês quando eu falo a palavra África?

Aline: Vem animais, vem cultura.

Pedro: Vem a dança do Ku duro, elefantes.

Andrielle: A origem.

Débora: A pobreza.

Jader: A cultura, conhecimento.

Jason: Cobras.

Pesquisadora: Agora, um por vez, começando pelo Gabriel eu peço que vocês fechem os olhos e vejam a imagem, a paisagem. Qual a primeira que vem a cabeça de vocês quando pensam em África?

Aline: Negros fazendo ritual.

Andrielle: De uma roupa meio estranha, dançando.

Pedro: Pobreza, crianças pelo chão.

Jader: Vem a imagem da pobreza das casas.

Aline: Vem animais, vem cultura.

Jason: Vem a savana, os animais correndo.

Pesquisadora: Então, eu pergunto pra vocês qual a relação da África com o Brasil, o que tem de parecido, o que tem de diferente?

Jader: A cor, eu “sô negão”, e acho que tem muitas pessoas parecidas aqui e lá.

Aline: Eu acho que a música e o futebol.

Andrielle: Na África tem futebol?

Jason: E o time da África é o quê? Camarões.

Jader: Diferentes costumes, as culturas acabaram se misturando um pouco com o tempo.

Pedro: Muitas influências dos escravos que foram pra lá e que também vieram para o Brasil.

Pesquisadora: Como vocês imaginam as cidades na África?

Aline: Nem consigo imaginar.

Jader: Cheio de lotação.

Pesquisadora: Lotação?

Jader: É carro, movimentação, gente trabalhando.

Pesquisadora: Entendi, lotação é quantidade de pessoas.

Jader: É isso.

Débora: Que nem a professora de Geografia falou que vai ter um tempo em que as pessoas vão estar vivendo mais e não vão “tar” tendo comida.

Pesquisadora: E quando uma pessoa escolhe viajar para algum país africano, que vai fazer turismo. O que chama a atenção dessa pessoa para lá, por que essas pessoas viajam pra lá?

Andriele: Os costumes eu acho.

Jason: Cultura, tradições.

Aline: Animais, pra ver os animais.

Débora: E eles mesmos fazem as coisas deles né.

Pedro: O Egito, as pirâmides.

Débora: Os rituais, as roupas.

Aline: Religião, agora eu estava pensando, eles tem né.

(Assuntos paralelos)

Pesquisadora: Vocês vão ter que chegar a cinco palavras que para vocês descrevam a África, que se relacionem à África. Tem que ser cinco palavras do grupo, mas eu vou sair e vocês e vocês vão ter que chegar nessas cinco palavras, não pode ser mais de cinco.

Jason: Pobreza.

Jader: Animais.

Aline: Cultura.

Débora: Religião.

Andriele: Arte, artesanato.

Pesquisadora: Foi difícil chegar ou não?

Grupo: Não!

Pesquisadora: Teve alguma coisa que vocês pensaram: “há, queria colocar isso, mas não dá mais”?

Grupo: Não.

Pesquisadora: Essa ideia que vocês têm da África, onde vocês já ouviram falar alguma coisa sobre a África?

Débora: Eu vi filmes.

Jason: Jornal. (Jornal Nacional).

Jader: Revistas.

Aline: Das guerras também que tem lá.

Andriele: Notícias.

Pesquisadora: Débora, tu falastes em filmes. Que filmes vem à cabeça de vocês que se passam na África?

Jader: Diamante “Vermelho”

Pedro: Diamante de Sangue é o nome. (Correção ao colega sobre o nome do filme).

Jason: A Múmia que é no Egito.

Andrielle: Madagascar.

Aline: O Rei Leão.

Débora: Guerra ao terror, Tarzan.

(Conversas Paralelas sobre os filmes).

Grupo Focal 07 – Abril 2012

Pesquisadora: O que vem na mente de vocês quando eu falo a palavra África?

Marcelo: Girafa.

Marciele: Jabulani.

Karine: Eu me lembro das pessoas, falta de comida, falta de água.

Miguel: Africanos.

Alex: Animais.

Amanda: Pobreza.

Marcelo: Copa, futebol.

Marciele: A ONU

Karine: Crianças doentes, fome.

Pesquisadora: Agora, eu peço que vocês para façam um exercício. Fechem os olhos e vejam a imagem, a paisagem. Qual a primeira que vem a cabeça de vocês quando pensam em África?

Amanda: Savana.

Miguel: Um leão atacando outro.

Alex: Zebras pastando.

Marciele: Um bicho tomando água e o jacaré atacando ele pelo pescoço.

Karine: Uma família de animais.

Marcelo: A imagem de crianças magrinhas, magrinhas... Ai, que horror!

Pesquisadora: E quando eu falo da relação da África com o Brasil, o que tem de parecido, o que tem de diferente?

Alex: Futebol.

Marcelo: As pessoas são diferentes, a diferença é que lá elas passam fome.

Amanda: Saneamento básico.

Karine: Lá as pessoas são doentes, aqui tem poucas.

Marciele: Lá eles passam fome.

Miguel: Aqui também não tem saneamento básico em uma grande parte.

Pesquisadora: Tu falaste do saneamento básico, tu dizes que é parecido ou diferente?

Amanda: Diferente.

Alex: Lá tem mais.

Karine: Não, aqui tem mais.

Marcelo: Aqui tem mais “mano”, de onde tu acha que sai a água que vai pra tua casa? E a água que vai pra casa deles? Sai do meio do mato.

Pesquisadora: Como vocês imaginam as cidades na África?

Marciele: Eu imagino muito bagunçadas.

Miguel: Cidades muito precárias.

Alex: Eu imagino aldeias.

Marciele: Eu imagino cidades pobres.

Pesquisadora: E quando uma pessoa escolhe viajar para algum país africano, que vai fazer turismo. O que chama a atenção dessa pessoa para lá, por que essas pessoas viajam pra lá?

Alex: Animais.

Marcelo: Savana.

Marciele: As famílias tudo com fome.

Karine: O futebol.

Miguel: A paisagem é muito bonita.

Pesquisadora: Mais alguma coisa que chama a atenção?

Grupo: Não.

Pesquisadora: Vocês vão ter que chegar a cinco palavras que para vocês descrevam a África, que se relacionem à África. Tem que ser cinco palavras do grupo, mas eu vou sair e vocês vão ter que chegar nessas cinco palavras, não pode ser mais de cinco.

Karine: Pobreza.

Miguel: Animais.

Marcelo: Savana.

Alex: Falta de alimentação.

Marciele: Falta de saneamento básico.

Pesquisadora: Foi um consenso, ou teve alguém que queria alguma outra coisa?

Marcelo: Teve, o Alex queria a copa.

Amanda: A copa é o de menor.

Pesquisadora: Essa ideia que vocês têm da África, onde vocês já ouviram falar alguma coisa sobre a África?

Marcelo: Animal Planet.

Miguel: History Channel.

Amanda: No computador na época da copa.

Marcelo: Na televisão.

Alex: Discovery Channel.

Marciele: Jornal Nacional.

Karine: Jornais, revistas.

Miguel: Fantástico, Globo Repórter.

Marcelo: Ninguém fala sobre a África, fora à televisão, ninguém fala.

Pesquisadora: Que filmes vocês já viram que se passam na África?

Miguel: O Rei Leão.

Marcelo: Eu vi um que eles ficam presos dentro do carro.

Alex: Ghandi.

Marciele: O único filme que eu vi não é muito legal.

Karine: Madagáscar.

Amanda: Tarzan.

Marcelo: George, o rei da floresta.

Marciele: Zona Verde.

Grupo Focal 08 – Abril 2012

Pesquisadora: O que vem na mente de vocês quando eu falo a palavra África?

João: Negro.

Luis: Fome.

Guilherme: Crocodilo.

Victor: Animais.

Maurício: Necessidade.

Carlos: Seca.

Luis: Calor.

Maurício: Leão.

João: Analfabetismo.

Carlos: Falta de remédios.

Guilherme: Copa do Mundo.

Luis: Escravidão.

Pesquisadora: Agora, eu peço que vocês para façam um exercício. Fechem os olhos e vejam a imagem, a paisagem. Qual a primeira que vem a cabeça de vocês quando pensam em África?

Luis: Por do sol.

Maurício: Mata.

Victor: Leopardo atacando um veado.

Guilherme: Uma luz amarela.

Carlos: Pobre.

João: Fome.

Pesquisadora: Como vocês imaginam as cidades na África?

Guilherme: Pobres.

Maurício: Barracos.

Carlos: Casas de barro.

Luis: Deserto.

João: Muita areia.

Pesquisadora: E quando uma pessoa escolhe viajar para algum país africano, que vai fazer turismo. O que chama a atenção dessa pessoa para lá, por que essas pessoas viajam pra lá?

Luis: A fome das pessoas.

Maurício: Os animais.

Carlos: ...

Guilherme: ...

João: ...

Victor: ...

Pesquisadora: Vocês vão ter que chegar a cinco palavras que para vocês descrevam a África, que se relacionem à África. Tem que ser cinco palavras do grupo, mas eu vou sair e vocês vão ter que chegar nessas cinco palavras, não pode ser mais de cinco.

Maurício: Fome.

Victor: Doenças.

Carlos: Condições precárias.

Guilherme: Seca e deserto.

João: Animais.

Pesquisadora: O que vocês queriam colocar e que acabaram não colocando?

Carlos: Escravidão.

Maurício: Crianças.

João: Saneamento básico que não tem.

Pesquisadora: Essa ideia que vocês têm da África, onde vocês já ouviram falar alguma coisa sobre a África?

Guilherme: Da mídia.

Carlos: Animal Planet.

Victor: Na internet.

João: Jornal.

Luis: A maioria vem da televisão.

Maurício: Aula de história.

(assuntos paralelos)

Pesquisadora: Que filmes vocês já viram que se passam na África?

Carlos: *Mercenários*.

João: *Madagascar*.

Luis: *Invictus*.

Maurício: *Transformes II*

Victor: *O diamante de sangue*.

Guilherme: *O Rei Leão e Tarzan*.

(conversas paralelas)

(risos)

Pesquisadora: Que países vocês lembram-se da África?

Guilherme: Congo.

João: Angola.

Maurício: Egito.

Luis: Camarões.

Victor: Nigéria.

Carlos: África do Sul.

Grupo Focal 09 - Maio de 2012

Pesquisadora: O que vem na mente de vocês quando eu falo a palavra África?

Daniel: Pra mim vem floresta árvores.

Juliana: Animais.

Fabio: Muitos animais é verdade.

Daniel: Animais selvagens.

Tatiana: Índios.

(risadas)

Juliana: É a copa.

Daniel: População africana. A situação que eles tãõ lá.

Tatiana: É a dificuldade deles.

Juliana: A pobreza né.

Marcela: É a pobreza.

Fabio: Deserto não tem na África também?

Daniel: Não.

Daniel: Acho que é isso aí.

Tatiana: A pobreza assim que eles vivem.

Daniel: É falta de comida, de saúde.

Juliana: As dificuldades deles também... Mas também não é só coisa ruim né.

Daniel: É tem tipo a cultura deles. As festas as comidas.

Tatiana: As danças.

Daniel: É verdade.

Pesquisadora: E se vocês fechassem os olhos. Que imagem vem na cabeça de vocês quando eu falo África?

Juliana: (risos) Me vem uma foto que tem que é duas crianças abraçadas assim no meio do território. Crianças magras, de cor.

Marcela: É a mesma coisa que ela. Assim. Umas coisas que davam na televisão. Quando elas comiam barro assim. Umas coisas que eles não tinham o que comer. Me lembra isso.

Tatiana: Da pobreza mesmo. Deles passando fome. A mesma coisa.

Daniel: Pra mim na minha cabeça assim surgiu um bagulho. Tipo um negão de dois metros, com um negócio nos olhos, com uma espada, um trovão assim. Pra mim

significa, sei lá. A luta deles, pela sobrevivência. Que tipo tem que se lutar pra sobreviver lá.

Fabio: Pra mim veio os animais né. A flora. Bem da natureza.

Pesquisadora: E a relação da África com o Brasil?

Fabio: Aqui tem bastante descendentes de africanos. Que são países subdesenvolvidos. Acho que os dois estão passando pelo mesmo processo de desenvolvimento eu acho.

Daniel: Tem muita cultura deles aqui presente também né. Batuque, sei lá. Candomblé.

Fabio: É verdade.

Lucas: Capoeira.

Daniel: Ah e a comida também. Tem a comida.

Pesquisadora: E as cidades na África como vocês imaginam que elas sejam?

Daniel: Eu imagino casebres de madeiras. Casas feitas de barro. Toda destruída. Com pessoas. As casas abrigando mais do que podem, mais pessoas. Escassez de plantas.

Tatiana: De água também.

Lucas: Mas tem cidades desenvolvidas lá. Tem muitos. Como é que se diz? Área urbana.

Pesquisadora: E alguém que decide visitar a África? O que vocês acham que chama atenção pra ir pra lá?

Tatiana: É só pobreza.

Marcela: Eu iria ir pra ajudar.

Daniel: É a maioria das pessoas lá é pra ajudar.

Fabio: É, mas também... Pra ver...

Daniel: Pra ver o que? Os piratas deles?

Fabio: Eu ia pra ver os animais. Eu gosto muito de animais. Sinceramente. Ia querer muito isso pra...

Daniel: Mas sei lá eu ficaria com vergonha. Porque eu ia ser o único assim loirinho. Desculpa falar isso. Mas tem que ser sincero.

Pesquisadora: Que países da África vocês conhecem?

Daniel: Sudão é de lá?

Juliana: Eles têm duas capitais lá se não me engano.

Daniel: Angola é de lá?

Juliana: Não...

Fabio: Eu me lembro de Saudão. Egito não?

Todos: Não...

Fabio: É que eu to me lembrando pelo mapa do War.

Daniel: Sei lá Haiti é de lá?

Juliana: Não Haiti é um país, eu acho.

Fabio: Não é uma cidade?

Daniel: Não é um país. Eu lembro, eu lembro.

Pesquisadora: Vocês já assistiram algum filme que se passa na África?

Daniel: Sim, sim. Eu já joguei um jogo também. *Resident Evil 5*. Os negão de dois metros saindo correndo atrás de ti.

Lucas: Não lembro assim exatamente.

Tatiana: *Diamante de Sangue*.

Juliana: Bah esse filme é muito bom.

Daniel: Nunca vi.

Fabio: É muito bom.

Lucas: (risos) *Ace Ventura*.

Daniel: Ah é. *Ace Ventura* é na África.

Juliana: Eu ia falar *Rio*. Nada a ver.

(risos)

Pesquisadora: E de onde vocês acham que vem as coisas que vocês conhecem sobre a África?

Daniel: Tem muita influência da TV.

Juliana: Da televisão.

Tatiana: É computador também.

Daniel: Mas é a mais a TV. Falando informações de lá no caso.

Juliana: É como na copa.

Daniel: É da copa também.

Fabio: Eu particularmente assisto muito mais aqueles programas educativos. Tipo Discovery. Tá sempre falando alguma curiosidade.

Daniel: No colégio eles falam mais do relevo, do clima. Número de pessoas por metro quadrado.

Juliana: É eles não falam muita coisa aqui.

(pesquisadora requisita as cinco palavras e sai da sala)

Daniel: Acho que grande. Que a África é muito grande.

Juliana: Bota população então.

Marcela: Cultura.

Daniel: É verdade cultura é muito forte.

Lucas: É.

Tatiana: Pobreza.

Daniel: Não, não.

Tatiana: Mas tem pobreza também.

Daniel: Todo mundo sabe que é um país intermediário assim.

Tatiana: Mostrou na Globo uma aldeia que só tinha branco que não tinha nenhum preto lá. É um local no país que fica os brancos separados dos negros.

Daniel: Eu acho que pobreza. Antes da copa do mundo todo mundo viu que não era um país totalmente pobre. Principalmente porque construíram vários estádios lá.

Tatiana: Eles construíram mais rápido que o Brasil. Isso que o Brasil...

Marcela: Tá. Cultura, população... Escassez em água então?

Daniel: Aquilo que se refere a comida. Esqueci a palavra. Gastronomia. Bota aí gastronomia.

Fabio: Eu colocaria a flora. Dos animais.

Tatiana: Flora de animais.

(risos)

Daniel: Ah bota relevo. Flora.

Tatiana: Clima.

Lucas: Clima tenso.

(pesquisadora retorna)

Juliana: Cultura, população, gastronomia, flora e clima.

Pesquisadora: Apareceu mais alguma coisa?

Daniel: A gente ficou pensando qual seria a melhor palavra. Eu enxergo um estádio de futebol na África. Os menininhos correndo um atrás do outro assim, atrás da bola. Os caras falando uma língua estranha que eu não sei o que é. Eu falei pra eles aqui. A África não é um país totalmente pobre. Que justamente eles construíram os estádios lá né. E muito mais rápido do que o Brasil tá fazendo aqui né?

Juliana: Só uma coisa. Por que eles conseguem construir estádios essas coisas mas pra população não tem as coisas?

Daniel: Isso é...

Tatiana: Depende do...

Lucas: Tem burocracia também. Por isso que demora.

Marcela: Eles ficam mais preocupados em crescer assim o país do que ajudar a população.

Daniel: Investir o dinheiro assim na saúde. Nos alimentos.

Juliana: Na água.

Marcela: Que nem aqui no Brasil que eles ficam construindo as coisas.

Daniel: Eu ia falar solidariedade. Mas nada a ver. Eu acho que é isso.

Grupo Focal 10 – Maio de 2012

Pesquisadora: O que vem na cabeça de vocês quando eu falo a palavra África?

Jéssica: Pobreza.

Ronaldo: Negro.

Pedro: Que é um continente. Dos mais pobres por sinal. Sem muitas condições de vida.

Júlia: Bichos.

Luis: Animais

Amanda: Descaso com a sociedade.

Tiago: Muita falta de água.

Amanda: Pobreza.

Ronaldo: Negros.

(risos)

Pesquisadora: Qual a primeira imagem que vem na cabeça quando vocês pensam na África?

Ronaldo: Um leão sentado assim. Em cima de uma pedra.

Tiago: Um negro passando fome.

Pedro: Gorilas.

Ronaldo: Nossa tem vários.

(risos)

Júlia: Elefantes.

Jéssica: Ah eu penso naquilo que a gente viu esses dias. Uma mulher e uma criança andando no deserto.

Ronaldo: Com chinelinho de garrafa pet.

Jéssica: Muito feio assim.

Amanda: Eu tenho uma imagem de uma pessoa doente no chão.

Pesquisadora: E quando a gente pensa na relação da África com o Brasil? O que vem na à mente de vocês?

Ronaldo: Eu acho que não tem nada parecido.

Júlia: É a economia assim.

Ronaldo: É tudo diferente. Tanto questões de clima, quanto questões de território assim. É totalmente diferente. Essas questões de terra. Esses bagulhos de política, economia. De escassez de água de comida. De um monte de coisa.

Pedro: Na minha opinião a África é muito importante para o Brasil afinal de lá vieram os escravos. De lá veio a abolição. A nossa evolução. Tanto a industrial quanto a populacional e também não podemos esquecer que o primeiro homem surgiu na África. E em questão de sociedade. Eu acho que a África tem uma certa relação com o Brasil. Porque sessenta e um por cento da população brasileira é negra. Então eu acho que tem uma certa relação.

Júlia: Eu acho que é por causa do Mandela que fez alguma coisa. Tipo comparando com a Dilma que lutou pelos direitos de voto, e o Mandela pelos direitos lá.

Pesquisadora: Que países da África que vocês lembram?

Ronaldo: Egito. África do Sul. Quênia. Etiópia.

Tiago: Moçambique. Bah...

Pedro: Tem um, mas eu não lembro se é na África ou na Ásia.

Jéssica: Angola né?

Pesquisadora: E uma pessoa que decide visitar algum país da África. O que vocês acham que chama a atenção pra ir lá?

Júlia: A pobreza.

Pedro: Eu acho que normalmente quando as pessoas viajam a turismo elas buscam uma coisa mais animada. Elas não querem ver o que é ruim. Então normalmente elas procuram as savanas que são muito bonitas.

Ronaldo: Ah conhecer os animais principalmente.

Jéssica: Sim. Cultura.

Pesquisadora: E as cidades na África como vocês imaginam que são?

Ronaldo: Sei lá. Nunca fui pra lá.

Pedro: Normalmente são cidades rústicas mais a exemplo da Mesopotâmia.

Ronaldo: Tá achando que tá na aula de História né?

Jéssica: Eu não sei se é igual aqui. Porque a economia é muito precária. Na copa, tu acha que eles conseguiram pagar todas aquelas dívidas que eles fizeram? Não conseguiram. Eles vão ficar anos pagando. Só porque eles construíram. Esse negócio da copa assim ralou com eles. Mas eu acho que é normal assim a cidade. Só que eles...

Ronaldo: Esses dois aqui é número. Porque não falam nada.

Pesquisadora: E isso que vocês conhecem sobre a África, vocês acham que é da onde?

Júlia: Televisão. Na televisão eles mostram muita realidade como é o mundo hoje em dia.

Pedro: Eu conheço dos livros. Porque eu gosto bastante de ler assim. Normalmente eu me informo bastante dessas coisas. Eu procuro saber pra poder entender.

Pesquisadora: Vocês já assistiram algum filme que se passa na África?

Ronaldo: Já. Já, vários.

Júlia: Até uns bem ruins assim. Porque todos esses filmes que passa lá as pessoas são magras, são negras...

(risos)

Júlia: Num deserto. Em guerra. É bem assim.

Amanda: Ah eu nunca vi.

Tiago: Tipo eu lembro de um filme assim. Mas não lembro do nome.

Pedro: *Guerra ao terror*.

Ronaldo: Tem um filme lá que vai a mulher e a filha. E elas ficam dentro do carro e o leão ataca eles dentro do carro.

Ronaldo: Ah eu conheço vários jogos que são feitos na África. *Resident Evil 5*.

Pedro: É *Resident Evil*.

Tiago: Sério todos esses?

Ronaldo: É tipo. O cara é infectado pela Malária.

Pedro: No *Resident Evil 5* que é mais atual também.

Jéssica: Eu vi um filme que não sei se é na África. Que ele viaja pra um deserto.

(assuntos paralelos)

(pesquisadora requisita as cinco palavras e sai da sala)

(assuntos paralelos)

Ronaldo: Tá cinco palavras. Negros.

Júlia: É, é...

Ronaldo: Pobreza.

Tiago: Doenças.

Ronaldo: Futebol.

Jéssica: Precisa de mais palavras.

Júlia: Miséria.

Pedro: Miséria inclui pobreza.

Tiago: Quantas tem?

Todos: Três.

Amanda: Pobreza, fome.

Jéssica: Malária.

(risos)

Júlia: Eu já vi uma coisa que tipo lá até os militares lá eles não deixam entrar comida. Porque é...

Ronaldo: Bah que trouxa meu.

Pedro: Se tem uma coisa que tem muito na África, são milícias.

Jéssica: Como assim?

Ronaldo: Ah sim claro o cara joga (nome de jogo).

Pedro: É que na África as milícias comandam regiões.

Jéssica: Ahan.

Pedro: Elas prometem ajuda pros habitantes só que na verdade elas só exploram os habitantes.

Ronaldo: Me diz uma coisa que tu não saiba.

(assuntos paralelos)

Pedro: Pode colocar opressão política.

Ronaldo: Milícias.

Pedro: Opressão política seria melhor.

Ronaldo: Desculpa.

Júlia: Perseverança. Com o Mandela.

Ronaldo: Negros. Quem vai ouvir esses negócios vai achar que a agente é muito racista.

Jéssica: Tu é racista. Não é a gente.

(pesquisadora retorna a sala)

Jéssica: Doença, pobreza, descaso social, animais e opressão política.

Pesquisadora: Mais alguma ideia?

Ronaldo: Mais ou menos. Milícias. Finalizado.

Grupo Focal 11 - Junho de 2012

Pesquisadora: O que vem na cabeça de vocês quando eu falo a palavra África?

José: Muitos negros.

Laura: Pra mim é fome.

Flávia: É fome...

José: Não sei... Acho que só.

Luiza: Calor.

Rodrigo: *Resident Evil 5*.

José: Tem pra play três e pra computador.

Eduardo: O (indecifrável). Um jogador lá. Que ganhou do inter.

José: Ah o Mazembe.

Pesquisadora: Quando vocês fecham os olhos. Como é a primeira imagem da África?

Flávia: O meu vem o mapa.

Luiza: Um lugar cheio de areia assim. Uma criança e uma casinha.

Laura: No meu foi um Safári.

Eduardo: O meu foi um prédio da copa do mundo que apareceu. Eu me lembrei do jogo.

José: Eu me lembrei daquela cena dos pretos batendo naquele saco lá.

(vários alunos falam juntos)

Luiza: Me veio na cabeça a cena aquela das crianças quebrando os dentes.

José: Como assim?

Luiza: É tem uns africanos que tem que quebrar os dentes. Com uma pedra.
(indecifrável)

Pesquisadora: E a relação da África com o Brasil?

Flávia: Em comparação com o Brasil, sei lá. O Brasil é primeiro mundo.

Laura: E não tem problemas. Tem problemas, mas não tantos.

Luiza: E eles gastaram milhões na copa do mundo. Pelo menos um pouco de dinheiro eles tem.

Laura: E o Brasil me chama lá uma empresa pro beira-rio.

(assuntos paralelos)

Luiza: Mas em compensação o que eles gastaram para fazer a copa do mundo lá na África. E eles tem um monte de gente passando fome.

Pesquisadora: E uma pessoa que decide fazer turismo na África. O que vocês acham que chama a atenção?

José: A fome. A saúde.

Laura: Eu acho que ele iria pra ajudar. Se tiver uma filha um dia. Pegar e mostrar pra ela como eles vivem lá. Pra ela ver as condições que ela tem no Brasil e tá reclamando.

Eduardo: É, é real isso aí.

Pesquisadora: Que países da África vocês lembram?

José: Mongólia. Moçambique eu acho. Cabo verde. Gana. Costa do Marfim.

Flávia: Todos do futebol.

(assuntos paralelos)

José: Aquele do E'to. Camarões.

Eduardo: É Camarões.

Pesquisadora: Vocês já assistiram algum filme que se passa na África?

Rodrigo: Já aquele. *Diamante de Sangue*.

Luiza: Aquele do *Indiana Jones* não é na África?

Flávia: *Selvagem* não é na África?

José: Aquele *007* não é na África?

(assuntos paralelos)

Laura: *Madagascar* não é na África?

Pesquisadora: Essas ideias que vocês tem sobre a África vocês acham que conhecem de onde?

Eduardo: Na TV.

José: É na TV.

Rodrigo: Internet essas coisas. Videogame.

(pesquisadora requisita as cinco palavras e saí da sala)

Luiza: Miséria.

José: Fome. Saúde.

Flávia: Saúde?

Eduardo: Tem que ser falta de.

José: Negros.

Laura: Afrodescendentes.

Luiza: Bota negros.

José: Afrodescendentes significa que é da África.

Luiza: Miséria tem já.

Flávia: Então bota fome.

Rodrigo: É que miséria mistura pobreza, fome.

Luiza: É...

Eduardo: Doenças na África.

Flávia: É doenças.

José: Saúde.

Laura: Coloca saúde.

Eduardo: Animais.

Rodrigo: É, é. Coloca animais.

(assuntos paralelos)

Luiza: Tá. Pobreza, negro, doenças, fome.

Flávia: Copa.

Laura: Isso, copa.

José: Copa do mundo dois mil e dez.

Luiza: falta só mais um.

Laura: Safári.

Rodrigo: É safári.

(assuntos paralelos)

(pesquisadora retorna a sala)

Luiza: Pobreza, negro, fome, copa do mundo dois mil e dez, safári.

Pesquisadora: Mais alguma ideia?

Rodrigo: Não. Não vem ao caso.

(assuntos paralelos)

Grupo Focal 12 – Maio 2012

Pesquisadora: O que vem à mente de vocês quando eu falo a palavra África?

Joana: Nada.

(risos)

Elisa: Na minha cabeça vem negro, pobreza.

Patrícia: Vem aquelas fotos no face que ficam publicando. Tá ligado?

Joana: Desnutrição vem bastante na minha cabeça.

Natália: Animais.

Patrícia: Calor.

(risos)

(assuntos paralelos)

Paulo: Animais.

Natália: Eu já falei animais.

Patrícia: Negros. Muitos.

Elisa: Pobreza.

Joana: Desnutrição. Animais. Sei lá.

Murilo: Falta de água né.

Elisa: Falta de tudo. Na real.

Pesquisadora: Se vocês fecharem os olhos. Qual a primeira imagem que vem na cabeça e vocês quando pensam em África?

Patrícia: Na minha é pobreza.

Joana: Tipo as crianças desnutridas vem na minha cabeça assim.

Elisa: É... Aquelas fotos.

Murilo: Pobreza.

Elisa: Pra mim vem muita pobreza.

Paulo: As árvores lá.

Natália: Uma zebra correndo.

Elisa: Na minha cabeça vem a imagem de uma criança muito magrinha. Com aquelas barrigas.

Natália: Ai que horror.

Elisa: Mas é sério. Barriga d'água não é o nome daquelas coisas?

Natália: Ai que tenso.

Joana: Pra mim vem uma imagem das criancinhas assim com fome.

Pesquisadora: E se nós pensarmos na relação da África com o Brasil. O que vocês acham que é parecido, que é diferente.

Joana: A pobreza tem muito lá e tem muito pra cá também.

Natália: Mas acho que não tanto.

Elisa: É aqui não tanto.

Murilo: Acho que aqui é um país um pouco mais desenvolvido.

Patrícia: É, um pouco mais.

Joana: Desmatamento.

Paulo: Pessoas passando fome. Tem muita gente aqui e lá passando fome.

Elisa: Não no mesmo nível.

Paulo: É não no mesmo nível.

Pesquisadora: E as cidades lá como vocês imaginam?

Murilo: Só da copa.

Natália: Só areia.

Murilo: Os estádios só.

Elisa: Só pobreza. Qualquer pergunta que tu me faça eu vou lembrar da pobreza.

Murilo: Lá só mostrava poucas cidades na copa. A propaganda da copa no Brasil passa por várias cidades. Pelo Rio, essas coisas. Mas lá não. Lá a propaganda mostrava uma rua, que era a rua do estádio e deu.

Paulo: E mostravam as florestas.

Natália: Mas acho que aqui no Brasil também é. As propagandas do Rio de Janeiro. Mostram o que tem melhor no Rio de Janeiro. O corcovado essas coisas. Não mostra as favelas.

Murilo: É.

(assuntos paralelos)

Pesquisadora: E seu perguntar que países da África vocês lembram?

Joana: Na minha não vem nenhum.

(risos)

Patrícia: É, nenhum.

Murilo: Bah nem me lembro.

Natália: Não sei.

Pesquisadora: Nada? Nenhum?

Todos: Nada.

Pesquisadora: E uma pessoa que decide visitar a África o que vocês acham que chama a atenção?

Elisa: Pela pobreza.

Natália: Eu acho animais também. A gente lembra muito do lado da pobreza porque a gente vivencia muito isso pela TV, pelas redes sociais. Mas se tu for pensar não é só a pobreza.

Joana: A pobreza é mais pro interior ali.

Natália: Eu se fosse pra África eu ia querer ir num safári.

Patrícia: O que chama atenção é isso. Ver o melhor que tem lá.

Pesquisadora: Isso que vocês conhecem da África vocês acham que vem de onde?

Elisa: Da mídia. Total.

Murilo: É da mídia.

Natália: Televisão.

Murilo: Tem um programa que dá na sexta. Como é que é? *Globo Repórter*. Sempre que vai pra África só mostra essas coisas. A única vez que eu vi cidade foi na copa. E só isso. Mostrava uma rua e deu. Depois ia pra floresta.

Elisa: Botam foto no *facebook* com mãe com criança morrendo essas coisas.

Joana: Muito desnutridos.

Pesquisadora: Que filmes vocês assistiram que se passam na África?

Murilo: Vários.

Patrícia: Não tem um do *Mr. Bean* que ele pasa por lá?

Natália: O filme do *Tarzan* também não é lá?

Murilo: E o filme tipo. Que é um exército e tem uma chacina lá. É um exército e eles começam a treinar pra matar a população.

Elisa: War.

Patrícia: É tri esse jogo, eu já joguei.

(assuntos paralelos)

(pesquisadora requisita as cinco palavras e saí da sala)

Elisa: Pobreza.

Joana: Desnutrição.

Natália: Eu acho que a natureza né os animais.

Patrícia: Pobreza, natureza.

Elisa: Eu acho que a natureza engloba tudo né?

Murilo: Quando tu vê na TV lá o povo vai buscar água.

Elisa: O povo é muito guerreiro.

Joana: União?

Elisa: Muito. Muito guerreiro.

Joana: União, força.

Natália: Eu acho que vai mais na força assim né. Como a Elisa falou. Porque eles tem muita força de vontade de superar aquilo.

Patrícia: É nem todos assim.

Natália: Por um lado se tu olhar ainda tem muita democracia né.

Murilo: Mas isso vem lá dos mais ricos. Lá não é classe média. É ou rico. Ou pobre.

Elisa: Miserável né.

Patrícia: Então miséria.

Natália: Invés de pobreza coloca miséria.

Joana: Eu acho que é muito forte miséria.

Elisa: Mas é o que é a realidade deles. É um povo que mora lá naquele areião que a gente vê.

Natália: O povo lá nem tem casa.

Murilo: Sim uns casebrezinhos muito seco.

Patrícia: Tá natureza.

Elisa: Uma vez colocaram a cena de uma mulher enterrando o filhinho num buraco.

Natália: Ah que horror. Me arrepiei todinha. Ano passado tinha um seminário de filosofia aqui na escola. Daí um gurizinho fez um vídeo. Falando “Você acha que a sua vida é horrível?” Daí aparecendo crianças na África passando fome. “Você não gosta do seu tênis?” Daí aparecia a criança na África sem sapato. Nossa eu chorei muito no vídeo dele. “Você não gosta da comida da sua mãe?” Quando vê apareceu um elefante fazendo coco e o gurizinho comendo assim de boca aberta.

Elisa: Ai.

Natália: Bah assim muito forte. Bem a realidade assim.

Murilo: Tem aquele programa o perdidos na tribo. Eles passam necessidade pra tudo. Bah eles dormem no chão. Eu morria de ver aquilo.

Elisa: Morrer eu não morreria.

Murilo: É, mas tipo... Largar tudo que tenho e ir pra lá. Eu não sobreviveria.

Patrícia: Tá natureza, pobreza, força...

Joana: Eu acho que a gente tem que colocar doenças.

Patrícia: Doenças.

Elisa: É febre amarela na África?

Natália: Malária.

Patrícia: Natureza, pobreza, força, doenças.

Natália: Tem animais.

Murilo: Mas animais se encaixa em natureza.

Joana: Aqueles negócios, campanhas que teve pra ajudar.

Elisa: É verdade. Pra ir pra lá, pra ajudar e tal. Tem um nome.

Murilo: Ah tipo de cruz vermelha. Alguma coisa assim. Ajuda bastante e leva comida e água pra lá.

Elisa: Tem um nome específico.

Natália: Ações.

(pesquisadora retorna)

Patrícia: natureza, pobreza, força, doenças, ações humanitárias.

Pesquisadora: Surgiu mais alguma ideia enquanto eu não estava aqui?

Murilo: A gente comentou da força do povo. Um povo muito unido. Um povo muito guerreiro. Com a dificuldade que eles passam eles conseguem se supera. E a gente vê essas imagens no facebook, na TV. E a gente sabe que passa necessidade mal chorando. Eu comentei sobre um programa que tá passando Perdidos na tribo. Que tu vê aquele povo eles tão rindo. Eles brincam entre eles. Eles tão felizes.

Elisa: É eles aprenderam a levar a vida.

Murilo: Eles têm um problema que é a necessidade. Mas eles sabem superar, eles sabem passar por cima e eles são felizes. De uma certa forma. Eles brincam. Eles têm atividade entre eles. Rituais que eles fazem. Então eles são felizes.

Elisa: E eu acho que assim. Tem tanta gente com muito. E muito sem nada. Tipo assim, olha quanto a gente vê um jogador gastar num carro ou num relógio. Daí a gente olha na África as crianças tudo morrendo.

Murilo: O Drogba, ele vem da África. E logo que ele ganhou a *Champions League* falaram que ele recebeu. Ele botou não sei quantos milhões em um hospital no país dele. Tava lá o hospital, muito precário. Então ele mandou derrubar o hospital e fazer um novo. Eu achei muito legal ele fazer isso. Outra que é uma nada pra ele. Porque ele ganhou muito dinheiro.

Elisa: Outra pessoa que tem ações muito bonitas é a Angelina Jolie e o Brad Pitt. Porque ela adota as crianças. Ela tem um filho de cada etnia. E sempre que ela pode ela tá indo na África ajudar essas coisas. Eu acho bem legal isso. Ela tem dinheiro e ela fica ajudando as outras pessoas, enquanto tem muitos que tem um monte de dinheiro e não ajudam. E não olham nem pro lado, pensam num carro, num relógio. É o egoísmo.

Murilo: Com certeza ela não faz isso pra se mostrar. Porque se ela quisesse se mostrar ela não ia adotar uma criança, digamos assim, negra. Não ela foi lá com todo o amor. Adotou um de cada etnia. Vai na África, sempre que ela pode ela tá lá.

Elisa: E não chama Papparazzi. Não chama nada. Eles procuram ela.

Murilo: Esse negócio do Drogba saiu vazando também. Porque lá é um país muito pobre. Daí do nada saiu um hospital. Eu vi uma entrevista dele dizendo que ele não queria que soubessem. Ele fez isso por amor.

Elisa: Poucas pessoas são assim hoje em dia.

Murilo: Pra nós eu não posso dizer que eu faria assim. Ele nasceu lá, ele viveu lá. Ele viu o problema de morar lá.

Elisa: A Angelina Jolie começou a ONG quando ela foi fazer um filme lá. Ela viu a necessidade, ela viu, ela passou por aquilo. Ela teve que passar por aquilo pra fazer o filme. Ela viu a realidade e encarna esse personagem que ela fez. É difícil pra uma pessoa que tem tudo, chegar lá em não ter nada. Chegar e vai ter que passar uma semana sem nada, viver da maneira que eles vivem. É difícil. Muda muito a cabeça de uma pessoa. Se tu ver os jogadores do Brasil que não vão pra lá. Não sabem a realidade. Claro que eles vão gastar num relógio, num carro, numa mansão.

Murilo: E outra coisa. Voltando nesse programa. Esse programa é tipo umas famílias riquinha que vão pra lá e sofrem muito. Com certeza. Tenho certeza que quando eles voltarem pra cá ou eles vão esquecer totalmente ou eles vão dar muito valor. É que nem quando tu é filhinho de papai e começa a trabalhar. E vai ter que bancar tuas coisas. Tu vai ter que bancar tuas coisas. Eles vão ver muito a diferença lá. A brincadeira deles aqui é senta na frente de um videogame e ver dois caras se batendo lá. A brincadeira lá é se bater. É o que eles têm, eles não podem fazer muita coisa.

Elisa: Eu admiro os atletas de lá pela força que eles têm. Tudo que eles têm que enfrentar pra conseguir o que eles querem. Eles gostam eles vão atrás. Eles têm que passar por muita coisa pra conseguir. Imagina o que esse jogador deve ter passado pra chegar na Europa. E estar lá ganhando milhões. Milhões.

Murilo: Tipo os jogadores aqui. Eu posso falar porque eu já fiz teste em vários locais. Então, por exemplo, eu fui em clubes que teve gente que se destacou e não pode entrar porque já tinha panela. E esse cara que não tem ninguém no clube. Eles não têm tênis, eles não têm roupa.

Elisa: Começa no areião.

Murilo: Joga de pé descalço. A gente joga no areião aqui com medo de cair. Ele com certeza se ralou muito.

Elisa: E quando fala em África assim eu me faço a pergunta. E onde ficam os políticos?

Murilo: Pois é.

Elisa: Porque tanta miséria. Tanta pobreza. Tantas coisas ruins e cadê os políticos? Não dá pra tentar melhorar isso um presidente, um governador, um prefeito?

Murilo: Uma mentalidade de uma criança de cinco anos vê a África daquele jeito e acha que não tem presidente lá. Vai achar que não tem... Por exemplo, ela entra na escola na sexta série ela começa a aprender hierarquia essas coisas. Daí ela vê a África. Quem é que tá lá?

Elisa: É tudo roubado.

Murilo: Mas é a África. Parece um país jogado. Uma natureza.

Elisa: Tu pode pensar assim... Parece bem clichê se tu for ver é um lugar abandonado. Onde deus esqueceu de passar.

Murilo: É isso.

Elisa: Olha tudo o que eles passam. Hoje em dia século vinte e um. Ninguém mais passa por tudo aquilo que eles passam. E eles continuam lá sofrendo e não tem saída. Eu fico impressionada.

Murilo: A pessoa quer tudo pra si e não quer nada pros outros.

Natália: É verdade. O mundo é o meu umbigo.

Elisa: O resto é o resto.

(os alunos conversam sobre um trabalho que fizeram pra Geografia no ano anterior, mas não lembram qual país escolheram)

Grupo Focal 13 – Junho 2012

Pesquisadora: O que vem na cabeça de vocês quando eu falo a palavra África?

Fernanda: Florestas.

Simone: Fome.

Alexandre: Um grande espaço. Deserto.

Lia: Violência.

Marcelo: Violência.

Lia: Índios?

Bruno: Safári.

Fernanda: Sei lá porque eu pensei em um leão.

(assuntos paralelos)

Pesquisadora: Se cada um de vocês fechar os olhos e pensar em uma imagem da África. Que imagem aparece?

Simone: Na minha vem um monte de pessoa morena. Crianças todas magras secas.

Marcelo: Passando fome.

Simone: Ahan. Passando fome. Numa miséria né. Eles tudo assim descalços, sem assim muita roupa. E acho que só.

Fernanda: Veio um lugar tipo... Não tribos. Com várias pessoas juntas. Também a mesma coisa. Quase sem roupa. Magras.

Alexandre: Foi tipo isso também. Animais e coisas lá. Bastante diversidade de animais e tal. Mas mais esse negócio de pobreza.

Lia: Pra mim foi também tipo, essas pessoas pobres na rua pedindo coisas. Passando fome assim.

Bruno: Pra mim vêm florestas. Paisagens. Bastante diversidade de animais. Essas coisas.

Marcelo: Pra mim veio pobreza também.

Pesquisadora: Como são as cidades na África?

Fernanda: Bem pobres no caso.

Marcelo: Mas tem umas que não também. Aquelas cidades que tem na copa do mundo por exemplo.

Pesquisadora: E se a gente pensar na relação da África com o Brasil, o que vocês acham que é parecido, que é diferente?

Lia: É que o Brasil é uma mistura de população né? Na África já não é mais tanto.

Alexandre: Acho que um pouco da desigualdade também.

Fernanda: É desigualdade é igual.

Alexandre: Acho que a corrupção.

Simone: A natureza também.

Bruno: Tem os bichos. Tem bastante diferença.

Pesquisadora: Que países da África vocês lembram?

Alexandre: Moçambique. Togo. Congo. Quênia. Namíbia.

Alexandre: Nigéria, também.

Fernanda: Níger.

Alexandre: Camarões.

Bruno: Madagascar.

Pesquisadora: Vocês já assistiram algum filme que se passa na África?

Alexandre: Madagascar.

Bruno: A múmia.

Marcelo: O senhor das armas.

(assuntos paralelos)

Pesquisadora: De onde vocês conhecem essas coisas sobre a África?

Fernanda: Algumas vêm da mídia. Outras da aula de Geografia. Trabalhos.

Alexandre: Eu gosto muito de mapas essas coisas.

Fernanda: Por isso que ele sabia tantos países.

Alexandre: É eu gosto de altas.

(pesquisadora requisita as cinco palavras e sai da sala)

Marcelo: Pobreza.

Alexandre: Pobreza, fome, miséria.

Lia: Miséria tá incluído em fome.

Bruno: Desigualdade ele falou ali,

Fernanda: Desigualdade.

Simone: O que mais?

Bruno: Diversidade sei lá, de animais. Diversidade.

Alexandre: Mais dois né.

Lia: O que tem?

Fernanda: Miséria, desigualdade social, diversidade de animais.

Marcelo: Pobreza?

Simone: Doenças?

Fernanda: Afrodescendentes né na África? Posso colocar?

Simone: População afrodescendente.

Fernanda: Tem mais alguma?

Lia: Danças sei lá. Cultura.

Bruno: Bota sei lá. Primeiro continente.

Marcelo: Atraso. Acho bem primitivo lá.

Fernanda: Ah é continente primitivo.

(indecifrável)

Bruno: Tem muita parte da África que tem coisa do neolítico sei lá. Primitivos.

(retorno da pesquisadora)

Pesquisadora: Se alguém decide fazer turismo na África. O que vocês acham que chama atenção deles?

Simone: Ah pra verem a pobreza né, como é que é.

Alexandre: Mais é tipo animais.

Bruno: É tipo safári. Cultura.

Pesquisadora: Mais alguma coisa que vocês falaram depois?

Pesquisadora: Quais foram as cinco palavras?

Fernanda: Miséria, desigualdade social, diversidade de animais, doenças e continente primitivo.

Lia: A gente falou que mesmo tendo as adversidades eles tinham força pra...

Grupo Focal 14 – Junho de 2012.

Pesquisadora: O que vem na mente de vocês quando eu falo a palavra África?

Marina: Pobreza.

Felipe: Danças.

Letícia: Religião.

Bernardo: Shakira.

(risos)

Marina: Fome, caçador.

Bernardo: Fome...

Henrique: Tristeza.

Felipe: Mas lá também tem coisas boas.

Marina: É. Não quer dizer que lá eles não sejam felizes.

Letícia: É, eles não têm quase nada e são felizes.

Bernardo: Sabem sobreviver né.

Felipe: Caça.

Henrique: Em um ambiente hostil.

Adriana: Animais.

Henrique: Escravos.

Adriana: Bastante crianças.

Bernardo: Também tem muitas doenças.

Pesquisadora: Se vocês fecharem os olhos qual a primeira imagem da África que vem na cabeça de vocês?

Bernardo: Uma mulher. De mais ou menos uns trinta anos com um bebê no colo, negra. E mais ou menos com uma savana atrás.

Letícia: Eu imaginei uma mãe bem magrinha. Com uma criança do lado. Pobre. É que eu tenha essa imagem da África.

Marina: Uma criança pedindo comida assim. Magra. Pedindo ajuda.

Henrique: Eu imaginei canibais. Caçando. Foi o que eu imaginei.

Felipe: Eu também imaginei uma mulher com uma criança no colo. Perto. Numa casa assim de tijolo, passando fome e atirada no chão.

Adriana: Eu imaginei uma região bem pobre, seca e bem precária.

Pesquisadora: E se eu perguntar pra vocês como são as cidades na África?

Felipe: Como as daqui. Só que bem...

Bernardo: Não. Não, acho que não. Bem diferente.

Henrique: Bem diferente. Muitas marcas na parede de tiro. Por causa da ONU lá né? Paredes despedaçadas.

Bernardo: É rachadas.

Felipe: Tem muitos lugares diferentes na África. Não quer dizer que tudo seja assim. Isso é o que aparece na mídia.

Marina: É o que mais tem.

Bernardo: As casas sem teto. Isso aí que bem vem na cabeça.

Adriana: Gente na rua. Morando na rua.

Marina: Militar na rua.

Pesquisadora: E a relação da África com o Brasil?

Bernardo: Aqui tem racismo, tem muito. E lá é outra coisa.

Adriana: Lá é mais político.

Henrique: Lá o bicho corre solto.

Bernardo: Eu vi também uma reportagem.

Felipe: Uma coisa que a África e o Brasil é parecido é na capoeira. Na cultura.

Bernardo: Eu vi uma reportagem. Que os negros, uns três da África vieram ao Brasil. Daí eles apanharam dos policiais porque eles achavam que eles estavam roubando. Só por causa da roupa que eles vestiam.

Henrique: Lá tem muitos casos.

Pesquisadora: O que chama atenção de uma pessoa pra ir pra África?

Marina: A pobreza.

Felipe: Os animais. Os animais exóticos.

Bernardo: Os animais exóticos...

Henrique: Eu acho que oitenta por cento é isso. Por quê? O que tem lá de interessante na África? É isso...

Bernardo: Sim, vai lá pra caçar né. Nem pra caçar muito. Aqueles carrinhos que andam lá. Dos... Eu não me lembro o nome agora.

Felipe: Jipes?

Bernardo: Isso, jipe. Pra fazer safári. Acho que oitenta por cento é mais pra isso.

Henrique: Lá tem muitos animais e os animais são muito bonitos. Daí se imagina visitar.

Marina: E até mesmo. Algumas ONGs saem daqui pra ajudar crianças de lá.

Bernardo: Isso é bem verdade.

Letícia: O Brasil já mandou bastante comida pra lá.

Felipe: O ruim só é que é pouca mobilização da população. Normalmente as pessoas gostam de cuidar do seu lado. Adiantam o lado dela e botam no do outro.

Henrique: O que falta lá é saúde.

Felipe: Falta saúde pública. Falta comida. Não, não falta comida. O que acontece é que tá mal distribuída a renda é isso.

Henrique: Se cada um dos países doasse pelo menos.

Bernardo: É triste tu ver isso. Porque os países não vão querer perder pra ajudar as outras pessoas. Tem a ONU que é pra ajudar as outras pessoas.

Felipe: Cada país. E suprimentos pra fazer isso. Pra apartar briga.

Pesquisadora: Que países da África vocês lembram?

Felipe: Tem Angola. Madagascar é um país da África?

Bernardo: É uma ilha né?

Felipe: África do Sul. É difícil lembrar. Camarões?

Adriana: Gana.

Felipe: Acho que esses são os principais.

Pesquisadora: Isso que vocês conhecem sobre a África, vocês viram aonde?

Felipe: Muitas vezes dos livros e dos trabalhos de Geografia.

Bernardo: Foi em alguns filmes em alguma notícias.

Henrique: Sempre tem alguma coisa na mídia,

Bernardo: A gente conversa as vezes sobre esses assuntos. O Haiti. Deu os acontecimentos nas notícias.

Marina: Eu acho que na TV e internet.

Bernardo: É também.

Henrique: Tem que ter uma base pra discutir com os amigos.

Pesquisadora: Vocês lembram algum filme que vocês assistiram que se passa na África?

Bernardo, Henrique e Felipe: *Diamante de Sangue*.

Bernardo: Bah é muito bom.

Henrique: *Besouro verde*. Não, não é o *Besouro*. Que é um capoeirista.

Bernardo: Não vem nenhum outro.

Felipe: Tem uns relances assim em algumas partes da África. Tipo o *senhor das armas*.

Felipe: O Madagascar.

Adriana: Em cliques também. Tem um da Shakira que aparece a África.

Bernardo: Do Akon também.

Felipe: *Resident Evil 5* que é o videogame.

Bernardo: Ah eu não conheço esse.

Felipe: É ótimo. Joga com um cara e uma guria. Os gráficos desse jogo são muito bons. Tem umas partes que se passam assim lá na África. Daí tem umas pessoas atiradas no chão. Tudo direitinho assim. Os caras ficam andando assim gritando assim no jogo. E ai tem um carinha que vende maçã, mostra direitinho.

(pesquisadora requisita as cinco palavras e sai)

Bernardo: O grupo tem que decidir em conjunto?

Adriana: Pobreza.

Felipe: Pobreza.

Marina: Fome.

Henrique: Guerra.

Letícia: Cultura.

Bernardo: Ocorre racismo também lá.

Henrique: Guerra.

Adriana: Política.

Bernardo: Milícias.

(assuntos paralelos)

Adriana: Mas tem negro que odeia negro.

Felipe: Lá é diferente. A comunidade deles é baseada no fator cultura. Não é que nem aqui que tem uma diversidade de culturas.

Bernardo: Acho que essa gente que viaja...

Felipe: A população da África é muito maior...

(assuntos paralelos)

Henrique: Bota aí negros.

Letícia: O que é milícia?

Felipe: É um grupo armado, que tu tem que pagar pra ele te proteger. Entre aspas.

Bernardo: Tipo máfia.

(pesquisadora retorna)

Marina: Pobreza, fome, cultura, política e milícias.

Pesquisadora: Mais alguma ideia?

Bernardo: A gente pensou em colocar doenças.

Grupo Focal 15 – Junho de 2012

Pesquisadora: O que vem na cabeça de vocês quando eu falo a palavra África?

Ronaldo: Fome. Fome. Fome.

Carmen: Fome. Negros.

Carolina: Rocinha.

Romário: Fome. Pobreza.

Rivaldo: Pobreza.

Romário: Miséria.

Ronaldo: Fome.

Romário: Miséria é uma palavra muito forte.

Rivaldo: Pobreza.

Helena: Falta de saúde.

Ronaldo: Pobreza.

Romário: Miséria.

(assuntos paralelos)

Carolina: Aquelas criancinhas passando fome sabe?

(assuntos paralelos – único grupo com dificuldade de permanecer no diálogo)

Ronaldo: Fome. Pobreza. Miséria.

Romário: Pobreza.

Ronaldo: Trabalho escravo.

Carmen: Falta de saúde.

(assuntos paralelos)

Carolina: Doenças.

Helena: Aquelas bacias que eles transportam água na cabeça.

Rivaldo: Quando tem os bichos assim. Tipo Leopardo.

Romário: Nudismo.

Ronaldo: Eu acho que também, pobreza.

Romário: Tu já falou isso.

Pesquisadora: Cada um fecha os olhos e pensa em uma imagem de África.

Rivaldo: Leões. Tão numa savana lá que eles têm.

Carmen: Daqui a pouco ele grita “socorro tão me atacando”

(risos)

Helena: Eu lembro de uma foto que eu vi na internet.

Ronaldo: É pra imaginar.

Helena: Mas é a única coisa que eu consigo pensar. Que são duas crianças com um prato assim.

Carolina: Pra mim me lembra criança com fome, mais assim.

(falam todos juntos)

Carmen: Guerra.

Romário: Eu imagino mais ou menos o que a Carolina falou sim. Uma criança e tal. Um pouco do que o Rivaldo falou também.

Ronaldo: Pra mim o que me lembra é uma criança com fome. E a mãe limpando , fazendo de tudo pra dar alimento pro filho.

Pesquisadora: E pensando nas cidades da África? Como elas seriam?

Romário: Cidades muito pobres.

Carolina: A gente pensa naquelas aldeias lá. Quando vê alguém novo assim.

Ronaldo: Não pelo o que eu vi eles na copa eles têm umas cidade maravilha assim, que são bem ricos. Só lá também.

Helena: Aquele monte de criança chorando.

Romário: É que a África é muito mais do que a gente imagina e vê foto no facebook também.

Carolina: É verdade, tem muito espaço que a gente não conhece. E aqueles médicos que vão pra ajudar. Do Brasil pra lá pra ajudar. Aquelas aldeias que eles vão pra ajudar.

Rivaldo: Malária.

Pesquisadora: O que vocês acham que tem de parecido e de diferente entre a África e o Brasil?

Romário: Parecido a pobreza.

Carmen: A raça.

Ronaldo: A pobreza, a fome. Tem muito lugar no Brasil que tem fome também.

Romário: Tem muito lugar que também não tem saúde.

Carmen: Desigualdade social.

Romário: Desigualdade social, muito bom.

Carmen: Porque se tivesse igualdade todo mundo ia ter saúde, todo mundo ia ter um lugar pra morar.

Rivaldo: Aqui também a gente sofre muito com a saúde. Tem muita gente que as vezes morre porque não consegue fazer isso. Não conseguem ganhar a saúde adequada que elas precisam. Esses dias mesmo morreu uma mulher grávida, que morreu a criança.

Carolina: Ah um estudo também. Porque as crianças... Por que tem gente que tem um colégio aqui e pode ter gente que tem um colégio lá. Mas lá não é nem o básico. Lá é pior. Eles não têm nem um caderno. O colégio de lá assim no chão na parede.

Ronaldo: Sim é uma oca e aí eles sentam no chão.

Carolina: Não é índio é África.

Pesquisadora: Quais países da África que vocês lembram?

Romário: África não é um país?

Ronaldo: África do Sul.

Carmen: Cuba. Cuba é na África.

Romário: Trinidad Tobago.

Ronaldo: Costa do Marfim.

Rivaldo: Oceania.

Romário: Vou pegar o mapa-múndi ali.

Ronaldo: Tem o Drogba. É da Costa do Marfim. Que eles têm os elefantes alguma coisa.

Romário: Tem o Kalou também que joga no Chelsea.

(assuntos paralelos)

Pesquisadora: E alguém que decide visitar algum desses países da África. O que vocês acham que chama a atenção?

Ronaldo: Os animais. A selva livre assim.

Carolina: Sinceramente?! (indecifrável)

(risos)

Romário: Eu acho que é pra ver os animais assim.

Ronaldo: Lá é um negro bem diferente, é um tom bem diferente.

Carmen: Tem a classe.

Rivaldo: Muita gente quer ir lá ajudar na saúde nos estudos. Aqui mesmo do Brasil aquela vez que teve...

Carolina: Pra descobrir mesmo os sentimentos carentes.

Pesquisadora: Essas informações que vocês sabem sobre a África. De onde vocês acham que conhecem?

Ronaldo: Eu fico sabendo pelos filmes, pela TV.

Carolina: Pela televisão.

Carmen: Pelo *Tumblr* pela TV.

Helena: Documentários.

Ronaldo: Pelo *facebook*.

Romário: TV Cultura.

Carolina: Na ONU também.

Ronaldo: Bota no canal sete e no canal doze.

Carolina: Eu vi já faz uns meses que a Angelina Jolie tava lá né?

Helena: E a Gisele Bündchen também.

Romário: Tu viu o que o Drogba fez? Ele ganhou uns patrocínios e abriu um hospital lá na terra dele.

Pesquisadora: Que filmes que vocês assistiram que se passam na África?

Ronaldo: Rei Leão.

Carolina: O último rei da Escócia.

Romário: Esse eu vi também.

Rivaldo: Conexão Jamaica. Ah não é lá Jamaica. Não é lá.

(risos)

(muitos alunos falam juntos)

Ronaldo: Tem um 007 que passa lá também.

Romário: Eu vi um que um cara tinha um hotel. E tinha guerra lá.

Carmen: Rei Leão pode ser um desenho mas mostra tudo lá.

Ronaldo: Mogli.

Rivaldo: Tarzan.

Helena: George o Rei da floresta.

(assuntos paralelos)

Ronaldo: Tem o jogo o *Resident Evil 5*.

Romário: Os bichos são loucos.

(assuntos paralelos)

(pesquisadora requisita as cinco palavras e sai da sala)

Carolina: Carência pode ser.

Rivaldo: Miséria. Coloca miséria, porque miséria já diz fome e...

Carmen: Como é que se escreve miséria:

Carolina: Miséria é com "s".

Carolina: Bota carente que eles são carentes de muita coisa.

Helena: E saúde pública.

Ronaldo: Falta de saúde.

Rivaldo: Desigualdade social.

Romário: Cultura.

Carmen: Fome, carência, saúde, miséria e cultura.

Carolina: Acabou?

Pesquisadora: Mas alguma coisa que faltou vocês falarem sobre a África?

Carolina: Ajuda. Eles precisam de ajuda.

Romário: Fome.

Carmen: Porque a gente tá fazendo isso sobre a África?

Grupo Focal 16 – Junho de 2012

Pesquisadora: Qual a primeira coisa que vem na mente de vocês quando eu falo a palavra África?

Ana: Pobreza.

Michel: Miséria.

Diego: Negros.

Manuela: Fome.

Camila: AIDS.

Marcos: Fome.

Ana: Sujeira.

Diego: (indecifrável)

Marcos: Nelson Mandela.

Michel: Mazembe.

Diego: Jabulani.

(risos)

Michel: Quilombo.

Ana: Eu acho que só.

Pesquisadora: Se vocês fecharem os olhos e pensarem qual a primeira imagem que vem da África?

Marcos: Ui. Morte.

(todos falam juntos)

Michel: O Drogba. Que é da Costa do Marfim.

Diego: Selva. Savana.

Ana: Um elefante.

Michel: Kidiaba. É o goleiro do Mazembe.

Manuela: Muita criança. Todas doentes.

Diego: Negros correndo.

Camila: Eu tinha pensado em crianças também.

Pesquisadora: E se vocês pensarem na África e no Brasil. O que é parecido e o que é diferente de lá?

Michel: Nada.

Ana: Acho que a condição de vida aqui no Brasil talvez não sei mas, bem melhor do que lá.

Diego: Pobreza.

Pesquisadora: E as cidades lá como vocês imaginam?

Ana: Eu não imagino cidade lá.

Marcos: Eu imagino sei lá vilas. Tendas assim, barracas. Uns prédios dificilmente.

Pesquisadora: Que países da África vocês conhecem?

Diego: Costa do Marfim. Quênia. Congo.

Camila: Eu sou muito ruim nessas coisas de país.

Michel: Camboja.

Ana: Madagascar faz parte da África?

Diego: Gâmbia.

(assuntos paralelos)

Marcos: Não tem como não ver também né. Acontece muito essas coisas na África só que ninguém presta atenção. Passa no jornal.

Diego: A gente lembra de jogar futebol. De jogar videogame.

Pesquisadora: De onde vocês conhecem essas coisas que vocês me falaram sobre a África?

Diego: Da copa.

Camila: Internet.

Michel: Fifa 2012.

Marcos: Copa do Mundo.

Pesquisadora: Vocês já assistiram algum filme que se passa na África?

Manuela: *Quem quer ser um milionário* passa na África né?

Diego: *Invictus*.

Marcos: Aquele, diamante de sangue.

Michel: *Rambo*.

Diego: O Mandela.

(pesquisadora requisita as cinco palavras e sai da sala)

Michel: Negros.

Diego: Miséria.

Ana: Fome.

Manuela: Doenças.

Marcos: Copa.

Diego: Tortura.

Camila: Tortura?

Diego: Tem muitos negros lá que passam por tortura.

Michel: Escravidão.

Ana: Tira tortura.

Diego: Fome e miséria é a mesma coisa.

Camila: Nem todos foram na África.

Manuela: Tira a fome.

Todos: Por que a fome?

Diego: Fome e miséria é a mesma coisa.

Marcos: Não é não.

Ana: Eu acho melhor tirar tortura.

Michel: Bota fome e tira copa do mundo de uma vez.

Diego: Doenças. Doenças.

Ana: Tira tortura.

Diego: Tira negros.

Camila: É o que mais tem.

Ana: Tira tortura logo.

Diego: Tira tortura.

(assuntos paralelos)

(pesquisadora retorna)

Marcos: Negros, doenças, miséria, copa do mundo e fome.

Pesquisadora: Mais alguma ideia surgiu agora?

Diego: A escravidão.

Michel: Tortura.

Marcos: Surgimento.

Pesquisadora: As pessoas que decidem fazer turismo na África. O que vocês acham que chama mais atenção?

Michel: A copa.

Diego: Eu acho que as pessoas vão mais pra ver a parte mais pobre da África. Parte mais social.

Ana: Os bichos.